

VERDADE E LUZ

Semcaridade não ha salvação.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre.—Tal é a lei.

Orgão do Espiritualismo Científico — PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director responsavel — ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA

S. PAULO

Collaboradores — DIVERSOS

BRAZIL

ANNO III |

Quinta-feira, 15 de Fevereiro de 1893

| Num. 66

Assignaturas

Anno 28000

REDACÇÃO E OFFICINA

4—RUA DA INDEPENDENCIA—4

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

- Manaus (Estado do Amazonas) Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.
- Formosa (Estado do Goyaz) Sr. Joaquim Honorio Pereira Dutra.
- Aracajá (Estado de Sergipe) Sr. José Egydio da Fonseca.
- Tres Pontas (Estado de Minas) Sr. Benjamin Lacôrte.
- Itatiba: Sr. João Moraes Luz.
- S. Simão: Sr. José Rodrigues Guimarães.
- Estação de Boituvã: Sr. Antonio Meyer.
- Mogy das Cruzes: Sr. Pedro Francisco Kauer.
- Sorocaba: Sr. M. J. M. Guimarães rua do Commercio n. 10.
- Campo Largo do Sorocaba: Sr. José Wencoslaw da Silva.
- Tatubá: Sr. Thomas Cornelio de Mascarenhas Camargo.
- Tietê: Sr. José Prestes de Oliveira.
- Botucatu: Sr. João Baptista de Amorim.
- Itapelinha: Sr. João Pereira Ignacio.

Aviso

Para que todos, indistinctamente, possam conhecer do labor de tantos sábios que tanto se interessam pelo descobrimento da verdade e pelo aperfeiçoamento da humanidade, resolvemos reduzir o preço da assignatura da *Verdade e Luz* a dois mil reis por anno, podendo os nossos confrades que, como nós, desejam contribuir para a diffusão de luzes ao planeta nos auxiliarem com quantias que lhes aprouverem.

Pedimos a todos a quem temos remettido a nossa folha e que não pagaram as suas assignaturas, bondade de mandarem pagar a assignatura do corrente anno (dois mil reis) a fim de não soffrerem interrupção na remessa.

Nos lugares onde temos agentes pedirei a elles dirigir-se os interessados.

Aqui na capital estão auctorizados a receber as assignaturas os nossos amigos srs. Luiz da Silva Lima, rua de S. Bento n. 82 (charutaria), e José Monteiro de Abreu, Largo do Thezouro n. 3 (charutaria).

VERDADE E LUZ

Vende-se na rua de S.

Bento n. 82 (charutaria).

Travessa do Commercio

n. 6 (emprega jornalística).

Largo do Thezouro

n. 3 (charutaria). Rua

de S. Bento n. 81 (chalet

de bilhetes de loterias) e

na rua da Independencia

n. 4, a 100 rs. o numero.

O producto é destinado á

Sociedade Typographica

Beneficente.

ESTUDOS SOBRE O PERISPIRITO

IMPRESSÕES E MOLDA-GENS

DE FORMAS MATERIALIZADAS

Depois que foi obtida em todos os paizes uma infinidade de photographias spiritus, já não é mais licito duvidar da existencia objectiva desses espiritos. E desses phenomenos resulta para nós a certeza de que a alma, depois da morte, não é essa entidade vaga que as religiões e as philosophias nos habituaram a considerar.

Ha muito que o Spiritismo ensina que o eu consciente, ou alma, é revestido d'um involucro a que se chama *perispírito* (1).

E' o perispírito o molde fluido em que se encorporea a materia durante a vida, e elle que, sob o impulso da força vital, mantém o typo específico e individual, pois que é invariavel em meio do fluxo incessante da materia organica.

O perispírito não se destrue com a morte, conserva-se intacto em meio da desorganização da materia. Nolle é que se acham gravadas as acquisições da alma, para que assim possa recordar-se do passado.

O espirito é capaz de, em certas condições, accumular

no seu perispírito a força vital sufficiente para dar uma vida momentanea ao organismo fluido, e este, com a materia emprestada do medium, póde adquirir a tangibilidade d'um corpo ordinario. E' uma verdadeira criação, com duração, porém, effemerica, porque effecua-se sem os processos habituaes da natureza.

Concretizando-se, o perispírito póde deixar impressões em paraffina, em argilla ou em folhas de papel ennegrecidas.

Passemos a apresentar alguns exemplos dessas manifestações:

Já antes de obterem-se moldes de formas materializadas, verificára-se que os espiritos podiam deixar impressões que provavam a sua tangibilidade.

Em um primeiro lugar o testamento de Zoellner (2).

«Num vaso cheio de farinha, achou-se a impressão d'uma mão, com todas as sinuosidades da epiderme distinctamente visiveis, e, ao mesmo tempo, via-se que uma porção de farinha, que apresentava os traços d'uma mão grande e vigorosa, fóra deixada na calça do sr. Zoellner, sobre o joelho, onde, um minutos antes, elle sentira-se agarrado.

As mãos de Slade continuavam constantemente sobre a mesa, e, sendo examinadas, não se lhes achou vestigio algum de farinha. A impressão era a d'uma mão maior que a mão de Slade.

«Obteve-se uma impressão mais duradoura, com papel ennegrecido a luz d'uma lampada de protóico, collado n'uma prancheta, e no qual appareceu o rasto d'um pé descalço.

A pedido dos professores, Slade levantou-se, tirou o calçado, mostrou os pés, mas nestes não se achou vestigio algum de pó negro.

Os seus pés, que foram medidos, tinham *quatro centímetros* menos que a impressão.

Slade e Zoellner repetiram a experiencia empregando uma ardósia em vez d'uma prancheta: a impressão recebida foi

photographada e reproduzida.

O professor chama a attenção para o facto de, evidentemente, ser essa impressão a d'um pé que tinha sido comprimido pelo calçado estando um dedo encoberto por outro, tão completamente que não era visivel. Essa impressão não podia ser produzida pelo pé de Slade...»

«Uma tentativa para obterem-se siguanes de pé, sem o contacto de Slade, produziu bom resultado apesar de ter o medium declarado que achava impossivel o facto: o sr. Zoellner preparou, com o fumo d'uma lampada, duas folhas de papel, pô-las dentro d'uma ardósia de charneira e collocou esta sobre os joelhos, a fim de tê-la á vista. Cinco minutos depois, numa estancia bem alumiada, estando todas mãos sobre a mesa, sentiu o sr. Zoellner, por duas vezes, uma pressão sobre a ardósia que se achava sobre os seus joelhos, e, como ao mesmo tempo tres pancadas batidas na mesa tivessem anunciado que a experiencia estava concluida, abriu-se a ardósia e duas impressões, uma d'um pé direito, outra d'um pé esquerdo, foram achadas no papel disposto de cada lado da ardósia.»

EM NAPOLES

Es agora as impressões deixadas em farinha e em argilla (3).

O professor Chiaia, de Napoles, obteve tambem materializações de espiritos com o concurso da sua medium Rusapia Paladino. Não satisfeito com photographar o espirito, elle resolveu conservar ainda uma lembrança que mais provasse, de alguma sorte, a propria forma da apparição e, para isso, imaginou o dispositivo seguinte. Tomando uma bandeja cheia de farinha, pediu que o espirito ali imprimisse o rosto, a mão, e o resultado foi coroado de effeito, si bem que um tanto confuso, por causa da friabilidade da substancia empregada.

(1) Veja-se o meu livro: *O Perispírito*, no *perispírito* e *no livro*, Clamuel, editor.

(2) Eugenio Nis. Livro citado, pagina 340-341-342.

(3) Veja-se *o livro* *Spirito*, de 1887.



Veiu-lhe então á ideia murmur-se da argilla dos esculptores e perguntou ao espirito si este podia imprimir ahí um molde d'uma cabeça. Obtendo resposta affirmativa, depositou a argilla sobre uma mesa coberta com um veu. Estava a sala numa obscuridade quasi completa; as cinco pessoas que assistiam á sessão seguravam umas nas mãos das outras e titulham, por excesso de prudencia, os pés sobre os dos seus vizinhos. Tendo o espirito dado o signal de sua presença, pediram-lhe que produzisse o effeito que desejavam, no que elle consentiu, e, *tres minutos* depois, declarou que o trabalho estava concluido.

Abriam as janellas e virão então a massa de argilla óca, ou melhor, comprimida e prompta para receber o gesso. A moldagem apresentou uma bonita cabeça de homem sem barba, donde transparecia uma profunda melancolia. Um esculptor a quem foi mostrado, declarou que lhe seria preciso um dia inteiro de serviço, para reproduzir em relevo semelhante trabalho. A cabeça estava coberta com um veu cujas malhas viam-se distinctamente no gesso e tinham grande analogia com um tecido de fio. Este não se cazava com tecido algum dos que então se achavam no quarto, ou que as pessoas traziam consigo.

Estas experiencias reproduziram-se varias vezes, e a moldagem produziu sempre um resultado analogo ao pedido feito, com maior ou menor grau de exactidão ou de delicadeza. Ora desejavam uma vista de frente, ora um rosto de perfil, uma mão de homem, uma mão de criança, e o pedido foi as mais das vezes satisfeito.

NA AMERICA

Vamos fornecer provas de que o perispírito é evidentemente o molde fluidico do corpo, e verificaremos que, no espaço, elle não perde nenhuma das suas propriedades plasticas. Basta fornecer-lhe força vital e materia para que o corpo material se reproduza totalmente ou em parte (4).

Vamos ainda recorrer ao sr. Aksakow, que garante a authenticidade dos phenomenos seguintes, ao mesmo tempo que a illibada honradez e a capacidade scientifica dos ob-

(4) Veja-se o meu livro: *O Perispírito perante a sciencia*, Chammel, editor, no qual vem um estudo extenso sobre o perispírito. As provas de sua existencia durante a vida e depois da morte ahí são dadas methodicamente.

servadores. Voremos, mais uma vez, que do mesmo modo que os outros factos spiritas, estes se reproduzem em todos os paizes.

Es o modo de operar communmente usado nestas circumstancias.

Levam-se para a sala onde se vai fazer a experiencia dois vasos, um dos quaes contendo agua fria e outro agua quente; na superficie da agua flutuava uma camada de paraffina fundida. Si se quer obter, por exemplo, o molde d'uma mão materializada, pede-se ao Espirito que mergulhe a sua mão na paraffina fluida e immediatamente depois na agua fria, e que repita varias vezes esta operação. Desta maneira forma-se, na superficie da mão, uma luva de paraffina d'uma certa espessura, e quando a mão do espirito se desmaterializa, deixa um molde perfeito que se enche com gesso plastico. Basta em seguida deitar o todo em agua quente para, dorretendo-se a paraffina, ficar um modelo exacto e fiel do membro materializado. Esta experiencia, feita com as devidas precauções, dar-nos-á, de modo absolutamente demonstrativo, a copia duravel e minuciosa do phenomeno temporario d'uma apparição tangivel.

A ideia de obterem-se os referidos moldes deve-se ao sr. Denton, lente de geologia, muito conhecido na America. Foi em 1875 que este experimantador conseguiu pela primeira vez a moldagem d'um dedo. Eis como descreve elle o phenomeno numa carta dirigida á redacção da *Banner of Light*, e reproduzida pela revista *The Medium* em 1875, pagina 17.

«Descobri, ha algum tempo, que, quando o dedo é mergulhado na paraffina e esta se esfria, pode-se desprega-la e, no molde assim formado, deitar o gesso e obter, deste modo, uma reprodução perfeitissima do dedo. Escrevi ao sr. J. Hardy uma carta em que lhe informava que eu tinha achado um excellento meio de obter moldagens, e pedia-lhe permissão para assistir ás sessões da Sra. Hardy e tentar obter a moldagem das mãos dos Espiritos que ahí se viam com tanta frequencia. De conformidade com o convite que recebi, apresentei-me na sua residencia, munido de paraffina e de gesso, e começamos as experiencias, logo que as disposições foram tomadas.»

Ignorando o medium o genero de experiencias a que o

professor devia entregar-se, ninguem pode accusa-lo de não estar de antemão preparado para isso.

Poz-se no centro da sala numa grande mesa que cobriu-se com uma capa de piano, de modo que excluise a luz tanto quanto fosse possivel. Debaixo da mesa mettu-se um balde d'agua quente, em cuja superficie fluctuava a paraffina em fusão. O sr. e a sra. Hardy e eu estávamos assentados em ródá da mesa, com as mãos encima d'esta, em plena luz: não havia mais ninguem na sala.

«Ao cabo de pouco tempo, ouvimos um movimento na agua, e conforme com uma mensagem obtida por golpes, a sra. Hardy collocou as mãos a distancia d'algumas pollegadas sobre a mesa, e recebeu, a intervallos variados, moldes de quinze e vinte dedos cujas dimensões variavam desde a d'uma criança até a um gigante; a metade desses dedos são maiores que os do medium.

«Elles reproduzem todas as linhas da pelle, os sulcos das phalanges, de modo bem distincto. Foi-nos dito que o maior era o do pollegar de Big Dick; elle tinha justamente o dobro do meu á raiz da unha, ao passo que o mais pequeno, com a unha perfeitamente definida, um dedinho gorducho, não podia ser produzido apparentemente sinão por uma criança de cerca d'um anno de idade.

«Estou perfeitamente seguro de que, durante o tempo em que se obtiveram estes moldes, a mão da medium achava-se a cerca de dois pés da paraffina. Muitos moldes estavam ainda quentes no momento em que a sra. Hardy os retirava das mãos que lhe eram apresentadas; por vezes até a paraffina tinha ainda tão pouca consistencia que o molde se estragava.»

GABRIEL DELANNE

(Continúa)

IDENTIDADE DOS ESPIRITOS

«A IMMORTALIDADE E INDIVIDUALIDADE DA ALMA HUMANA»

REBENS D'UMA CONFERENCIA PERTA NO LOCAL DA ASSOCIAÇÃO ESPIRITUALISTA DE ABLANDR A 5 DE JUNHO POR M. JOHN W. HARDY (EXTRACTO DO «LIGHT», 3 DE DEZEMBRO DE 1892.)

Ao principiar a seu discurso, M. W. Hardy trata da evolução da raça humana e da creença na immortalidade da alma que tem reinado desde os tempos mais remotos; elle apoia-se

nos phenomenos spiritas citados no antigo e no novo Testamento e nas relações frequentes entre encarnados e desencarnados que ahí são mencionadas.

Depois de ter lembrado esses testemunhos biblicos, o orador passa a tratar das comprovações dos tempos modernos: Identidade dos Espiritos e conservação absoluta dessa identidade, progressos constantes na vida spirita e signalos precisos de individualidade que caracterizam tal homem, tal mulher, tal criança que viveram na terra — eis aqui as provas da communhão spirita que nos são dadas por milhares de nomenclaturas, vindas de todos os paizes civilizados e que merecem inteira confiança. M. Hardy socorre-se, em apoio de sua these, das declarações seguintes:

Dr. Ashbauer: «Tenho sido tão frequentemente testemunha de manifestações spiritas, que me seria impossivel — dado que a isso estivesse disposto — não ter em conta as provas que tenho d'ante dos olhos.» O encarnado acrescenta que muitas pessoas versadas no assunto manifestam hoje a mesma opinião; ellas não podem recusar-se a crer no que viam com os proprios olhos.

M. Livermore, rico banqueiro, muito conhecido em Nova-York, depois de ter assistido a manifestações extraordinarias, ao correr das quaes o espirito de sua mulher e o do celebre Benjamin Franklin appareceram e foram perfeitamente reconhecidos pelas assistentes, disse que não podia negar devida alguma quanto á identidade deste Espirito. A sua presença era duma realidade maravilhosa e surpreendente: assentado numa cadeira junto da mesa, em face de mim e perfeitamente visivel, podia-se até reconhecer cada uma das particularidades do seu vestuario.

Cromwell F. Varley, o electricista celebre, numa carta ao professor William Crookes: «Não conheço exemplo algum, quer ao velho quer em o novo mundo, d'um homem intelligente que, depois de ter cuidadosamente estudado os phenomenos, não se tenha pronunciado a favor da hypothese dos spiritas.»

Eis o que o doutor Campbell escrevia ao *British Standard*: «Cromos, com a auctoridade das Escripturas, que os Espiritos têm o poder de entrar nos corpos dos homens, de falar e agir por meio d'elles; cromos, por consequente, no poder que têm os Espiritos de actuar sobre a materia, quer para designarem por palavras haddas as letras do alphabeto, quer para escreverem por meio d'un lapis.» Acrescentamos que este sr. foi, durante certo tempo, um adversario do Spiritismo, mas que, assim como o doutor Eliason, de Londres, tornou-se, depois d'um estudo aprofundado, um adepto convinto d'elle.

«Eu não me atrevia a affirmar, contra os testemunhos unanimes de todos os tempos e de todos os paizes, escreveu o doutor Johnson, que os mortos não podem apparecer. Não ha povo, por mais atrasado e grosseiro que seja, que não acredite nas apparições dos mortos e, pelo menos, ahí não se tenha feito menção d'ellas. Esta opinião, que adquiriu fóros de cindade em todas as partes em que têm existido creaturas humanas, não podia formar-se tão geral sinão porque era verdadeira. Ainda quando alguns taristas a contradigam, nem por isso a evidencia universal pode modificar-se; e certas pessoas que a negam por palavras, confessam-na com os seus actos.»

Lord Byron, Longfellow e Tenny-

son confirmaram essa crença em muitas das suas poesias.

«Durante muito tempo»—tal é a declaração de M. (Oxan), o saudoso Stanton Moaes— não consegui obter as provas que desejava, e, si eu tivesse procedido como muitos outros investigadores, teria renunciado ás pesquisas. Eu era d'um temperamento muito positivo e fui obrigado a fazer um esforço sobre mim mesmo para chegar ao meu alvo. Pouco a pouco,—encontrando aqui um indício, alli outro—foi ratando a evidência, a medida que meu espirito ia abandonando a sua opposição. Dia por dia, durante seis mezes, persisti nos meus esforços, até que cheguei á prova da continuidade da existência nos Espíritos dos lumens, assim como do poder que elles tem de communicar-se com os vivos e de demonstrar a sua identidade.

«Conheci durante a sua vida terrestre muitos dos que se revelaram então e tive assim o privilegio, não só de poder comprovar as suas asserções, mas tambem de verificar os pequenos traços do seu caracter, suas especialidades de linguagem e a caracteristica do seu espirito, que eu podia comparar com a que eu conhecia delles quando vivos. A maior parte dos outros me eram desconhecidos; vinham, clamando pelo Espirito que protegia e dirigia as nossas sessões; provavam a sua identidade e tornavam a partir, cumprida que fosse a sua tarefa.

«Uns communicam-se por occasião de sua morte, parecendo que nesse momento é que o Espirito pode manifestar a sua presença com mais facilidade e sendo tambem mais facil de verificar-se então os factos que quizeram revelar. Outros, mortos ha muito tempo,—segundo a maneira humana de calcular o tempo—apresentavam, na visita que faziam aos lugares que tinham sido testemunhas das suas antigas façanhas, uns modos de quem se acham contrariados e perplexo; dir-se-lhe que não estavam ali vontade achando-se de novo nas condições passadas. Mas, fossem quaes fossem a condição especial e a sua maneira de communicar-se, todos traziam um cunho de seriedade e sinceridade que testemunhava a importancia da missão que vinham desempenhar. E todos, sem excepção, falavam-nos verdade no que lhes dizia respeito, pelo menos quanto ás relações que nos era possível comprovar, o que nem sempre era o caso. Obtivemos assim uma infinidade de provas e nunca se nos tratou de induzir em erro. Eu fazia a essas testemunhas invisiveis todas as sortes de interrogações contradictorias e não me dava por satisfeito antes de ter empregado todos os meios imaginaveis para descobrir a verdade.

«Reportando-me ás minhas notas, acho ali—por occasião da minha estada em Shanklin, ilha de Wight, onde fui hospede do Dr. Speer—uma cadeia ininterrupta de testemunhos que se succediam dia por dia nas sessões que faziamos regularmente, testemunhos que todos se pendem a identidade dos Espíritos. As provas chegavam-nos por diferentes methodos, sendo as pavaedas batidas na mesa o modo mais usado; muitas vezes tacs paucadas faziam-se ouvir sem que a mesa estivesse em contacto com qualquer das pessoas presentes. Algumas dessas communicações foram obtidas pela escripta directa em folhas de papel cuidadosamente examinadas e marcadas de antemão com signaes especiaes; outras pela escripta automatica, outras emfim, pela dupla-visão ou pela dupla-audição. Nalgumas

raras occasiões obtivemos provas de evidência fornecidas por todas essas diferentes fontes reunidas e que se confirmavam umas ás outras.

«Durante doze dias, onze diferentes casos de identidade foram comprovados e registrados successivamente. Tres dos visitantes eram inteiramente desconhecidos de cada um de nós e, num desses casos, nunca fiziamos ouvido falar, nem uns nem outros, do nome nem de nenhuma das circumstancias reveladas. E no entanto, o nome, o pretome, o lugar da residência, o proprio nome da sua casa, a data do seu nascimento e a da sua morte, foram indicadas com perfeita exactidão. Os outros communicantes eram: um conhecido do Dr. Speer, tres de Mme. Speer e dois amigos pessoais meus.»

«Por mais bella em theoria e verdadeira em principio que seja a philosophia do Spiritismo, os factos e que lhe formam a base.

(Continúa)

(Tradução de M. L. Garby)

Noticiario

Do numero 65 em diante deixamos de enviar a nossa folha a muitas pessoas que a recebem desde o seu começo e que não vieram pagar a sua assignatura do corrente anno (2\$000 rs.) e enviaremos a muitas outras pessoas que a não tem recebido até hoje, a quem somente consideramos leitores.

Bibliotheca publica spirita.—Acha-se aberta ao publico todos os domingos á rua da Independencia n.º 4. Revistas do Spiritismo, Magnetismo, Hypnotismo, Electro-Homoeopatia, Theosophia, Occultismo, Religiosas, em todas as linguas; obras dos melhores auctores, em todas as linguas, ácerca do mesmo assumpto.

Agua na lua.—Um celebre astrónomo do observatorio de Praga, escreven, ha pouco a um amigo seu de Londres, communicando-lhe que conseguira obter uma prova photographica da lua, de 3 metros de diametro, na qual verificou certos traços não suspitados, que parecem ser de rios.

Si, com effeito, houver agua na lua, haverá tambem ali uma atmosfera, vegetação e habitantes.

Folhinha.—Fomos mimoseados com uma bonita folhinha de parede nitidamente

impressa, que nos enviou o nosso collega *O Apostolo*, da Capital Federal. Agradecemos.

Exteriorização da sensibilidade.—Segundo um telegramma publicado pelo «Daily Chronicle», sabe-se q' o Dr. Luys acaba de confirmar no «Hospital da Caridade», de Paiz, a extraordinaria descoberta do coronel de Rochas. O emérito clinico conseguiu não somente transportar a sensibilidade d'uma paciente para um copo d'agua que, collocado a certa distancia, em outro aposento, fa-la sentir, quando tocado por qualquer pessoa, indifferente-mente, um vivo sentimento de desprazer, sinão que alcançou tambem sensibilizar a photographia d'outra paciente, a qual, quando riscado em qualquer parte, com a ponta dum alfinete, faz apparecer no corpo desta um signal correspondente. As experiencias do Dr. Luys têm despertado vivo interesse tanto entre os homens de sciencia como entre os representantes da imprensa.

«Jornal do Operario».—Temos recebido com toda a pontualidade este periodico que se publica nesta Capital sob a direcção do cidadão Tenente Coronel João China. Agradecemos.

Folhinha spirita para 1893.—Com o numero correspondente ao mez de Dezembro do *Lyceum Banner*, foi distribuida uma bonita folhinha da parede. A cada dia do anno corresponde ali um pensamento spirita, a data d'um facto importante na vida da humanidade, e da fundação de cada um das *Lyceus Espiritualistas*, a da morte ou nascimento de varões illustres, a da criação das principaes revistas espiritalistas ingliezas e norte-americanas, etc. Traz tambem os retratos de A. J. Davis, H. A. Kelsey, J. J. Morae, F. Morse, A. Fison, J. Sutcliffe.

«Ensaios Litterarios».—Temos sobre a nossa mesa o n.º 18, desta excellentes organ do Club União dos Estudantes, que se publica na cidade de Pelotas (Estado do Rio Grande do Sul).

«A Epoc'ia».—Recebemos mais pela primeira vez os ns. 4, 5, 6 e 7, (Anno IV) deste importante organ do Partido do «Centro», no Rio grande do Sul, que se publica em

Porto Alegre, sob a direcção do cidadão Hugo Metzler. Agradecemos a primeira visita dos nossos collegas, e estabelecemos permuta.

José Rodrigues Machado.—Apoz breve mas cruel enfermidade, deixou o seu involucro carnal este nosso prestimoso confrade, tabellião em Santos.

Fazemos sinceros votos para que a sua perturbação seja breve e pedimos a todos os nossos irmãos um bom pensamento para elle.

The Spiritual Education Movement.—Em bem da causa, os spiritas da região de Summerland (Estados Unidos) resolveram fazer aquisição, por meio de acções ao alcance de todas as bolsas, dos ricos e vastos terrenos do *Ortega Rancho* que se unem áquella privilegiada região. O preço do terreno é insignificante, dada a sua importancia mineologica e o clima saluberrimo de que ali se goza.

A povoação de Summerland é um exemplo vivo duma sociedade dirigida pelos puros principios do Espiritualismo e os bons resultados alcançados annuaram aquellos irmãos a alargar-lhe as bases, creando ali um centro de propagação activa, por todos os meios licitos.

Para mais informações, é digno dirigir-se ao sr. W. D. Wheeler, secretario da comissão dos cidadãos de Summerland, California.

Questionario da «Etoile».—A exemplo do que ha pouco fez a «Federação Spirita Brasileira», a redacção da «Etoile» (Avignon) distribuiu os seguintes quesitos:

«1. Tendes tido, em vossa vida, por *experiencia propria*, alguns casos de *appareções de pessoas ainda vivas ou no momento de expirarem?*

2. Podeis precizar si a hora e os caracteres da apparição concordavam com a realidade; por exemplo si, num caso de morte, realizon-se a apparição no proprio momento da morte, ou pouco antes ou pouco depois; si, no caso em que ignoraes a molestia ou a agonia, a apparição vos fez conheceres por presentimentos, por palavras que julgastes ouvir ou por qualquer outra maneira; si, em circumstancias menos tragicas, a apparição vos fez conhecer successos de que não

tinheis conhecimento na occasião em que o phenomeno se produziu?

3. Recordais-vos si a appareição teve uma forma sensível e visível, ou si manifestou-se somente por levez-teques incertos, por uma voz interior, por meio de ruidos e estalos nos objectos acompanhados espontaneamente de impressões que em seguida se verificaram estar de accordo com os factos?

4. Deu-se a appareição quando estaveis em vigilia ou em sonho quando dormeis; estaveis só ou acompanhado; foi durante a noite ou durante o dia?

5. Tendes tido em vossa vida communicações provenientes de appareições de pessoas mortas? Ensinaram-vos essas communicações factos que ignoraveis antes de appareição e que em seguida foram confirmados? Por exemplo: Um morto que indica um documento ou uma somma de dinheiro escondido cuja existencia ignoraveis. Vos foram feitas essas communicações quando em vigilia ou por sonhos? Foram frequentes ou raras? Não tendes sinão uma? Apresentou-se a appareição com o caracter ou o aspecto da pessoa morta ou com caracter e aspecto differente?

6. Tendes tido em vossa vida presentimentos que successos posteriores justificaram? Manifestaram-se esses presentimentos no estado de vigilia por uma ideia interior, ou por uma visão, ou por uma voz, ou durante o sonho por um sonho; qual era o caracter desse sonho? Era directo, mostrando os acontecimentos taes quaes eram ou symbolicamente, isto é, designando obscuramente os acontecimentos por emblemas como uma molesta por uma queda, ou por um naufragio, etc...

Tendes notado nos vossos sonhos o reaparecimento de certos symbolos vos annunciando sempre o mesmo genero de acontecimentos.

7. Tendes tido conhecimento, não já por experiencia propria, mas por confidencias feitas em vossa familia ou vindas de amigos intimos cuja sinceridade seja para vos certa, de factos analogos aos enumerados: appareições de motubundos ou de doentes ou simplesmente de pessoas sãs preoccupadas, appareições de mortos, presentimentos, sonhos notáveis?

Todas as pessoas que se interessam por este genero de estudos e pela causa do Spi-

tismo e quizerem communicar a narração de factos, como os acima mencionados, poderão faz-lo dirigindo-se á *Etoile* (ao sr. René Caillié, Avignon, ou ao sr. Jhouney, á mercê do sr. Bailly, Chaussée d'Antin, n.º 11, Pariz), ou a esta typographia.

Vocabulario spirita.—O Dr. Elliot Coues, do *Religio Philosophical Journal*, dá as explicações seguintes acerca de certos termos novos:

TELEPATHIA.—Transmissão do pensamento.

TELESTATHIA.—O que pratica a telepathia.

TELEPLASTICO.—Diz-se duma forma que, aparentemente, é produzida sem contacto physico—como no phenomeno de materialização—um *apporte* é um phenomeno teleplastico.

TELEKINETICO.—(Kinetic, mover.)—O que pertence ao movimento; movimento sem contacto de causas physicas, como no phenomeno da levitação; ou a escripta por meio d'um lapis não movido pela mão d'um mortal.

KINETICO.—Sciencia de moção.

TELEOPTICO.—Ver de longe, estando em estado normal, phenomenos objectivos, taes como formas luminosas, escriptas, etc.

TELEACUSTICA.—Ouvir de longe. Estando no estado normal, verificar phenomenos objectivos, taes como golpes no espaço; musica numa caixa fechada.

TELOSMICO.—Sentir ao longe. Estando no estado normal, sentir perfumes ou odores, produzidos sem a ingerencia humana. (Palavras formadas da mesma raiz). Osmium. Acido osmico.

TELEPHENOMENO.—Nome geral dos phenomenos precedentes.

Materialização na Noruega.—A revista *Psychische Studien*, de Leipzig, publica o resultado de tres sessões de materializações que se fizeram em Christiania.

Serviu de medium uma senhora da alta sociedade que, por motivos justificados, dezaça que se lhe não publique o nome. Realizaram-se as sessões num vasto salão perante uma assistencia de cinquenta pessoas. O aposento foi allumiado por um lustre de gaz pendurado no centro, estando a luz amortecida por um rendilhado de papel vermelho. Collocou-se o gabinete no centro do salão, ficando toda a

sua parte posterior embarricada por moveis, de modo que se obstasse absolutamente a entrada ou a saída. O medium ficou sentado fóra do gabinete durante todo o tempo e com a face voltada para os assistentes. Vinto pessoas formavam o circulo interior e as outras, em numero de trinta, o circulo exterior.

Pouco depois, começaram a sair do gabinete figuras altas e vaporosas que tocavam com as mãos os que lhes ficavam mais proximos. Uma delias, que trazia a forma d'uma mulher, reconheceu um amigo no circulo e fez-lhe com a mão um signal amistoso. Ella desfez-se lentamente e depois re-materializou-se muito mais distintamente, e ficou visível por largo tempo parecendo manter com o medium uma conversação em voz baixa. Duas creanças, um menino de sete annos e uma menina de cinco, sentados no circulo, foram muito acariciados por diversos espiritos, e o branco vou d'um destes fluctuava por sobre as mãos e os pés do sr. Sjostedt. Uma mocinha hespanhola, de nome Nina, materializou-se em frente do gabinete e diante do medium; e a sua figura desenvolveu-se d'uma esphera de vapor luminoso até tomar a forma humana bem distincta. Inquirida acerca da sua identidade, deu provas irrecusaveis della. Um espirito, de seis pés de altura, materializou-se em seguida e lançou fóra do gabinete a sua ampla roupagem, de tal modo que todos puderam certificar-se da sua realidade. Diversas figuras pequenas foram vistas ao mesmo tempo e o contorno d'uma forma que trazia barba foi tambem visível.

A sessão durou uma hora e tres quartos; e a sua notavel feição está no facto de ficar o medium fóra do gabinete e ás vistas de todos enquanto duraram os trabalhos. Ella não faz profissão da sua mediumnidade e recusa-se a receber qualquer recompensa.

Federação spirita universal.—Lá-se na *Revue Spirite* de Janeiro ultimo:

«No dia 20 de Novembro ultimo, varios grupos e sociedades spiritas de Pariz, reuniram-se para organizar a federação spirita universal do que já se tratou na acta da reunião da Comissão de propaganda de 10 de Novembro passado.

A assembleia nomeou a sua mesa; fez a leitura da correspondencia; discutiu diversos projectos, tendentes todos a occuparem-se activamente com que'diz

respeito á propagação e ao bom exito das nossas ideias; indicou as bases sobre que deveria firmar-se a Federação: 1.º Reconhecimento d'uma potencia superior, a que chamar-se-á a Causa das Causas, o Eu consciente do Universo, Deus, pouco importa o nome.

2.º e 3.º Crença na alma e na sua supervivencia ao corpo.

4.º Crença na realidade frequente das communicações com o mundo extra-terrestre. Quanto ao mais, liberdade completa.

Alguns membros manifestaram a sua opinião acerca da organização da Federação, depois a Assembleia procedeu a eleição d'uma Comissão provisoria de 25 membros, encarregada de preparar os estatutos e assentar as bases da federação.

Imprensa.—Continuaram a honrar-nos com a sua habitual visita durante a ultima quinzena os seguintes periodicos:

Gazetinha, Municipio de Iguaçu, A Verdade, Bom Publico, Cidade de S. João, Gazeta de Bragança, Gazeta de Jararivhy, O Francano, Cidade de Franco, Gazetinha, Correio da Norte, Commercio de Iguaçu, O Restaurador, Gazeta de Jahu, O Clarim, Tribuna do Norte, O 15 de Novembro, Diário de Sorocaba, A Voz do Povo, O Povo, Correio do Sul, O Thomaz, O Operario, Expositor Christão, Revista Moderna, Jornal do Operario, Acito Estado.

A União Lusitana, O Apostolo, Revista Mercantil, Mensageiro Portuguez, a Capital Federal.

Mensal Campista, A Republica, O Progressivo, do Estado do Rio de Janeiro.

Cidade de Caldas, Gazeta de Oliveira, O Evangelista, Gazeta de Uberaba, O Popular, O Bom Successo, Colombo, Minas do Sul, O Porvir, A Verdade, do Estado de Minas.

Commercio de Caxias, Artista Caxiense, do Estado do Maranhão.

O Municipio, d'Ollinda [Pernambuco].

Jornal de Noticias, A Troça, do Estado dos Alagoas.

Gazeta de Lagez, O Rebate, do Estado de Santa Catharina.

O Relampago, da cidade do Rio Grande do Sul.

Mensageiro Christão, Estrada d'Alva, Gazetinha, O Combatente, O Arauto, do Estado do Rio Grande do Sul.

O Maranhense, do Estado do Pará.

O Mirante, Verdade, do Estado da Parahyba do Norte.

O Guarany, do Estado da Bahia.

O Nordesta, O Povo, do Estado do Rio Grande do Norte.

O Norte, O Operario, O Bentivo, A Fé, Sítio Jardim, do Estado do Ceará.

Caracairano, do Estado do Espirito Santo.

Folha do Norte, do Estado do Goyaz.

A Voz do Povo, do Estado do Paraná.

REVISTAS SPIRITAS

Constancia, Buenos Aires.

The Summerland, Estados Unidos.

La Revue Spirite, Pariz.

The Harbinger of Light, Australia.

Revista Espiritista, Montevideo.

Neue Spirituallistische Blätter, Allemânia.

L'Etoile, França.

Le Flambeau, Belgica.

Revista Espiritista, Mendoza.

La Poix Univerelle, França.

Reformador, Rio de Janeiro.

A Luz, do Cayuliba (Paraná).

A Realização, Rio Grande do Sul.

VERDADE E LUZ

Sem caridade não ha salvação.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre — Tal é a lei.

Orgão do Espiritualismo Científico — PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director responsavel — ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA

Collaboradores — DIVERSOS

S. PAULO

BRAZIL

ANNO IV |

Quinta-feira, 15 de Junho de 1893

| Num. 74

Assinaturas

Anno 2\$000

REDAÇÃO E OFFICINA

4—RUA DA INDEPENDENCIA—4

As alucinações

A palavra alucinação vem do latim *alucinare*, errar, feita de *ad lucem*. A alucinação poderia ser definida como um sonho em estado de vigília; é a percepção de uma imagem illusoria, de um som que não existe realmente, que não têm valor objectivo. Como o objecto representado não affecta a retina, o som ouvido não fere o tympano; a causa eficiente da alucinação existe no aparelho nervoso sensorial e deve ser attribuída a um trabalho particular do cerebro. Este phenomeno existe não sómente para a vista e o ouvido, simão que também os outros sentidos podem ficar alucinados; um contacto, um odor, um sabor percebidos sem q' tenha havido acção previa de um excitante exterior, são verdadeiras alucinações.

Estas sensações que experimentam as pessoas atacadas desta enfermidade, dependem das imagens, das ideias reproduzidas pela memoria, amplificadas pela imaginação e personificadas pelo habito. As alucinações podem ser produzidas por causas physicas e moraes. As primeiras são muito numerosas; o descenso ou elevação de temperatura, o abuso das bebidas alcoholicas, as doses elevadas de sulfato de quinina, a digital, a belladonna, o estramonio, o meimão, o opio, a camphora, as emanções nitrogenadas e sobretudo o haschich, a commoção cerebral por uma queda, etc., etc.

Entre as causas moraes, as mais communs são: uma subita impressão dos sentidos, ou a prolongada duração de uma sensação viva, a meditação, a attenção violentamente fixa no mesmo objecto, a solidade, os remorsos, o medo, o terror, etc.

A sciencia tem-se occupado com a alucinação e os Srs. Lélut e Brière de Boismon l'ho publicado livros interessantes, mas não explicam por completo o phenomeno. Eis aqui a teoria que expõem.

Crêem que todas as ideias, ainda as mais abstractas, tocam sempre por algum lado nos sentidos, mas que esta facultade de representar-se um objecto ou uma paisagem, não é identica para todos os homens.

Um pintor vê uma vez uma pessoa e guarda a sua imagem durante longo tempo na sua memoria. Um musico ouvirá interiormente trechos complicados de musica, etc.

Esta representação interior parece dar um passo no terreno da illusão, e tal é a que nos faz ler as linhas e as palavras de um livro de modo differente do que estão escriptas, mostrando-nos o que não existe, não deixando-nos ver o que é, alterando-o de mil maneiras. Este estado do espirito pode ser determinado por causas diversas, alguma das quaes são a solidade, o silencio, a obscuridade, etc.

Em summa, a illusão transforma algo que é real, ao passo que a alucinação se move no vazio: as coisas que se vêem não existem, os sons que se ouvem não têm realidade nenhuma. Algumas vezes não se reconhece a alucinação, pois não turva a razão, e não é, por assim dizer, mais que a razão excitada. Tal se crê foi o caso de Socrates, de Joanna d' Arc, de Luther, de Pascal.

Segundo o Sr. Lélut, estes grandes genios pertenceriam a uma categoria d'omaniaçoes, as vozes de Joanna, a Lorenense, seriam puras alucinações. Ignoramos si isto é verdade, mas si o Sr. Lélut pudesse ser joguete de uma loucura que subitamente lhe fizesse parecer-se com Socrates, nós desejaríamos vê-lo atacado d'elle, porque isto o impediria de moer-nos os ouvidos com semelhantes pataratas.

Os sabios não têm dado, até hoje, uma explicação satisfactoria da alucinação sob o ponto de vista psychologico. Entretanto parece haverem sondado todas as profundidades da optica e da physiologia. Em que consista, pois, visto que todavia não têm explicado a origem das imagens que se offercem ao espirito em certas circumstancias? Seja ou não real, o alucinado vê algo: dir-se-á que crê ver, mas que não vê? Isto não é provavel. Pode dizer-se que é uma imagem fantastica: seja; mas qual é a origem desta imagem, como se forma, como se reflecte no cerebro? Eis o que não se nos diz. Seguramente, quando o alucinado crê ver o diabo com as suas pontas e as suas garras, as chammas do inferno, animaes fabulosos, o sol e a lua que se batem, é evidente que não ha ali realidade alguma; mas, si é um jogo de sua imaginação, como é q' descreva estas coisas como si estivessem presentes?

Ha pois diante d'elle, um quadro, uma fantasmagoria qualquer: qual é, então, o espelho em que se pinta esta imagem? Qual é a causa que dá a esta imagem a forma, a côr e o movimento?

Pois que os sabios querem explicar tudo isso pelas propriedades da materia, dêem pois uma teoria da alucinação; boa ou má, sempre será uma explicação: mas não o podem fazer, porque negando a alma, se privam da causa eficiente do phenomeno.

Os factos que observamos diariamente demonstram que ha verdadeiras apparições, e é dever de todo o espirito illustrado fazer uma distincção entre os phenomenos que são devidos a manifestações dos espiritos, e os que têm por causa os orgãos enfermos do sujeito.

Em summa, a alucinação não apresenta caracter algum de possibilidade, ao passo que é preciso, para que se admitta a mediumidade vidente, que o individuo que é dotado desta facultade, possa descrever

as suas visões de maneira que as faça reconhecer pelas pessoas presentes. Um medium que não vê simão desconhecidos, que jamais possa dar provas de que descreve seres que não viveram na terra, passaria com razão aos olhos dos espiritas como alucinado.

Em tal estado do organismo humano, as impressões produzidas pelos sentidos, se armazenam no cerebro, graças á propriedade de localização das cellululas cerebraes. Estas diversas acquisições se classificam segundo o genero de ideias a que pertencem; são os materiaes de que o espirito se serve quando sente necessidade d'elles. A alma de um homem tende sempre a uma acção preponderante e directriz, que se exerce indistinctamente sobre todos os elementos submettidos ao seu imperio. Mas si, em consequencia de uma circumstancia qualquer, a harmonia entre a alma e o corpo se faz menos perfeita, a desordem se introduz na organização cerebral, e certas ideias, certas formas, certos olores, etc., têm uma tendencia para predominar sobre os outros; em geral são as impressões, que não obrado mais fortemente sobre o individuo, que o affectam produzindo estes phenomenos da alucinação, que na maior parte dos casos é o prologo da loucura.

Mas coisa bem distincta é um phenomeno espirita, que faz ver ao medium um objecto, uma pessoa reaes. O espirito que ali está, pode ser minuciosamente descripto, e só quando esta visão é reconhecida por ser exacta a descriptção de uma pessoa morta, desconhecida do medium, é quando admittimos que ha uma intervenção espirital.

As verdadeiras apparições têm um caracter que, para um observador experimentado, não permite confundir-las com um jogo da imaginação. Como se podem realizar em pleno dia, deve desconfiar-se daquellas que se crêem ver de noite, por temor de ser victimas de

uma illusão de optica. Por outra parte as appareções, como todos os demais phenomenos spiritas, têm como prova de sua veracidade o caracter intelligente. Toda a appareção que não dá signal algum intelligente e que não é reconhecida, pode ser decididamente collocada na classe das illusões. Como se vê, somos muito circumspectos na apreciação destes phenomenos, e tendemos antes de tudo a fazer constar que os spiritas, loujo de approvarem as divagações dos cerebros enfarmos, são observadores minuciosos dos factos e positivistas em toda a accepção da palavra.

Como temos feito observar, a mediumidade vidente pode exercer-se de duas maneiras; já no estado de desprendimento, já pelos órgãos do corpo.

A fim de dar um exemplo de cada genero, vamos relatar os dois factos seguintes, tirados da *Revue Spirite* de 1861.

«Um de nossos collegos (disse Allan-Kardee) nos contava ultimamente que um official, amigo seu, estando na Africa viu subitamente diante de si o quadro de um cortejo fúnebre. Era o de um de seus tios que morava na França, e ao qual havia muito tempo que não via.

Viu distinctamente toda a cerimonia, desde a partida da casa mortuaria até a igreja e o transporte ao cemiterio; observou até diversas particularidades de que não podia ter ideia. Noquelle momento estava desperto e sem embargo em certo estado de prostração de q' não sabia até que tudo desapareceu. Impressionado por esta circumstancia, escreveu para a França para ter noticias do seu tio, e soube que, havendo morrido subitamente, tinha sido enterrado no dia e na hora em que se realizara a appareção e com as particularidades que havia visto.»

É evidente que neste caso se desprendeu a alma deste official, porque havendo succedido exactamente o facto em França, no dia e na hora em que o official o viu na Africa, foi preciso que a sua alma houvesse irradiado a distancia para ver o que se passava longe.

Es a segunda historia: «Um medico conhecido nosso, Sr. Felix Malo, havia tratado de uma joven; mas crendo que o ar de Pariz lhe era prejudicial, aconselhou-a que fosse passar algum tempo com a sua familia, na provincia, e que lez. Fazia seis mezes que não ouvia falar della, tanto que a tinha esquecido, quando

uma noite, pelas dez horas, estando no seu dormitorio, ouviu bater na porta do seu gabinete de consulta. Crendo que o vinham chamar para algum doente, fôrto que entrassem, mas qual não seria a sua surpresa ao ver diante de si a referida joven, pallida, com a roupa com que a havia conhecido, e que lhe disse com grande sangue frio:

«Sr. Malo, venho dizer-vos que estou morta.» Depois desapareceu. Havendo-se assegurado o medico de que estava bem desperto, e de que ninguém havia entrado, fez tomar informações, e soube que esta joven havia morrido na mesma noite em que lhe appareceu.»

Neste caso foi o espirito da mulher quem veio ter com o medico. Os incredulos não deixarão de dizer que o doutor podia andar preocupado com a saúde da sua antiga cliente, e que nada tinha de extranho, pois que previa a morte; seja, mas então que expliquem o facto da coincidência de sua appareção com o momento de sua morte, quando fazia já muitos mezes que o medico nem si quer havia ouvido falar della. Ainda supponho que houvesserido na impossibilidade de uma cura, poder prever que morresse em tal dia e a tal hora?

O doutor viu com os olhos do corpo, porque a appareção era sensivel, pois que bateu na porta do gabinete.

GABRIEL DELANNE

(O Spiritismo ante a Ciencia)

Que coisa é que é intelligente? A materia, a força psychica ou um poder occulto?

Rasina-se na philosophia microscopica, assim como nos compendios da philosophia que andam nas mãos dos alumnos dos seminarios, que existem duas substancias: o espirito activo e intelligente e a materia inerte e despida de intelligencia. Suetentam os philosophos materialistas que só ha uma substancia, a materia. Affirmam os ultra-espiritualistas que a materia não é uma substancia, mas simplesmente o estado de uma substancia formosa visivel e tangivel pela condensação. Qual d'estas tres opiniões é a verdadeira? Sou muito ignorante, confesso-o para vergonha minha, para me pronunciar a respeito. Creio, entretanto, que estas tres opiniões não passam de uma questão de palavras, mas de duas questões de palavras que se acham nas escolas em que as palavras representam um papel consideravel e servem de distarçar uma ignorancia real. Sabese bem porventura o que é a materia? Os philosophos das escolas e dos seminarios, do mesmo modo que os

physicos, chamam materia tudo quanto está sob o dominio dos nossos sentidos, ao que escapa a esse dominio, dão o nome de espirito. Serão realmente exactas estas definições?

Os sabios Indús, como os ultra-espiritualistas, não reconhecem a existencia da materia como substancia, para elles ella não é uma substancia, mas apenas uma metamorphose do espirito. Acham-se esta ultima definição nos *Vedas*, livro sagrado da religião dos Indús. Não ha, portanto, para os philosophos Indús, sinão uma só substancia, o espirito. Ha outros philosophos também que, deixando do parte as palavras espirito e materia cujo sentido não lhes pareceu bem determinado, não concluem bem sinão a intelligencia que se encontra em todas as partes. Entendem elles que a materia heita, que não é organizada, é dotada da vida, do instincto e intelligencia. Esse instincto e intelligencia differem do instincto e intelligencia que se notam nos animaes, mas nem por isso deixam de existir, manifestando-se de outro modo; com mais lentidão, eis tudo. Não posso dizer que me inclino para esta ultima opinião, e contento-me com fazer notar que certos factos pareceriam dar-lhe razão. A materia, qualificada como inerte pelas escolas, parece-nos ás vezes viva e intelligente, dando assim razão nos *Vedas* que ha pouco citei o que pretendem que não é sinão uma metamorphose do espirito. Por momentos, a materia obedece á palavra e nos mostra de uma admiravel, de uma estupefaciente docilidade. Eu repelia não ha muito com o auxilio da meus palleotes a experiencia do movimento e deslocção de objectos palleotes a distancia e sem contacto. A minha tapeçaria que é de bronze de aluminia e peso vinte grammas, estava sobre a minha mesa de experiencia no seu sitio de costume, isto é, no centro do tempo. Havia dez minutos que se conservava no seu posto sem se mover, sem fazer o menor movimento. De ordinario, ella mostrava mais noção, não ficava nunca cinco minutos sem dar ao menos um ligeiro signal de vida. Impacientado com a sua inercia persistente, gritei-lhe impetuosamente e brutalmente: «Gira.» Immediatamente ella fez um movimento sobre si mesma e descreveu um quarto de circulo. Gritei-lhe de novo e no mesmo tom: «Gira ainda.» Ella girou sobre si mesma e descreveu primeiro um semi-circulo, depois um circulo inteiro. Repeti-lhe umas esta no oito vezes a mesma ordem e em cada vez ella apressou-se a obedecer com perfeita docilidade! Concluída a tirar desta curiosa experiencia a materia é docil ao mundo, logo, é animada, viva e intelligente. Os *Vedas*, por conseguinte, estão com a verdade na affirmar que a materia é apenas uma metamorphose do espirito, porque quem diz espirito diz algo animado, intelligente, e a docilidade é uma prova de intelligencia. Todavia não vamos tão de abrigar-nos, os *Vedas* creio talvez com a verdade, mas sómente a julgar-se pelas apparencias. Devemos também contar com a força psychica emitida pelos corpos dos meios sensitivos; essa força é invisivel, mas actua sobre a materia que ella move e desloca; isto levaria a crer, pois, que ella é que é docil e intelligente e não a materia; será então verdade que a força psychica é que é docil e intelligente?

Os spiritas, e não me atrevo a dizer que elles estão em erro, os spiritas sustentam que a força psychica não é sinão um fluido, por meio

do qual, uma intelligencia occulta, um espirito, actua sobre um corpo material. Seria esse espirito, invisivel e docil á minha voz, que, com o soccorro da força psychica, faria girar sobre si mesma a minha tapeçaria de bronze de aluminia? Quem tem razão, em definitiva? São os *Vedas*? são os spiritas?

HUBERTO PRIGENTIN

(La Paix Universelle)

A vida dos acontecimentos

No outro dia, no salão da Sociedade de Animação, diante de um auditorio selecto, eu dizia, falando do phenomeno telepathico da leitura dos factos:

«O que se faz, o que se fez, pôde e deve materialmente deixar uma passagem no ar ambiente»

«E eu acrescentava:

«Quando um acto se effectua, ella entra no cadinho do universo. Não somos mais senhores delle assim como de uma carta que deixamos no correio. Mas, finalmente, elle segue o seu curso, segue a sua sorte; e, encontrando outros factos, outros actos, pôde algumas vezes — mas raramente — ser suffocado em gormen. Quasi sempre caminha, e o repercurso de suas consequencias — materialmente falando — pôde estender-se até os resultados mais remotos do nosso planeta.»

«E si não atrevesse a manifestar todo o meu pensamento, em todo o universo astral?»

Eu desleira, pois agora, por uma parva de arte, demonstrar a que creio ser a marcha dos acontecimentos, e seu modo de evolução, a sua trajectoria, a sua vida enfim.

Passando-se em o nosso planeta «a Terra», os factos torrencios devem estar submetidos, como ella, ás leis rigorosas que a regem: leis que porreem immutaveis, tanto quanto podemos empregar-lo.

É, para logo, noto que, si a Terra, nas suas relações com o systema solar, obedece a movimentos periodicos infallivelmente mathematicos: rotação e revolução, os seus phenomenos terrestres gozam de uma certa obediencia. A sua repetição já não é a dia, a hora fixa. Mathematicamente exacta pela influencia das causas que retardaram ou apressaram a marcha do phenomeno, essa repetição já não é, como duração de tempo, como epocha invariavel de manifestação.

Certamente, a germinação, o florescimento, a fructificação, acabam sempre por se fazer cada anno; mas, em cada anno, as operações vitas da natureza fazem-se com variantes de dias, de semanas até, com differenças de inconsistencia na produção, etc, etc.

Esses resultados annuaes são pois, repito, mathematicos nas suas causas, proximos na sua revolução.

A hexactidia na repetição do phenomeno vem, sem duvida, da multiplicidade de agentes que contribuem para creal-la. Podendo só ser causa do phenomeno a reunião de todos esses agentes, e estando a terra submetida á lei da lucta entre dois principios contrarios, a chegada de um agente é prematura si os obsta-ram menores ou mais fracos, retardaria si os obstaculos foram mais numerosos ou mais fortes.

Muitas vezes, no entanto, o atraso é compensado por uma manifestação

ma exuberante, como si os elementos já combinados se tivessem fortificado na expectativa do agente final que devia completar a seu desdobramento.

Eis o que observamos e como concluído:

1.º Que tudo volta ao seu ponto de partida. Há ida e volta.

2.º Que o principio da ordem do Justo, prevalece emfim.

Parece-me impossível que as manifestações moraes sejam regidas por leis oppostas a estas.

Si as mínimas reflexões não me elevam ainda mais tarde à concepção da relação que existe entre o homem e o mundo astral, pelo menos creio comprehender a analogia que existe entre as leis a que elle está sujeito e ás que a terra obedece. O homem, differente dos outros seres, não ligado ao solo, movendo-se, pensando, não sómente cria filhos para perpetuar a sua especie, mas cria também actos e factos.

Resultados do elementos terrestres, esses factos não podem escapar ao systema terrestre.

Quando o facto é justo, sendo bom o seu ponto de partida, o seu regresso para o individuo será seguramente bom como consequencia. E quando digo «o seu regresso», quero dizer «o fim da sua trajetória». O que não implica de modo algum os incidentes do percurso que podem ser contrarios ao individuo productor do acto. Do mesmo modo, a volta da primavera pôde ser compromettida e retardada por seus elementos antipathicos.

O facto bom, justo, entrando no grande alambique terrestre, não está só. Milhões de actos nã se precipitam na mesma hora, no mesmo minuto, no mesmo segundo. Todos têm o seu alcance. Muitos estão em opposição directa com elle.

A força dos elementos que o combatem pôde, pois, num momento embarçar a sua marcha. Elle pôde como um raio luminoso, ser quebrado e tornado a quebrar. Mas, tal como partiu, tal volverá ao seu ponto de partida.

Justo, bom, o fim do seu movimento será feliz para o seu creador. Esse fim—por causa dos obstáculos—far-se-á esperar por muito tempo? Far-se-á não esperar além da terra?

Quando a volta de um acto para o seu autor é immediata—o que é rarissimo—é que o espelho laural que rodeia esse autor está acidentalmente desocupado; o despacho chega instantaneamente si a linha telegraphica está livre, e imaginio que se dá o mesmo com a circulação de um acto.

Que fonte de consolações para a humanidade soffredora, opprimida e estar matematicamente segura do que—sem o socorro de uma illusão—o bom que fez lhe reverará em bem, o de que é impossível que seja de outra maneira.

Desde então, quantos aspectos novos na regra do proceder dos seus individuos!

L. D'ENRIQUEX
(La Paix Universelle)

A politica da alma

Discurso um publicista.
A alma é uma verdadeira republica.
O Governo é popular, electivo, alternativo e responsavel.

O poder publico reside na Inteligencia, no Vontade e na Sciencia; isto é, a Inteligencia legista, a Vontade executora e a Consciencia, como tribunal inappellavel, administra a justiça em toda a extensão do territorio.

O poder municipal reside nos sentidos, os quaes exercem a sua autoridade sob a dependencia immediata dos poderes geraes da Republica.

O povo está dividido em duas grandes raças, sentimentos e ideias.

A memoria constitue um estabelecimento nacional, que é a um tempo Archivo publico, Bibliotheca e Museu de antiguidades. Nesta officina collocou-se tambem historia patria. A alma é um ser essencialmente revolucionario, razão pela qual o governo é instavel: não prompto dimitta um sentimento como outro. E como as instituições são eminentemente democráticas, as vezes os mais baixos sentimentos e ideias lutam por obter o mando da Republica. Ha, sobretudo, dois bandos pellicos frouxos, que vivem em guerra: continua a Virtude e o Vicio.

Bellamente a consciencia abre o seu tribunal tão prompto como se pacificam os animos e fica restabelecida a ordem publica; e depois de analisar os factos e depois de instruir o processo, sentença irrevocavelmente de conformidade com os Codigos da Moral. Estes passam integros nos archivos da memoria para os effeitos do rememora.

O acto é um mandamento perigoso, porque geralmente antitheta a soberania nacional, submettendo o territorio a uma vontade estranha.

Mantém esta Republica muy boas relações de amizade e commercio com outros Estados.

Ha guerra internacional em se combaterem as ideias, sendo commum o campo de batalha.

Um segredo é um preso politico, cuja fuga pôde trazer a Republica a serios contactos internacionais.

Em geral, a Republica da alma tem o mesmo que as demais, a saber:

- Diplomacia na educação.
- Tyrannia no capricho.
- Pobesia na curiosidade.
- Theocracia no fanatismo.
- Divida publica na gratidão.
- Anarchia na loucura.
- Golpe de Estado no arrependimento e a politica do Celeste Imperio no egoismo.

O desengano é terremoto que mata de um golpe sentimentos e ideias.

Nos tratados de amor são muito poeimas as desavenças, porque dellas surge o matrimonio, que é a perpetua confederación dos Estados independentes; e muitas vezes, depois de concluidos os protocolos e a conferencia, as partes contractantes não se vêem no seu matrimonio. Não negam-se a firmar o *alibacolum* nesta classe de negociações: e em tal um *casus belli* será que intervem potencias estrangeiras.

MORALIDADE.—É o fôro com Republica quanto a governa a philosophia com um ministerio de bons sentimentos.

ALTO FEMOS COMITADO
(Revista Espiritista de Los Habanos)

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

Recebemos e agradecemos a primeira visita dos signatarios. Análise feita pelo «Reforma» politico.

dos, organ da Federação Spiritista Brasileira. (Typographia Moreira Maximiano & C., rua da Quitanda n. 90, Rio de Janeiro, 1893). Seria longo, não diremos discutir, simão enumerar a multidão de theorias que pelos chamados sabios têm sido emitidas em presença da realidade dos factos spiritistas. Subjugados pelo espirito de systema e demasiado orgulhosos para descrever a uma unidade de vistas junto daquelles a que chamam *desequilibrados*, deixam de parte a unica explicação possível, a unica racional, para torturarem-se e torturarem os phenomenos com o fim de sujeita-los ás suas descontraídas theorias que, em ultima analyse, não passam de verdades rotas de Procrustes. Por longo tempo adversario gratuito dos spiritistas, a quem chegava até a insultar, segundo confessa, viu-se o Sr. Lombroso certo dia frente a frente com a realidade, e entre uma confissão e uma negação redouada, achou uma theoria, a que se pôde dar o nome de *psychiatria*. Tão desculpado foi ella, tão abaixo ficou dos creditos do grande aliadista italiano, que chegou a provocar a indignação de alguns estudiosos, ainda alheios ás investigações psychologicas. A critica, porém, não se fez esperar e das columnas da *Revista Spiritista de Paris, do Vessillo Spiritista de La Irradiacion*, do proprio *Estado de S. Paulo* desta capital e do «Reformador» fez que se desizesse como uma bolha de sabão a brilhante *explicação psychiatria*. A redação desta ultimo periodico enfechou a serie de artigos que a respeito do assumpto publicara e deu-os á estampa em fechoza, uma nitida brochura de cerca de 50 paginas. Linguagem clara, despretenciosa, mas logica e na altura do assumpto, eis os seus principaes caracteristicos.

Tributo da Sociedade Spiritista Fraternidade.— Aos spiritistas brasileiros (Imprensa Mont Averno—Ferreira & C. Rua da Uruguayana n. 47, Capital Federal, 1893).—Num folheto de trinta e tantas paginas a Sociedade Fraternidade publicou alguns estudos e duas communicações da mestre a respeito das *obsessões*.

Obervação.—Será muito a agradecer, quando possível, e annunciado que em duas vezes qualque livro ou brochura de que for remettido um exemplar a esta relação.

Tout livre ou brochure dont la rédaction recerra un exemplaire sera analyse s'il y a lieu et annonce une ou deux fois.

Recebemos e agradecemos a primeira visita dos signatarios politico.

Gazeta de Pitanguy, vê a luz na cidade de Pitanguy, Estado de Minas.

Gazeta Serrana, organ dos interesses Serranos, da cidade da Cruz Alta, Estado do Rio Grande do Sul.

Patria Nova, vê a luz na cidade de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul.

Noticiario

Em Paris.—*La Lanterne* de 6 de Fevereiro assignala uma nova casa mal assombrosa, á rua Fontaine, 43, em Paris. Consistiram as manifestações em deslocações de objectos de cozinha, ruidos insolitos, que foram devidamente verificados por dois expertos policiaes, sem que se pudessem dar uma explicação de tales phenomenos.

Novos obreiros.—Na cidade do Mexico constituiu-se um novo centro spiritista, sob a presidencia do Sr. Moisés R. Gonzalez, director de *La Ilustracion Espiritista* que se publica em a referida cidade.

O titulo que tomou o novo centro é o de *La Razón*, e compoe-se de pessoas de ambos os sexos.

Eis o objecto do centro:

- 1.º Dedicar-se a estudos e investigações que tendam a esclarecer as questões spiritistas.
- 2.º Estudar tambem, até onde for possível, as leis que regem os phenomenos conhecidos que se relacionem com o Spiritismo.
- 3.º Dar a conhecer o resultado desses estudos, para promover a illustração dos que necessitam, effectuando ao mesmo tempo a propagação.

Conferencias em Buenos Aires.—Muito applaudidas têm sido as interessantes conferencias realizadas pelos nossos irmãos buenocercenses. Um centro como o «*Constancias*» que conta no seu seo com oradores illustres e convictos como Mariño, Carlos Santos, F. Fernandez, Cortés, Rebauti e Penillosa, verdadeiros homens de combate, que com a mesma tenacidade com que manejam a palavra manejam a pena, já no terreno religioso, já no philosophico e já no scientifico, não pôde em só momento diviñar do exito dos seus esforços o é caso de dar parabens a doutrina e á brilhante phalange de spiritistas argentinos pelo promissor futuro que para a causa preparam naquella republica.

Movimento litterario.

—Acabam de ser publicadas em Paris a 4.ª edição do importante livro do Dr. Gabriel Dollan: «*Le Spiritisme devant la Science*», que mostra a aliança íntima que une o Spiritismo e a Sciencia e contém as vistas mais positivase mais originase acerca desta philosophia;—a 2.ª edição (6000 exemplares) da notavel obra de Léon Denis «*Après la mort*», correcta e augmentada com mais de 100 paginas. Por sua vez a incansavel redacção da revista «*La Irradiation*» está editando em lingua hespanhola o livro do Sr. Rouxel «*Espiritismo e Occultismo*» ao mesmo tempo que a obra inédita do auctor de «*Los Fantasmas*», Sr. Dr. Otero Acevedo, «*Los Espiritos*», em dois tomos, o primeiro dos quaes consta de 18 capitulos palpitantes de actualidade e o segundo traz interessantissimas gravuras, constituinto assim uma vasta e luminosa synthese de quanto se refere ao Spiritismo: historia, philosophia, critica, phenomenismo, etc. A tiragem é de poucos exemplares, e o que quizer pôr-se em dia com uma das questões mais suggestivas da epocha é fazer a sua encomenda a esta redacção, acompanhando-a do importe dos dois tomos que é de 65000 rs. —A livraria spirita do Paris reeditou o folheto «*Le Spiritisme et l'Eglise*»—O Sr. Ovidio Robaudi, de Buenos Aires deu á luz o seu folheto intitulado «*Apontamentos acerca do Spiritismo experimental*».

Federação do Spiritismo e do Espiritualismo experimental.—A revista «*Le Spiritisme*» traz no seu numero de Abril ultimo o projecto de estatutos desta associação, o qual contém 45 artigos que vem encimados pela seguinte declaração: «A Federação tem por objecto aproveitar as investigações realizadas no dominio do Spiritismo e do Espiritualismo experimental, fazer convergir esforços que separadamente tornam-se-lhe muitas vezes estereis, e dar á propaganda um novo impulse.

Ella se interdiz toda a ingerencia nos grupos que a compoem e deixa a cada um d'elles a sua liberdade absoluta de direcção e administração. Não desejando impor nenhuma obrigação particular, ella não pede ainda a união moral.

Em uma palavra, a Federação é simplesmente um agrupamento de individualidades livres e collectividades

autonomas agindo numa mesma ordem de ideias e buscando um fim commum: a diffusão da verdade.»

Lux ex Tenebris.—Desto nosso independente e illustrado collega mexicano extrahimos o seguinte trecho:

«A verdade que não faltam ignorantes que se permitam dizer que o Spiritismo é uma farsa, sendo que esses ignorantes nunca fizeram estudos nem observação alguma, quando homens de todas as nações e de todas idades, reconhecidos como homens de grande sciencia, têm professado os ensinamentos altamente philosophicos do Spiritismo, quando na actualidade o erudito jesuita P. Larra, do pulpito da Igreja de Santa Brigida no Mexico, confesso publicamente que os factos spiritas são certos e positivos. E' verdade que não faltam preconciosos que do alto dasua necedade declaram que não necessitam estudar as questões da que se occupa este semanario, «por que lhes basta o que sabem», a' passo que o grande Socrates disse: «Sóseique nada sei», ao passo que o antiquissimo livro, o *Narada*, ensina:

«Deves estudar para conhecer, conhecer para comprehender, comprehender para julgar.

Na Hollanda.—Uma conferencia sobre o Espiritualismo moderno effectuou-se em 16 de Fevereiro em Utrecht pelo Sr. Van Straaten, redactor chefe do *Spiritualistisch Weekblad*. A imprensa local e notadamente o *Dijspe Nabladi* de 18 de Fevereiro falaram longamente e em bons termos dessa substancial palestra que tiuha atrahido um bom numero de auditores.

O somnambulismo

AN MEBAN HETVORIAS II DE MEDIUMS
CONSTITUCION NAS SUAS RELACÕES
COM

A THEOLOGIA E A PHYSICA
PELO ABBAD ALMIGNANA
(Traduzido do francez)

(Continuação do n. 73)

Ha um axioma tão velho como o mundo e é que: supprimida a causa, cessam os effectos; *abolata causa tollitur effectus*.

A verdade deste axioma, ainda com relação ás obsessões diabolicas, acha-se claramente comprovada nas sagradas escripturas.

A J. C. foi apresentado um mudo para ser curado: *oblatas est ei mutus*. Sabendo o divino mestre ser

aquelle mutismo causado pelo demónio, cuidou logo de supprir-lhe a causa expulsando o demónio do corpo do possesso, feito o que, falou o mudo em meio do povo que enchuse de admiração *et cum exercisset demonium, mutus est mutus, admiratus sunt turbæ* (S. L. cap. XI).

Em Felippes, Macedonia, havia uma menina que, estando possessa, tinha a facilidade de adivinhar eivada a tal ponto que de todas as partes vinham consulta-la, o que produzia um bom rendimento para os seus senhores. Ora tendo, São Paulo expulsado o demónio do corpo da possessa, perdeu esta o talento de adivinhar, e, ficando por isso expasperados os seus senhores, arrastaram o santo apóstolo á presença dos magistrados, como si fosse um malfiteir (Act. cap. XVI).

Basoando-se nestos principios, conclue-se que, si o demónio intervisse directamente no somnambulismo, nas mesas e nos mediums, assim como J. C. o expulsou do corpo do possesso e São Paulo do da menina de Felippes, assim tambem, empregados os mesmos meios, deviam a *fortiori* os somnambulos perder a sua lucidez, as mesas ficar immoveis e os mediums não poderiam traçar no papel uma linha, por curta que fosse, *abolata causa tollitur effectus*.

Vejamos agora quaes os meios de expulsar o demónio, seja donde fór; interrogando a doutrina catholica, achamos a indicação de taes meios.

Com effecto, segundo ella, são expulsos os demónios com os nomes de Deus e de Jesus, com as precos, com o signal da cruz, com a agua benta e os exorcismos.

Conhecidos estes meios, passo a fazer ver os resultados alcançados com a sua applicação nos somnambulos, mesas e mediums.

Havendo observado phenomenos admiraveis nos somnambulos, e querendo certificar-me si havia nelles alguma influencia diabolica, como se me pretendia fazer crer, aproveitei-me para isso desomnambulos magnetizados por outros magnetizadores que não eu, e tratei logo de orar, de invocar os santos nomes de Deus e de Jesus, de fazer o signal da cruz, nos somnambulos, e até de aspergi-los na unica intenção de expulsar o demónio, si com effecto elle intervisse no somnambulismo.

Nenhum, porém, desses somnambulos perdeu na minha presença uma faizca da sua lucidez, vendome eu obrigado por isso a convir que o demónio nada tem que ver com o somnambulismo magnetico.

Es um facto que deve merecer a attenção de todas as pessoas bem intencionadas:

Em certo dia, uma menina de tres annos, magnetizada pela propria mãe em minha presença, deu provas de uma lucidez excepcional, chegando a confessar-nos que estava em communicação com os seres do além—túmulo. Admirado, confesso, do que se me passava diante dos olhos, e suspeitando que o demónio fosse o agente daquelles phenomenos, tomei o meu crucifixo, e, apresentando-o á lucida, exorcisei-a em nome de Jesus.

Vejam-se, porém, o que fez a somnambula:

Em vez de repolir a imagem de J. C. crucificado, segurou com as mãos ambas o crucifixo, levou-o com respeito aos labios, beijou-o e adorou-o para maior edificação minha e de sua mãe.

Si o Sr. de Mirville tiver desejos de conhecer a somnambula e

a seus pais, estou prompto a indicarlhe a sua residencia.

Estos meios, por mim empregados, para saber si o espirito mau tinha alguma influencia no somnambulismo, foram tambem empregados por pessoas piadosas, com o mesmo fim, sem que, contudo, obtivessem outros resultados além dos meus.

Si fór do agrado do Sr. de Mirville conhecer as referidas pessoas, terei grande satisfação em apresentar-lhe-as.

Quando nos exorcismos, sabe-se pela biographia da celebre somnambula Prudence, que, apesar do exorcismada varias vezes, nunca conseguiram fazer-lhe perder a minima parcela da sua lucidez.

Aos factos que acabo de citar em favor da não intervenção do demónio, novos factos do outro genero se reúnem confirmando de alguma sorte os primeiros.

Um dos mestres da eloquencia sagrada, o R. P. Lacordaire, occupou-se do somnambulismo em Dezembro de 1846. Em vez de taxalo de satânico, como fez o Sr. de Mirville, não disse o erudito dominicano, do alto da tribuna da verdade, na Igreja de Nossa Senhora de Paris, que elle portencia á ordem prophetica e era uma preparação divina para abater o orgulho do materialismo?

Sabe-se que esta linguagem, devida do alto da tribuna sagrada, mereceu publica approvação do Monsenhor Affre, chefe da unidade catholica da diocese de Paris, o qual, dirigindo-se aos fiéis, disse-lhes: «Meus irmãos, é Deus quem fala pela bocca do illustre dominicano.»

Certa pessoa, muito piadosa, achando-se abastada pela medicina official num estado desesperado, foi magnetizada pelo paleo e cahiu em somnambulismo completo.

Num dos seus primeiros sonhos, disse ella que viu uma pessoa que, pelos signaes que dava, parecia ser o seu avô, fallecido havia alguns annos antes do nascimento da netá; esta conseguiu curar-se seguindo os conselhos que lhe dava nos sonhos magneticos a dita sua avô. Porquo me pareceo digno de consideração este facto que devia interessar tanto a sciencia como a religião, publichei em o numero 19 do *Magnétisme Esprituel*, fazendo ao mesmo tempo um apello a todos quantos, por seus conhecimentos, obtivessem nas condições de poder, explica-los. Entre as pessoas a quem dirigi o meu apello, figuravam theologos nos quaes, falando da pessoa apparecida, dizia eu: «Não seria o demónio que, tomando um corpo phantastico, apresentou-se revestido com o da avô da Sr. R. e apparecendo-lhe assim, curou-a de uma molestia por elle proprio produzida?»

Alguns exemplares do numero do referido jornal foram enviados ao summo pontifice por intermedio do nuncio apostolico de Paris, ao Monsenhor arcebispo de Paris, á Faculdade de theologia de Sorbona, aos R. R. P. P. jesuitas da rua dos Postos, ao R. P. Lacordaire e ao consistorio calvinista de Paris, rogando-lhes eu que me esclarecessem a respeito de um facto tão grave.

(Continúa)

broso como inesperado da physica moderna. Depois da photographia, do vapor, do telegrapho, do telephono, da analyse espectral dos astros, da suggestão mental e do hypnotismo, todo aquelle que declarar poder marcar hoje os limites do possível, retrográda, pelo men-s meio seculo, ao ultimo dos discipulos de uma escola primaria. (Continúa)

Estranha apparição de um phantasma

Em todos os tempos e em todas as partes, os phantasmas, (leia-se os mortos que voltam) tem vindo visitar os vivos. A creença nos phantasmas é tão velha como o mundo; ella é, acrescentarei, universal porque nã ha povo em que não se tenham relatado innumerables factos de apparições autenticas dos desencarnados aos vivos.

Vejo daqui uma porção de incredulos, scepticos, ou até materialistas, negadores de todos os phenomenos que não foram testemunhados por elles proprios, *de viva*,—sem omitir os que tem visto com os seus proprios olhos e que recusam ainda a evidencia!—vejo, digo, tantas pessoas que se julgam, sem duvida, fortes de espirito, ainda que não são em realidade sino espiritos fracos, abrir os olhos admirados e como hesitantes ante a palavra *phantasmas* que substituíam com um significativo encolher de hombros, ou que se dignam apontar com um rictus voltariano, não com um moio ironico, que se poderia traduzir por: *Tudo isso são velhas parvas!* Pois bem! em que vós fazeis, Senhores trocistas, o Senhoras filhas de Eva, encantadoras, de riso seductor, fazei sabendo que estamos mais do que nunca, no seculo dos milagros e dos phantasmas, de que o sobrenatural está, dia a dia, prestes a tornar-se natural, até certos limites: os da *Divindade*.

Os mortos, falo dos verdadeiros, bem entendido, (porque neste mundo a mentira acoberta a verdade a cada passo) não são chiméras, crendas; elles devem, portanto, ser tomados a serio, porque de haver moedas de prata falsas não se deve concluir que todas as moedas de prata, sem excepção (que estão em circulação) sejam falsas; e mesmo se dá quanto aos phantasmas, e o dictado latino *ab uno die omnia* não pôde ter aqui a sua applicação. Os phantasmas não existem, pois, somente na imaginação das almas timoradas das mulheres do povo ou das crianças como muita gente se compraz em erer. Não, os phantasmas têm existido realmente, e se têm manifestado nos homens, desde que a terra gira, como se manifestam ou apparecem ainda em nossos dias, e como o hão de fazer *in secula seculorum*, pelo menos enquanto girar o nosso mesquinho planeta.

Agora deixemos de parte a theoria ou a philosophia.

Quereis um facto authentico de apparição? Citar-vos-ei um, entre mil; não o escolherei na antiguidade, nem na idade media, nem no nosso seculo, mas no reinado de Luis XIV, epocha em que se deu. Este facto é historico: não duvidareis, portanto, da sua veracidade, como não tendes o direito de duvidar dos

sucessos felizes ou infelizes que se deram, em França, sob o governo do Rei-Sol.

«O Marquez de Rambouillet e o Marquez de Précy, jovens Adalges da corte do Luis XIV, ambos na idade do vinte e cinco a trinta annos, eram íntimos amigos. Um dia em que se entreteniam acerca da outra vida, depois de uma calorosa discussão que demonstrava claramente que não criam no que diziam, prometteram um ao outro que o primeiro que morresse viria dar um signal ao companheiro. Ao cabo de tres mezes, o Marquez de Rambouillet partiu para Flandres, onde então estava em guerra Luis XIV. O Marquez de Précy, detido por uma febre grave, ficou em Paris. Seis semanas depois, Précy sentiu, pelas dez horas da manhã, que lhe puxavam a cordão da cama, e virado-se para ver quem era, viu o Marquez de Rambouillet, de sobretudo de couro e de botas, levantar-se da cama, para abraçá-lo e testemunhar-lhe a alegria de que estava possesso pelo seu regresso; mas Rambouillet, recuando alguns passos, disse-lhe que as suas caricias vinham fora de tempo, que elle não vinha sino para cumprir a sua promessa, que tinha sido morto na vespere, que quanto se dizia o outro mundo era curto, que o seu nigo devia tratar de viver do outro lado, que não tinha tempo a perder, porque seria morto na primeira audiência que tivesse. Não se pôde descrever a surpresa do Marquez de Précy ao ouvir este discurso. Não podendo erer no que ouvia, fez novos esforços para abraçar o amigo, julgando que estava gracedado. Mas só abraçou o vento; e Rambouillet, vendo que elle estava incredulo, mostrou-lhe o lugar em que recebera o golpe fatal: era nas costas e o sangue parecia manar ainda. Depois disto, o phantasma desapareceu, deixando Précy num terror mais facil de comprehender que de descrever. Chamou o creado e poz em movimento toda a casa com os seus gritos. Varias pessoas correram a acudir-lo; elle narrou-lhos o que acabava de ver. Todos attribuíram esta visão ao ardor da febre que podia alterar-lhe a imaginação; rogaram-lhe que se tornasse a deitar, procurando convence-lo de que certamente tinha sonhado quanto dizia. Desesperado de ver que lhe tomavam por um visionario, repellido-lhes todas as circumstancias que acabamos de ler; mas por mais que protestasse que tinha visto e ouvido o amigo ficaram sempre na mesma opinião, até que chegou o creolo de Flandres, pelo qual souberam da morte do Marquez Rambouillet. Tendo-se realizado esta primeira circumstancia e supozesteis por que lhes narrou Précy, os que delle ouviram a aventura, começaram a admirar-se; havendo Rambouillet sido morto precisamente na vespere do dia por elle citado, era imperavel que aquelle o achasse-se naturalmente. Em seguida, Précy resolveu ir, durante as guerras civis, ao combate de Santo Antonio: ahi foi morto.» (1).

Quem não se sentirá extranhamente commovido no intimo do seu ser, depois da leitura destas linhas? Quem conservará duvidas ainda; 1.º sobre a realidade dos espiritos; 2.º sobre a supervivencia dos espiritos

(1) A narração desta historia, ou antes deste facto psychico, é muito notavel, achá-se no *Dictionario das Sciencias Occultas*, 2 volumes) 1848, pelo abbade Mignu.

depois de se liberarem dos seus laços materiaes; 3.º sobre as communicações dos espiritos com os encarnados ou habitantes do nosso planeta?

Pelo que me toca, dir-vos-ei: creio, como Santo Agostinho, *quia absurdum est*, porque isto é, ou antes porque isto parece *absurdo*, mas isto não o é. Creio, credo, não porque é preciso erer, mas porque minha crança está apoiada em milhares de factos que não vi, é verdade, mas que me foram certificados por milhares de testemunhas ou auctores, muito dignos de fé. Creio, enfim, porque os factos psychicos de que fui testemunha e as numerosas experiencias em que tomei parte me fortaleceram na minha fé, dando uma base solida á minha credulidade. Felizes os que creem depois de ter visto: Ditosos os que creem antes de ter visto! Mas infelizes daquelles que não creem, depois de ter visto factos manifestos, patentes, irrecusaveis! Estes ultimos, mais tomosos que um asno, mais cegos que os cegos, têm olhos para não ver, ouvidos para não ouvir, uma intelligencia de que não se servem; lastimemo-los de todo o nosso coração e fiquemos votos pela sua conversão. Quanto aos fabricantes de pilherias, todos da peor especie (!) que zombam dos phantasmas e applicam á farça o *à finistèria* (para empregar o termo da moda) todos os phenomenos spiriticos, applico-mo-lhes por nossa vez as palavras de São Lucas: *«Eae cobas qui ridetis! Infelizes dos que riem!»* (Luc. cap VI, n. 25)

Não rireis mais, no dia terrivel, *dies iree, dies illa*, em que, rasgado pela morte o veu do desconhecido, vos rechardeis fues a face com a realidade, que esgamente tomasse em não admitir; reconheceis então que eu tinha razão; mil vezes razão. Possam pois estas linhas commover-vos, abrir-vos os olhos e reanimar-vos a fé vacillante! Possam ellas tambem excitar-vos a curiosidade, despertar-vos a attenção, accendendo em vós um vivo desejo de entregar-vos ao estudo do Spiritismo, a Rainha das Sciencias. DR. GASTON DE MASSARY Medico em Puchebon (Hérault) 23 de Março de 1893. (La Paix Universelle)

NOTICIARIO

Apparição pouco antes da morte.—Diz *La Sijne*, de Náples, que um joven official alemão, chamado Fritz, estava uma noite lendo na cama. Chamou o creado, ergueu os olhos do livro e em vez do creado viu seu pai que o olhava carinhosamente. Surprehendido, exclamou o joven official: Meu pai, si és realmente meu pai, deves ter morrido!—O phantasma desapareceu e o official muito impresionado, partiu na manhã seguinte para a casa paterna, situada em uma cidade do Norte da Alemanha. Ahi chegou quando estavam celebrando os funeraes de seu pai. Sua familia lhe descreveu os ultimos momentos, dizendo-lhe: Vosso pai ficou algum tempo como sem vida; quando menos esperavamos, abriu os olhos e contou-nos que havia dormido profundamente, sonhando com o

seu filho Justo, a quem viu lendo na cama e o qual lhe disse: «Meu pai, si és realmente meu pai, deves ter morrido.»

A propaganda na Hespanha.—O Centro Barcelonéz de Estudos Psychologicos inaugurou as suas conferencias publicas que continuarão todos os sabbados até fins de Junho, sendo feita a ultima, de resumo, pelo Dr. Sanz Benito. E' proposito da Commissão de propaganda organizar no proximo verão varios meetings nas povoações vizinhas de Barcelona. Sob os auspicios do mesmo Centro vão ser abertas escolas gratuitas para ambos os sexos.

Le Phénomène Spirite.—A incansavel redacção da Revista de Estudos Psychologicos de Barcelona começou a publicar em hespanhal a notavel obra que, com o titulo supra, foi ha pouco escripta pelo Sr. Gabriel Delanna.

Um testemunho de valor.—E' um documento digno de seria attenção: Mião, 29 de Novembro illustre Sr. Chiaia.

Tive occasião de assistir, uma dezena de vezes, em companhia de diversos amigos e collegas e, em ultimo lugar, com o professor Lombroso, ás experiencias de Eusapia Paladino. Devo confessar-vos a perfeita incredulidade com que a principio acolhi a narração dos phenomenos extraordinarios que me foi feita; mas, em proença dos factos que me foi dado observar, pude convencer-me de que o que vi e verifiquei tirava a mystificação toda a possibilidade e era o resultado de uma força exterior a Eusapia.

Conhecendo todas as expertezas a que se pôde recorrer para produzir phenomenos deste genero, tacei em particular como a substituição das mãos e dos pés na obscuridade pelo medium, esteve nos casos de assegurar-me da absoluta impossibilidade de manobras semelhantes pela destreza do Eusapia. Esta affirmacão se applica especialmente aos phenomenos a distancia, de transportes de objectos muito afastados della, de sons de instrumentos, de apparições de luzes fluctuando no ar, ás levitações da mesa e do proprio medium, assim como á produção de impressões plasticas, etc.

Admittir que semelhantes phenomenos sejam devidos á habilidade mystificadora de Eusapia Paladino equivale, na minha opinião, a attestar a *inopia e a completa ignorancia* das testemuhas que assistiram a essas experiencias e as comprovaram. Apraz-me erer, e ao affirmar sem reticencias a pura verdade e exactidão dos phenomenos observados, que dignar-se-ão não attribuir-me as prerogativas lisongeiras que acabo de enunciar.

Não é da minha competencia

procurar a explicação de manifestações tão extraordinárias; ellas carecem de ser estudadas tranquillamente, com todo o rigor da sciencia.

Vosso dedicado.
Professor F. DE AMICIS
Director da Clinica Dermatophiliopathica da Universidade de Napoles.

O cidadão Antonio Raymond Nonato está auctorizado a agenciar assignaturas para esta folha e a receber o seu importe no norte deste Estado.

Sociedade de Investigações psychicas de Milão.—Segundo refere a revista psychologica *L'Ipnotismo*, da Florença, acaba de fundar-se em Milão uma sociedade que tem por fim indagar, colher e estudar experimentalmente factos de telepathia, presentimento, dupla vista, faculdades medianimicas, suggestão mental, fakirismo, etc., que examinadas sem preconceitos e dogmatismos scientificos possam ampliar o horizonte do intellecto humano. Os adherentes, em numero de quarenta e tantos, são professores de escolas secundarias, naturalistas, psychologos, philosophos, physicos, mathematicos, medicos, litteratos, estudantes, jornalistas, etc. Approvados os Estatutos, foi eleito presidente o professor Angelo Broferio, vice o Dr. Clerici, secretario o engenheiro Giorgio Finzi, thesoureiro o Sr. Busnelli e bibliothecario o Dr. Romeo Carugati. A sociedade assignará os jornaes specialistas no genero que se publicam na Inglaterra, França, Alemanha e Hespanha e facilitará aos socios os meios de investigação quando forem necessarios. Os socios pagarão 3 liras de entrada e 1 lira por mez; não se admittem menores. Inauguraram-se os trabalhos com grande copia de casos singulares que já estão submettidos a commissões especiaes. Que a exemplo das sociedades congeneres que funcionam em Londres, Boston, Paris, Buenos Aires e Rio de Janeiro faça a de Milão irradiar a luz da verdade para todos os pontos do orbe, é o que desejamos.

Um meeting de espiritas.—A Alliança espirituista de Londres acaba de organizar um grande meeting, com o concurso do Sr. Stead, fundador da *Review of Reviews*. O Sr. Stead é um dos mais recentes e dos mais brilhantes recrutados do spiritismo. Elle offereceu, o anno passado, aos assignantes da *Review of*

Reviews um numero de natal, unicamente formado de historias de apparições authenticas, e a sua curiosidade para com os factos sobrenaturaes não parece estar ainda arrefecida. No meeting foi longamente discutida, sem chegar-se a um accordo, a seguinte questão: as pessoas que escrevem cartas telepathicas têm consciencia do seu acto?

No correr da discussão, contou o Sr. Stead que, andando elle a passar em Norfolk street, viu o «duplo» de um homem que estava, naquella momento, em outro quarteirão de Londres. Um dos assistentes, Sr. Gilbert Elliot, reforçou o caso, narrando a seguinte singular aventura:

Uma noite, diz elle, estive no club do Athenæum. Pellas dez horas e meia, consultei com os meus botões si devia ficar ainda no club ou partir para a casa como de costume. Hesitei por muito tempo, e um vivo debate produziu-se em mim. Emfim, resolvi-me a ficar, e á meia noite fui dormir num hotel de Jenny's Street.

No dia seguinte, pelas dez horas da manhã, eu almoçava no club, quando uma mulher, muito commovida, se acercou de mim. Disse-me ella que uma coisa muito extraordinaria tinha-se passado em minha casa, na vespera, á noite, pelas dez horas e meia. No momento de ir deitar-se, minha mulher ouviu-me caminhar no trilho que vai ter á casa e encostar o meu guarda-chuva contra a porta. Depois, como eu não entrasse, ella desceu, chamou-me, e não viu ninguém.

Mas eis o que é mais admiravel: na manhã do dia seguinte, tendo a creada entrado no meu quarto com uma chave de chá para mim, disse-lhe minha mulher que eu não tinha voltado. Oh! sim, minha senhora, respondeu-lhe a creada, vi-o caminhar ao longo do trilho. Trazia o seu guarda-chuva na mão, e o encostou contra a porta antes de entrar. Extraordinario!

(Le Messenger)

Primeira concilio universal.—Em Setembro proximo deve realizar-se em Chicago um Parlamento das religiões, grande assemblea religiosa internacional que tem por fim comparar e discutir as diferentes vistas das representações distinctas de todas as grandes confissões religiosas do mundo. A unica condição requerida para a admissão é a

crença na existencia de um ser supremo, que seu apostolo principal se chame Gantama, Mahomet, Moysés ou o Christo. Grande copia de respostas favoraveis aos convites feitos têm sido recebidas de todos os pontos do globo.

Bem pensado.—«Póde uma pessoa crer nas manifestações dos espiritos, admittir que os phenomenos são reaes, que o espirito sobrevive á materia e não procurar desenvolver a espiritalidade na sua vida despindo-se de suas imperfeições. Neste caso elle não é digno do nome de spirita, achase no vestibulo, mas não entrou no templo do conhecimento espirituista.» (*The World's Advance-Thought*).

Mais uma theoria.—O Sr. Abbade de Meissas, segundo diz o *Journal des Débats*, fez hontem, 22 de Março de 1893, uma conferencia acerca dos phenomenos spiritas, que impressionou vivamente o seu auditorio, pondo-o em dia com o maravilhoso da epocha actual. A dizer verdade, elle não sabia dos factos classicos: Experiencias de Crookes; phenomenos de Eusapia Paladino, etc. ou para precisa-los: levitações de objectos sob a mão do medium; deslocções de objectos sem contacto; mesas falantes.

O conferencista declara não ser extranho a estes phenomenos. Tem-n'os visto, tem-n'os verificado e os crê reaes.

Aqui, o conferencista apresenta uma theoria um pouco particular que, apesar ser sabidamente exposta por elle, provocou varias contestações por parte dos seus auditores.

«O phenomeno spirita, diz elle, não é sino um phenomeno magnetico. O que tomamos por sobrenatural é o mais natural do mundo. A philosophia tranviou-se tanto pelo espiritalismo classico como pelo materialismo. O espiritalismo accete pela Igreja como se accommodando melhor á fé não pôdo dar conta dos phenomenos magneticos q' observamos quotidianamente. Cumpre, portanto, substitui-lo por uma theoria nova. Os espiritas se enganam crendo na «volta» dos mortos: os catholicos se enganam tremendo ante a ideia de lendarios demonios. O desdobraimento do medium—o Sr. de Meissas crê no perispírito—basta para produzir os phenomenos spiritas.

Somos compostos, além disso, de varias almas, e não é impossivel q' uma dellas se des-

prenda de nós, num dado momento, e obra sem que o saibamos, sem que tenhamos consciencia disso.»

N. D. R. Já em 1889, quando presidente do Congresso magnetico de Paris, o illustrado abbade Meissas, actual esmolto de collegio Rollin, ao dar conta das innumeradas provas de duplavista por elle colleccionadas e amplamente comprovadas, explicava-as admitindo que o homem possui um sexto sentido ainda não bem desenvolvido, e procurava justificar a sua explicação soccorrendo-se das sciencias naturaes. Agora se nos apresenta com a pluralidade das almas no individuo. Para um sacerdote catholico, já é! Mas então qual dellas é que é responsavel pelos actos do homem? Não ha que duvidar, quem se aventura neste terreno ou ha de acceitar os factos taes quaes são, pura e simplesmente, ou ha de transviar-se creando theorias cada vez mas antipodadas do bom senso.

Eusapia Paladino.—Lemos no *Voile d'Isis* de 15 de Março:

«Sabemos de fonte insupezita que a medium Eusapia está actualmentem Paris com o Sr. Chiaia. Graças que chegou a insistencias do professor Richet e sem que os grupos spiritas soubessem, os quaes não puderam reunir a somma precisa para que ella pudesse fazer a viagem. Os sabios continuam em Paris as experiencias que começaram em Napoles.»

Tanto melhor, eis uma concurrencia de que os spiritas não têm que se queixar, contanto q' os sabios, depois de terem visto e revisto os phenomenos spiritas, tenham o animo de o dizer alto e bom som! Sabemos de boa fonte que ha alguns annos o Sr. Richet pôde observar em boas condições o phenomeno da escripta directa com o medium Eglinton, antes, portanto, da chegada de Siado a Paris. Até o presente a sciencia ainda não se aproveitou dessas observações. Com a medium Eusapia não achamos ainda uma desculpa qualquer para não se pronunciarem? Aguardemos os acontecimentos. Por ora nada veio confirmar a informação dada pelo *Voile d'Isis*. (*Le Messenger*)

N. D. R. Pela *Revista Spiritista* de Maio sabemos que a subscrição promovida pelos spiritas parizienses, para a ida de Eusapia á capital da França, subia a 508 francos.

broso como inesperado da physica moderna. Depois da photographia, do vapor, do telegrapho, do telephono, da analyse espectral dos astros, da suggestão mental e do hypnotismo, todo aquelle que declarar poder marcar hoje os limites do possível, retrograda, pelo menos meio seculo, ao ultimo dos discipulos de uma escola primaria. (Continúa)

Extranha appareição de um phantasma

Em todos os tempos e em todas as partes, os phantasmas, (seja-se os mortos que voltam) têm vindo visitar os vivos. A creença nos phantasmas é tão velha como o mundo; ella é, acrescentarei, universal porque não ha povo em que não se tenham relatado numerosos factos de appareições authenticas dos desencarnados nos vivos.

Vejo daqui uma porção de incredulos, scepticos, ou até materialistas, negadores de todos os phenomenos que não foram testemunhados por elles proprios, de viva, — sem omitir os que tem visto com os seus proprios olhos e que recusam ainda a evidencia! — vejo, digo, tanta possessão que se julgam, sem duvida, fortes de espirito, ainda que não são em realidade sino espiritos fracos, abrir os olhos admirados e como bestificando ante a palavra phantasmas que sublinham com um significativo encolher de hombros, ou que no dignam acompanhar com um rictus volutario, sino com um memo ironico, que se poderia traduzir por: *Tudo isso são coisas naturaes!* Pois bem! em que vós pde, senhores trocistas e Senhoras filhas de Eva, encantadoras, de riso seductor, fazei sabendo que estamos mais do que nunca, no seculo dos milagros e dos phantasmas, de que o sobrenatural está, dia a dia, prestes a tornar-se natural, até certos limites: os da *Divindade*.

Os mortos, falo dos verdadeiros, bem entendido, (porque neste mundo a mentira acovetia a verdade a cada passo) não são chiméras, credo-ma; elles devem, portanto, ser tomados a serio, porque de haver moedas de prata falsas não se deve concluir que todas as moedas de prata, sem excepção (que estão em circunção) sejam falsas; o mesmo se dá quanto nos phantasmas, e o dictado latino *ab uno disce omnes* não pôde ter aqui a sua applicação. Os phantasmas não existem, pois, somente na imaginação das almas flôridas das mulheres do povo ou das crianças como muita gente se compraz em creer. Não, os phantasmas tem existido realmente, e se têm manifestado na historia, desde que a terra gira, como se manifestam ou apparecem ainda em nossos dias, e como hão de fazer *in secula seculorum*, pelo menos enquanto girar o nosso mesquinho planeta.

Agora, deixemos de parte a theoria ou a philosophia.

Querois um facto autentico de appareição? Citur-vos-ei um, entre mil; não o escolherei na antiguidade, nem na idade media, nem no nosso seculo, mas no reinado de Luiz XIV, epoccha em que se deu. Este facto é historico: não duvidareis, portanto, da sua veracidade, como não tendes o direito de duvidar dos

sucessos felizes ou infelizes que se deram, em França, sob o governo do Rei-Sol.

«O Marquez de Rambouillet e o Marquez de Précy, jovens fidalgos da corte de Luiz XIV, ambos na idade do vinte e cinco a trinta annos, eram intimos amigos. Um dia em que se entretinham acerca da outra vida, depois de uma entorosa discussão que demonstrava claramente que não criam no que diziam, prometteram um ao outro que o primeiro que morresse viria dar um signal ao companheiro. Ao cabo de tres mezes, o Marquez de Rambouillet partiu para Flandros, onde então estava em guerra Luiz XIV. O Marquez de Précy, datido por uma febre grave, ficou em Paris. Seis semanas depois, Précy sentiu, pelas dez horas da manhã, que lhe puxavam a cordão da cama, e virando-se para ver quem era, viu o Marquez de Rambouillet, de sobretudo de couro e de botas, levantou-se da cama, para abraç-lo e testemunhar-lhe a alegria de que estava possuido pelo seu regresso; mas Rambouillet, recusando alguns passos, disse-lho que as suas caricias vinham fora de tempo, que elle não vinha ainda para cumprir a sua promessa, que tinha sido morto na vespéra, que quanto se dizia do outro mundo era certo, que o seu amigo devia tratar de viver do outro lado, que não tinha tempo a perder, porque seria morto na primeira pendencia que tivesse. Não se pôde descrever a surpresa do Marquez de Précy no ouvir este discurso. Não podendo erar no que ouvia, fez nos seus esforços para abraçar o amigo, julgando que estava brincando. Mas não abraçou o vento; e Rambouillet, vendo que elle estava incredulo, mostrou-lhe o lugar em que rodeara o golpe fatal: era nas costas e o sangue parecia manar ainda. Depois disto, o phantasma desapareceu, deixando Précy num terror mais facil de comprehendêr que de descrever. Chamou o creado e por um movimento toda a casa com os seus filhos. Varias pessoas correram a acudir-lo; elle narrou-lhes o que acontecera de ver. Todos attribuíram esta visão ao ardor da febre que podia alterar-lhe a imaginação; rogaram-lhe que se tornasse a deitar, procurando convence-lo de que certamente tinha sonhado quanto dizia. Desesperado de ver que lhe tomavam por um visionario, repetiu-lhes todas as circumstancias que acabamos de ler; mas por mais que protestasse que tinha visto e ouvido o amigo ficaram sempre na mesma opinião, até que chegou o corroio de Flandres, pelo qual souberam de morte do Marquez Rambouillet. Tendo-se realizado esta primeira circumstancia e ap maneira por que lhes narrou Précy, as que delle ouviram a aventura, começaram a admirar-se; havendo Rambouillet sido morto precisamente na vespéra do dia por elle citado, era impossível que aquelle o houvesse naturalmente. Em seguida, Précy resolveu ir, durante as guerras civis, ao combate de Santo Antonio: ali foi morto.» (1).

Quem não se sentirá extranhamente commovido no intimo do seu ser, depois da leitura destas linhas? Quem conservará duvidas ainda: 1.º sobre a realidade dos espiritos; 2.º sobre a supervivencia dos espiritos

depois de se libertarem dos seus laços materiaes; 3.º sobre as communicações dos espiritos com os encarnados ou habitantes do nosso planeta?

Pelo que me toca, dir-vos-ei: creio, como Santo Agostinho, *quia absurdum est*, porque isto é, ou antes porque isto parece absurdo, mas isto não o é. Creio, credo, não porque é preciso creer, mas porque minha creença está apoiada em milhares de factos que não vi, é verdade, mas que me foram certificados por milhares de testemunhas ou auctores, muito dignos de fé. Creio, enfim, porque os factos psychicos de que fui testemunha e as numerosas experiências em que tomei parte me fortificaram na minha fé, dando uma base solida à minha credulidade. Felizes os que creem depois de ter visto: Ditosos os que creem antes de ter visto! Mas infelizes daquelles que não creem, depois de ter visto factos manifestos patentes, irrecusaveis! Estes ultimos, mais tomosos que um asno, mais cegos que os raios, têm olhos para não ver, ouvidos para não ouvir, uma intelligencia de quo não se servem; lastim-mo-las de todo o nosso coração e ficamos votos pela sua conversão. Quanto aos fabricantes de pillerias, todos da peor especie (!) que zombam dos phantasmas e applicam á farça e á *funisteria* (para empregar o termo da moda) todos os phenomenos spiriticos, applicuem-lhes por nossa vez as palavras de São Lucas: «*Vae vobis qui ridetis!* Infelizes dos que riem!» (Luc. cap VI, n. 25)

Não rireis mais, no dia terrivel, *dies ira, dies illa*, em que, rasgado pela morte o veu do desconhecido, vos recordarão face a face com a realidade, que oegamente temeis em não admitir; reconheceris então que ou tinha razão; mil vezes razão. Possam pois estas linhas commover-vos, abrir-vos os olhos e reanimar-vos a fé vacillante! Possam ellas tambem excitar-vos a curiosidade, despertar-vos a attenção, accendendo em vós um vivo desejo de entregar-vos no estudo do Spiritismo, a Rainha das Sciencias.

DR. GASTON DE MEASSIY

Medico em Puchobon (Hérault)

23 de Março de 1893.

(La Paix Universelle)

NOTICIARIO

Appareição pouco antes da morte. — Diz *La Spinge*, de Napolis, que um joven official allemão, chamado Fritz, estava uma noite lendo na cama. Chamou o creado, arguio os olhos do livro e em vez do creado viu seu pai que o olhava carinhosamente. Surprehendido, exclamou o joven official: Meu pai, si és realmente meu pai, deves ter morrido! — O phantasma desapareceu e o official muito impressionado, partiu na manhã seguinte para a casa paterna, situada em uma cidade do Norte da Alemanha. Ahi chegou quando estavam celebrando os funeraes de seu pai. Sua familia lhe descreveu os ultimos momentos, dizendo-lhe: Vosso pai ficou algum tempo como sem vida; quando menos esperavamos, abriu os olhos e contou-nos que havia dormido profundamente, sonhando com o

seu filho Justo, a quem viu lendo na cama e o qual lhe disse: «Meu pai, si és realmente meu pai, deves ter morrido».

A propaganda na Hespanha. — O Centro Barcelonês de Estudos Psychologicos inaugurou as suas conferencias publicas que continuarão todos os sabbados até fins de Junho, sendo feita a ultima, de resumo, pelo Dr. Sanz Benito. E' proposito da Commissão de propaganda organizar no proximo verão varios meetings nas povoações e sabbados de Barcelona. Sob os auspicios do mesmo Centro vão ser abertas escolas gratuitas para ambos os sexos.

Le Phénomène Spirite. — A incansavel redacção da Revista de Estudos Psychologicos de Barcelona começou a publicar sem hespanha a notavel obra que, com o titulo supra, toi ha pouco escripta pelo Sr. Gabriel Delanne.

Um testemunho de valor. — Eis um documento digno de seria attenção: Milão, 29 de Novembro. Illustra Sr. Chiata.

Tive occasião de assistir, uma dezena de vezes, em companhia de diversos amigos e collegas e, em ultimo lugar, com o professor Lombroso, ás experiencias de Eusapia Paladino. Devo confessar-vos a perfeita incredulidade com que a principio acolhi a narração dos phenomenos extraordinarios que me foi feita; mas, em presenca dos factos que me foi dado observar, pude convencer-me de que o que vi e verifiquei tirava á mystificação toda a possibilidade e era o resultado de uma força exterior a Eusapia.

Conhecendo todos as expertezas a que se pôde recorrer para produzir phenomenos deste genero, taes em particular como a substituição das mãos e dos pés na obscuridade pelo medium, astive nos casos de assagurame da absoluta impossibilidade de manobras semelhantes pela destreza de Eusapia. Esta affirmacão se applica especialmente aos phenomenos a distancia, de transportes de objectos muito afastados della, de sons de instrumentos, de appareições de luzes fluctuando no ar, ás levitações da mesa e do proprio medium, assim como á producção de impressões plasticas, etc.

Admittir que semelhantes phenomenos sejam devidos á habilidade mystificadora de Eusapia Paladino equivale, na minha opinião, a atestar a *inepcia e a completa ignorancia das testemuhas que assistiram a essas experiencias e as comprovaram.* Apraz-me creer, e ao affirmar sem reticencias a pura verdade e exactidão dos phenomenos observados, que dignar-se-ão não attribuir-me as prerogativas lisongeiras que acabo de enunciar. Não é da minha competencia

(1) A narração desta historia, ou antes deste facto psychico, allia muito notavel, achou-se no *Dictionario das Sciencias Occultas*, 2 volumes) 1848, pelo abbade Migne.

procurar a explicação de manifestações tão extraordinárias; ellas carecem de ser estudadas tranquillamente, com todo o rigor da sciencia.

Vosso dedicado.
Professor F. DE AMICIS
Director da Clinica Durosophilopathica da Universidade de Napoles.

O cidadão Antonio Raymundo Nonato está auctorizado a agenciar assignaturas para esta folha e a receber o seu importe no norte deste Estado.

Sociedade de Investigações psychicas de Milão.

Segundo refere a revista psychologica *L'Innotismo*, de Florença, acaba de fundar-se em Milão uma sociedade que tem por fim indagar, colher e estudar experimentalmente factos de telepathia, presentimento, dupla vista, faculdades medianimicas, suggestão mental, fakirismo, etc., que examinados sem preconceitos e dogmatismos científicos possam ampliar o horizonte do intellecto humano. Os adherentes, em numero de quarenta e tantos, são professores de escolas secundarias, naturalistas, psychologos, philosophos, physicos, mathematicos, medicos, litteratos, estudantes, jornalistas, etc. Approvados os Estatutos, foi eleito presidente o professor Angelo Broferio, vice o Dr. Clerici, secretario o engenheiro Giorgio Finzi, thesoureiro o Sr. Busselli e bibliothecario o Dr. Romeo Carugati. A sociedade assignará os jornaos specialistas no genero que se publicam na Inglaterra, França, Alemanha e Hespanha e facilitará aos socios os meios de investigação quando forem necessarios. Os socios pagarão 3liras de entrada e 1 lira por mez; não se admittem moneros. Inauguraram-se os trabalhos com grande copia de casos singulares que já estão submettidos a commissões especiaes. Que a exemplo das sociedades congeneres que funcçionam em Londres, Boston, Pariz, Buenos Aires e Rio de Janeiro faça a de Milão irradiar a luz da verdade para todos os pontos do orbe, é o que desejamos.

Um meeting de spiritalistas.—A Aliança spiritalista de Londres acaba de organizar um grande meeting, com o concurso do Sr. Stead, fundador da *Review of Reviews*. O Sr. Stead é um dos mais recentes e dos mais brilhantes recrutados do spiritalismo. Elle offereceu, o anno passado, aos assignantes da *Review of*

Reviews um numero de natal, unicamente formado de historias de apparições authenticas, e a sua curiosidade para com os factos sobrenaturaes não parece estar ainda arrefecida. No meeting foi longamente discutida, sem chegar-se a um accordo, a seguinte questão: as pessoas que escrevem cartas telepathicas têm consciencia do seu acto?

No correr da discussão, contou o Sr. Stead que, andando elle a passear em Norfolk street, viu o «duplo» de um homem que estava, naquella momento, em outro quarteirão de Londres. Um dos assistentes, Sr. Gilbert Elliot, reforçou o caso, narrando a seguinte singular aventura:

Uma noite, diz elle, estive no club do Athenæum. Pelas dez horas e meia, consultei com os meus botões si devia ficar ainda no club ou partir para a casa como de costume. Hesitei por muito tempo, e um vivo debate produziu-se em mim. Emfim, resolvi-me a ficar, e á meia noite fui dormir num hotel de Jennyn Street.

No dia seguinte, pelas dez horas da manhã, eu almoçava no club, quando uma mulher, muito commovida, se acercou de mim. Disse-me ella que uma coisa muito extraordinaria tinha-se passado em minha casa, na vespera, á noite, pelas dez horas e meia. No momento de ir deitar-se, minha mulher ouviu-me caminhar no tralho que vai ter á casa e encostar e meu guarda-chuva contra a porta. Depois, como eu não entrasse, ella desceu, chamou-me, e não viu ninguém.

Mas eis o que é mais admiravel: na manhã do dia seguinte, tendo a creada entrada no meu quarto com uma chavena de chá para mim, disse-lhe minha mulher que eu não tinha voltado. Oh! sim, minha senhora, respondeu-lha a creada, vi-o caminhar ao longo do tralho. Trazia o seu guarda-chuva na mão, e o encostou contra a porta antes de entrar. Extraordinario!

(*Le Messenger*)

Primeiro concilio universal.—Em Setembro proximo deve realizar-se em Chicago um «Parlamento das religiões», grande assemblea religiosa internacional que tem por fim comparar e discutir as diferentes vistas das representações distinctas de todas as grandes confissões religiosas do mundo. A unica condição requerida para a admissão é a

crença na existencia de um ser supremo, que seu apostolo principal se chame Gautama, Mahomet, Moysés ou o Christo. Grande copia de respostas favoraveis aos convites feitos têm sido recebidas de todos os pontos do globo.

Bem pensado.—«Póde uma pessoa crer nas manifestações dos espiritos, admittir que os phenomenos são reaes, que o espirito sobrevive á materia e não procurar desenvolver a espiritalidade na sua vida despidendo-se de suas imperfeições. Neste caso elle não é digno do nome de spirita, achase no vestibulo, mas não entrou no templo do conhecimento espiritalista.» (*The World's Advance-Thought*).

Mais uma theoria.—O Sr. Abbade de Meissas, segundo diz o *Journal des Débats*, fez hontem, 22 de Março de 1893, uma conferencia acerca dos phenomenos spiritalis, que impressionou vivamente o seu auditorio, pondo-o em dia com o maravilhoso da epocha actual. A dizer verdade, elle não sahio dos factos classicos: Experiencias de Crookes; phenomenos de Eusapia Paladino, etc. ou, para precisa-los: levitações de objectos sob a mão do medium; deslocações de objectos sem contacto; mesas falantes.

O conferencista declara não ser extranho a estes phenomenos. Tem-n'os visto, tem-n'os verificado e os crê reaes.

Aqui, o conferencista apresenta uma theoria um pouco particular que, apesar ser sabidamente exposta por elle, provocou varias contestações por parte dos seus auditores.

«O phenomeno spirita, diz elle, não é sino um phenomeno magnetico. O que tomamos por sobrenatural é o mais natural do mundo. A philosophia tranviou-se tanto pelo spiritalismo classico como pelo materialismo. O spiritalismo accerto pela Igreja como se accommodando melhor á fé não pôdo dar conta dos phenomenos magneticos q' observamos quotidianamente. Cumpre, portanto, substitui-lo por uma theoria nova. Os spiritas se enganam crendo na «volta» dos mortos; os catholicos se enganam tremendo ante a ideia de lendarios demonios. O desdobramento do medium—o Sr. de Meissas crê no perispirito—basta para produzir os phenomenos spiritalis.

Somos compostos, além disso, de varias almas, e não é impossivel q' uma dellas se des-

prenda de nós, num dado momento, e obre sem que o saibamos, sem que tenhamos consciencia disso.»

N. D. R. Já em 1889, quando presidente do Congresso magnetico de Pariz, o illustrado abbade Meissas, actual esmolero do collegio Rollin, ao dar conta das innumeradas provas de duplavista por elle colleccionadas e amplamente comprovadas, explicava-as admitindo que o homem possui um sexto sentido ainda não bem desenvolvido, e procurava justificar a sua explicação socorrendo-se das sciencias naturaes. Agora se nos apresenta com a pluralidade dasalmas individuo. Para um sacerdote catholico, já é! Mas então quai dellas é que é responsavel pelos actos do homem? Não ha que duvidar, quem se aventura neste terreno ou ha de aceitar os factos taes quaes são, pura e simplesmente, ou ha de transviar-se crendo theorias cada vez mais antipodadas do bom senso.

Eusapia Paladino.—Lemos no *Voile d'Isis* de 15 de Março:

«Sabemos de fonte insuspeita que a medium Eusapia está actualmente em Pariz com o Sr. Chiaia. Coube que aqui chegou a insistencias do professor Richet e sem que os grupos spiritalis soubessem, os quaes não puderam reunir a somma precisa para que ella pudesse fazer a viagem. Os sabios continuam em Pariz as experiencias que começaram em Napoles.»

Tanto melhor, eis uma concurrencia de que os spiritalis não tem que se queixar, contanto que os sabios, depois de terem visto e revisito os phenomenos spiritalis, tenham o animo de o dizer alto e bom som! Sabemos de boa fonte que ha alguns annos o Sr. Richet ponde observar em boas condições o phenomeno da escripta directa com o medium Eglinton, antes, portanto, da chegada de Blade a Pariz. Até o presente a sciencia ainda não se aproveitou dessas observações. Com a medium Eusapia não acharão ainda uma desculpa qualquer para não se pronunciarem? Aguardemos os acontecimentos. Por ora nada vai confirmar a informação dada pelo *Voile d'Isis*. (*Le Messenger*)

N. D. R. Pela *Revista Spiritalista* de Maio sabemos que a subscrição promovida pelos spiritalis parizienses, para a ida de Eusapia á capital da França, abia a 508 francos.

VERDADE E LUZ

Sem caridade não ha salvação.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre — Tal é a lei.

Orgão do Espiritualismo Cientifico — PUBLICAÇÃO QUINZENA

Director responsavel — ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA

S. PAULO

Collaboradores — DIVERSOS

BRAZIL

ANNO IV

Quarta-feira, 15 de Novembro de 1893

Num. 84

Assignaturas

Anno 2\$000

REDAÇÃO E OFFICINA

4, RUA DA INDEPENDENCIA, 4.

A supervivencia do espirito.

Para a Escola Espiritualista, cujo maior vulto é Platão na antiguidade grega, a possibilidade de sobreviver o espirito á materia não soffre a menor duvida.

As religiões, que são syntheses philosophicas, e todas, sem fazer questão de palavras, aceitam um Principio Inteligente, uma causa primordial de todas as cousas, consciente de si mesma. — as religiões, dizemos nós, codificaram, dogmatizaram essas conclusões do Espiritualismo, fazendo dellas a sua base, o seu ponto de fé.

Do outro lado, firmados tão somente nos factos materiais accessiveis aos cinco sentidos humanos; começando do átomo para chegar aos mais complicados corpos do Universo, o materialismo nega a possibilidade do Espirito, não o aceita porque elle não é palpavel, não é ponderavel. O seu methodo é deductivo, ao passo que o dos espiritualistas é inductivo.

Quem tem razão?

Contra o materialismo grosseiro, metaphysico, que assim argumenta, ha objecções muito sérias: — quem já palpou a electricidade? quem a pesou? O pensamento é um facto real, positivo. Quem pesou, quem palpou o pensamento?

É ponderavel a luz?

Parece que, com o extusivismo de um só methodo, não chegará a sciencia á demonstração da supervivencia do espirito.

Tambem o methodo unicamente inductivo dos espiritualistas parece-nos vicioso.

Entretanto, para as intelligencias desprovenidas, desapaixonadas, com a combinação dos dous methodos é perfeitamente acceptavel a hypothese da supervivencia do Espirito: — não é descabido affirmar, que, morta a materia organizada, o corpo animal, possa o Espirito ter uma existencia em si.

Mas, neste ponto, é preciso não perder de vista o valor em que deve ser tomado o termo *espirito*.

O *solido*, é materia; o *liquido* é materia; o *gasoso* é materia, e o *radiante* (quarto estado, descoberto e positivamente demonstrado por William Crookes) é materia.

Mas o *radiante* é *imponderavel*. — não se pesa; é impalpavel, — não se sente ao tacto. O que hoje a sciencia tende a affirmar é que a materia, que se transforma infinitamente, assume ás vezes estados completamente imperceptiveis aos nossos sentidos, devido á sua imperfeição actual. Mas como esses sentidos se vão aperfeçoando de geração em geração, é licito suppor que esses estados da materia vão sendo percebidos ainda que rudimentarmente por nossos sentidos.

Depois, ha um outro facto em que é preciso que o raciocinio se detenha: o seguinte:

— Todas as cousas do Universo se transformam, sem cessar. O movimento de composição e decomposição é o maior factor da mutabilidade das formas; — porque o que muda é a forma e não a essencia.

A essencia, que justamente é que está em questão, continúa sempre a ser a mesma materia primordial, para os materialistas, e espirito primordial para os espiritualistas). De modo que, de um ou outro lado, a evolução segue sempre, não pára um segundo em toda a eternidade, no seu officio dynamico de modelar a materia nessa infinita immensidade de corpos, brutas ou vivos, que povoam a Natureza.

Si nada tem um fim (porque não é fim uma mudança de forma), porque suppor e affirmar que a essencia *activa, intelligente, sensitiva, volitiva*, que se revela no homem e nos outros animaes, desapparece, deixa de existir quando o corpo desse homem e desses outros animaes, vai definitivamente entrar em mudança de forma, trabalhado chimicamente pelas reacções do mundo physico que o cercam?

Porque não suppor, não induzir que, durante a vida, os corpos humanos e animaes não tenham sido laboratorios de uma phase subtil da materia. — o *espirito supervivivel* á materia que o aperfeçoou lentamente, dando-lhe condições para viver em nova forma, tal qual como o mundo mineral e o mundo vegetal, lentamente se transformando, vieram a engendrar o homem e os animaes. — seres grosseirissimos, horrivelmente rudimentares em seus primeiros dias, — no começo da animalidade em nosso planeta?

— Mas até aqui, dirá o philosopho, só tendes argumentado com a indução.

— Não; ha responderemos. É demonstrado que os seres vivos vieram do mineral e do vegetal; que a psychologia de um mollusco não lhe pode dar ás funcções subjectivas a durabilidade, intensidade e complexidade das funcções subjectivas de um Newton, de um Aristoteles, de um Shakespeare, de um V. Hugo. Depois, si quereis um pouco de deducção, basta que eu vos encaminhe para os modernissimos estudos de telepathia (hoje experimentaes), de hypnotismo, de braydismo, de occultismo pratico, — estudos esses que estão ganhando immenso terreno nas intelligencias mais alevantadas da actualidade, como W. Crookes, A. — R. Wallace, Lodge, Charles Richet, Lombroso, Elliot Cones, Ribot, e muitos e muitos outros sabios, — uns, philosophos, outros, psychologos,

— outros, chimicos e physicos, — outros, astronomicos, mathematicos, juristas, medicos, etc.

São tantos e taes os phenomenos hoje comprovados, verificados á luz, que está fóra de duvida que ha uma *força intelligente* que age fóra do homem, independente do homem, inesperadamente, em certas condições que parecem estabelecer o *meio* necessario á produção do phenomeno.

Ora, isto não é indução: — é experiencia, e, depois, é deducção.

Assim, os dous methodos reunidos, a experimentação *objectiva*, e o testemunho individual e colectivo, todos os processos da Natureza, — tudo parece indicar que, si nada existe no Universo, si tudo se transforma (cada vez para mais complicado, para mais perfeito) — tambem o *espirito*, a *força imponderavel, impalpavel*, que dirige o homem e os outros animaes, não se anniquilla nunca, mas se transforma sempre, aperfeçoando-se cada vez mais.

Será um estado da materia, uma phase sua que começamos agora a perceber fóra de nós, do mesmo modo que de um ovo consegue a Natureza um cão e um homem, uma lagarta e uma borboleta, e do mesmo modo que do carbono, do azoto, do hydrogênio e do oxygenio, faz uma cobra e uma flor, um poço de lama na terra e uma estrella no firmamento?

Qual existia primeiro: — a materia ou o espirito?

Que importa!

O que importa saber é si o espirito é eterno, si a alma é *immortal* como dizem os espiritualistas.

É isso o que hoje se busca provar experimentalmente, afim de se poder affirmar com a sciencia na mão: — O ESPIRITO SOBREVIVE AO CORPO.



Causa e Natureza da Clarividência somnambúlica.

EXPLICAÇÃO DO PHENOMENO DA LUCIDEZ.

As percepções, em estado somnambúlico, sendo de caracter differente das do estado de vigília, não podem proceder dos mesmos órgãos. É facto, que no somnambulismo, os olhos não concurrem para a visão, tanto que conservam-se quasi sempre fechados — e que, para tirar toda a duvida, podem ser completamente sequestrados nos mais lambeiros.

As demais, a vista a distancia e a travéz dos corpos opacos, excelsa a possibilidade da acção dos órgãos naturaes.

Porçõmente, pois, temos de admitir, no somnambulismo, a intervenção de um sentido novo, sede de facultades e de percepções novas, que nos são desconhecidas e de que não podemos apreciar a natureza, senão pela analogia e pelo raciocínio.

Até ahí toda mais curial; mas qual é a sede desse sentido?

Ela é que não é fácil determinar com exactidão. Os proprios somnambulos não dão a esse respeito indicações precisas.

Ha uma que, para melhor verem, põem os objectos sobre o epigastro. Outros que o põem sobre a fronte — a alguns sobre o occipital.

Aparece, pois, que aquelle sentido somente se limita a um unico e determinado ponto.

Certo, porém, é: que sua maior actividade reside nos centros nervosos.

O que é positivo é que o somnambulo vê.

Por onde e como vê? E o que não nos pôde elle definir.

Fixemos bem que, no estado somnambúlico, os phenomenos da visão e as sensações que o acompañam são essencialmente differentes do que tem lugar no estado ordinario; pelo que não empregamos a palavra — ver — senão por comparação e a falta de um termo, que naturalmente não existe para uma coisa desconhecida.

Um povo de cegos de nascença não teria palavra para exprimir a — luz — e attribuiria as sensações que ella produz a algumas das que lhe sejam conhecidas.

Alguem quiz explicar a um cego a impressão viva e brilhante da luz sobre os olhos.

Já sei, disse elle, é assim como o som de uma trombeta.

Outro, aquien queria-se fazer comprehender a emissão dos raios em feixes ou cones luminosos. Respondeu: ah! sim: é como um pão de assucar.

Nestas condições estamos nós sobre a lucidez somnambúlica: somos verdadeiros cegos — e, como estes, comparamos a visão somnambúlica ao que, para nós, tem mais analogia com a nossa facultade visual.

Se, porém, quizermos estabelecer uma analogia absoluta entre as duas facultades, e julgar uma pela outra, cahiremos necessariamente no erro dos dois cegos, que acabamos de citar.

É esta a falta de todos os que procuram convencer-se por deficientes experiencias.

Elles sujeitam a clarividência

somnambúlica ás mesmas provas que a vista ordinaria, sem reflectirem que outras relações não ha entre ellas, além do nome que lhe damos; e porque os resultados não correspondem a sua expectativa, julgam mais simples negar.

Se procedermos por analogia, diríamos que o fluido magnetico, espalhado por toda a natureza e de que os corpos animados parecem ser focos principaes, é o vehiculo da clarividência somnambúlica, assim como o fluido luminoso é das imagens percebidas por nossa facultade visual.

Ora do mesmo modo como este torna transparentes os corpos que livremente atravessa, assim aquelle, penetrando todos os corpos sem excepção, faz que não haja corpo opaco para os somnambulos.

Esta é a mais simples explicação, e a mais material, da lucidez, fallando do vosso ponto de vista.

Nos consideramos-a justa, porque o fluido magnetico representa, incontestavelmente, importante papel neste phenomeno; mas ella não comprehende todos os factos.

Ha uma outra que os comprehende todos; mas que reclama, para ser bem entendida, explicações preliminaries.

Na vista a distancia, o somnambulo não distingue os objectos, como fazemos por meio de olhos de augmento.

Não são os objectos que se approximam d'elle por uma illusão optica; é elle que vai ter com os objectos.

Elle os vê como se estivesse no pé d'elles; elle vê a si proprio no ponto em que os observa; em uma palavra, elle transporta-se.

Seu corpo, nesse momento, parece que se some — sua palavra é mais sarda — o som de sua voz é alterado de um modo extranho — a vida animal parece existir nelle — a espirital está completa no lugar onde se transportou seu pensamento — a materia, e só ella fica no ponto em que se vê o corpo.

Ha, pois, uma parte do nosso ser, que separa-se do nosso corpo, para transportar-se instantaneamente, a travéz do espaço, levada do pensamento e pela vontade.

Essa parte é evidentemente immaterial; do contrario ella produziria algum effeito material — e é a ella que nós chamamos — alma.

Sim, é a alma que dá ao somnambulo as maravilhosas facultades que elle manifesta — a alma que, em dadas circumstancias, se apresenta isolada, em parte e momentaneamente, do seu envolvero corporeo.

Para todo o que observa attentamente os phenomenos do somnambulismo, ou sua maior pureza, é patente a existencia da alma — e a idéa de tudo acabar em nós com a vida animal, lhe é um contra-senso demonstrado até á evidencia.

Pode-se tambem dizer com alguma razão: que o magnetismo e o materialismo são incompativels.

Se ha magnetisadores que parecem fazer excepção a esta regra, por professarem doutrinas materialistas, é que não tem effeito feito estudo profundo dos phenomenos physicos do magnetismo — e não tem seriamente procurado a solução do problema da vista a distancia.

Como quer que seja, ainda não vimos um somnambulo que não seja profundamente religioso, quiesquer que sejam suas crenças em seu estado normal.

Volvamos á theoria da lucidez.

Sendo a alma a sede das facultades do somnambulo, n'ella é que reside evidentemente a clarividência, e não em qualquer parte do nosso corpo.

É esta a razão por que o somnambulo não pôde designar o órgão dessa facultade, como designa o olho para a vista exterior.

Elle vê por meio do todo o seu ser moral; isto é: por meio de sua alma; porque a clarividência é um attributo de todas as partes.

Quê quer que a alma possa penetrar, haverá clarividência; donde a causa da lucidez dos somnambulos atravez dos corpos — e as maiores distancias.

Naturalmente oppor-se-ha a este systema uma objecção, que apressamos em rebater.

« Se as facultades somnambúlicas são as da alma destacada da materia, porque razão estas facultades não são constantes? — Por que razão a lucidez é variavel no mesmo individuo? »

« Admitte-se a imperfeição physica de um organ — a da alma não. »

A alma prende-se ao corpo por laços mysticos que não podemos definir, antes de nos ensinar o espiritalismo o papel que representa, no caso, o perispirito.

Esta questão, já tendo sido tratada de um modo especial na *Revisão* e nas obras fundamentaes, dispensa aqui qualquer desenvolvimento.

Limitar-nos-hemos, pois, a dizer: que é por nossos órgãos materiaes que a alma se manifesta no exterior.

Em nosso estado normal, tues manifestações são naturalmente subordinadas ás imperfeições do instrumento, do mesmo modo como o operario não pôde fazer obra perfeita com instrumentos cegos.

Por mais admiravel, pois, que seja a estrutura do nosso corpo — qualquer que tenha sido a providencia da Natureza, com relação a nosso organismo, affirm de poder satisfazer as funções vitaes, muito superiores a estas órgãos, sujeitos a todas as perturbações da materia, está a subtileza de nossa alma.

Enquanto, pois, a alma estiver ligada ao corpo, soffrerá os entraves e vicissitudes, que lhe elle impõe.

O fluido magnetico não é a alma — é um laço, um intermediario entre a alma e o corpo; e é por sua maior ou menor acção sobre a materia, que elle dá mais ou menos liberdade a alma. D'ahi a diversidade das facultades somnambúlicas.

O somnambulo é um homem que não está desembaraçado senão de uma parte do seu envolvero e cujos movimentos ainda são tolhidos pela parte de que não se desembaraçou.

A alma só obterá sua independência e a completa liberdade de suas facultades, quando tiver rompido os últimos laços da materia, como a herbuleta sahida da oryzalida.

Se um magnetisador tivesse bastante poder para dar á alma a liberdade absoluta, romper-se-hiam os laços que a prendiam a terra — e a morte seria a consequencia forçada.

O somnambulismo, pois, nos leva a pôr um pé na vida futura — e levanta uma ponta do véu que cobre as verdades, de que o espiritalismo nos dá heje conhecimento.

Não lhe conheceremos, porém, a essencia, senão quando formos completamente desembaraçados do véu material que obscurece-a aqui.

ALLAN KARDEC.

Obras Posthumas.

O Grande Sol Espiritual Central

« Como conciliar-se a existencia do mal no universo, com a idéa de um Deus essencialmente Bom e Todo-Poderoso? »

Para provar que a existencia do mal não é incompativel com a bondade infinita de Deus nem com seu inteiro Poder, basta ter noções exactas não só de Deus, como tambem do homem e do Universo.

A subsistencia do nosso mundo material em seu todo e em suas partes é evidentemente dependente do sol que brilha no firmamento; assim tambem é evidente que a luz e o calor que d'elle emanam são os agentes dos effeitos por elle produzidos: calor e luz eis os dois principios que são a vida material do nosso planeta.

Mas além de luz e calor naturaes tambem existe no mundo luz e calor espirituaes. O individuo abalido por qualquer affecção não sente calor interno? Não é como uma luz interior o pensamento que o sorprehende? E isto é tão real que, em qualquer lingua, não se poderá falar do qualquer affecção, sem se usar de termos que convêm ao calor, nem de algum pensamento sem que se sirva de palavras conformes a luz. Que concluir-se dahi, a não que a affecção do homem é calor espirital e seu pensamento luz espirital? Mas, donde vêm este calor e esta luz que nos affectam interiormente? Serão deuse sol que é visivel aos olhos dos nossos corpos terrestres?

Tal não se atreveriam sustentar. Porque sendo o sol visivel é material; ora o que é material não pôde produzir o espirital.

Para se conhecer donde procedem este calor e esta luz, é mister recorrer á analogia, do que se poderá tirar a seguinte conclusão:

Si o calor e a luz naturaes provêm do sol natural — o que é innegavel — a luz e o calor espirituaes devem proceder do Sol espirital, como elles, invisivel aos olhos materiaes.

A analogia tambem nos diz que, si a subsistencia do mundo material é dependente do sol — o que é incontestavel — tambem o será a do mundo espirital do que lhe é proprio. O exame immediatamente feito sobre nós mesmos confirmará a analogia.

Com effeito, si quanto ao nosso corpo medramos no mun-

do material, quanto ao espirito pertencemos ao espiritual; e, como nesso ser espiritual mais não é que o composto de affecções e de pensamentos, é evidente que elle não pode existir independente do fuso espiritual, do qual ainda mais dependem os seres puramente espirituaes.

Sabendo que ha um Sol Espiritual, que é a causa da parte invisivel do universo, é licito procurar conhecer a natureza de tal astro.

As affecções relativas a vontade, os pensamentos relativos ao entendimento, são as duas faculdades que constituem a vida do homem. Já de ha muito se diz: o homem é vontade e pensamento. Dahi resulta, que o calor e a luz espirituaes, que na essencia são Amor e Sabedoria, constituem a propria vida. E sendo este calor e esta luz a emanção do Sol Espiritual, resulta ainda disso que a vida reside n'elle, que a distribue no Universo.

Ainda que resida a vida no Sol espiritual, não é elle a propria vida nem seu primario recipiente. Deus é a Vida; e como a vida real do homem se compõe de amor e sabedoria, sendo Deus a Vida; é consequentemente o proprio Amor e a propria Sabedoria; o Amor constitue seu Ser, sua Substancia, e a Sabedoria seu modo de existir, sua manifestação, isto é, sua forma.

Todos outros seus attributos são consequencias do Amor e da Sabedoria, como todas as faculdades do homem são consequencias de sua vontade, sede das affecções, e de seu entendimento, sede dos pensamentos.

Si, nesta argumentação, tomei por ponto de partida o homem para subir até Deus, em vez de partir d'Elle para descer até o homem, é porque sobre estas altas questões têm sido lançado densas trevas, sendo-se forçado hoje em dia para falia dellas a appellar para a razão do homem antes de tocar seu coração.

L. D.

(La Religion de l'avenir)

NOTICIARIO

O director desta folha, como agente, nesta capital, do *Reformador*, órgão da Federação Spiritica Brasileira, roga a todos

os confrades deste estado que se interessam pelo Espiritualismo Scientifico que tomem uma assignatura do mesmo nesta redacção, a qual assignatura é de 5000 rs. por anno, pagos adiantados, comprometendo-se o mesmo director a fornecer a *Verdade e Luz* gratis em quanto forem assignantes do *Reformador*.

Pode tambem aos senhores assignantes do *Reformador* que ainda não pagaram a assignatura do anno passado, 1892, a bondade de o fazer nesta redacção, rua da Independencia n. 4.

Tambem se incumbe de tomar assignaturas para todos os jornaes spiriticas, tanto nacionaes como estrangeiros que com este permittam.

Tiramos da *Revista Espiritista de la Habana* as seguintes noticias:

Congresso Espiritista.

— Em Liege ou em Bruxellas.

Entre os nossos irmãos da Belgica se agita a questão de si convirá celebrar o annunciado Congresso espirita para 1894, em Liege ou em Bruxellas, segundo deliberou o Congresso de Paris.

A opinião da maioria se inclina a favor da capital da Belgica.

Plausivel idéa.

— Agita-se em Espanha a idéa de fundar-se um hospital espirita, tendo sido os irmãos do Centro *La Esperanza* de Andujar os primeiros a contribuir com certa quantia para levar a effeito tão notavel resolução.

Um meeting — A commissão de propaganda do «Centro Barcelonez» de Estudos Psychicologicos, celebrou no primeiro domingo de Abril um meeting espirita na importante cidade de Badalona. Começou a conferencia ás dez e um quarto da manhã perante um publico numeroso e sensato. Falaram os nossos irmãos D. Angel Aguard, D. José Combrano, D. Jacinto Planas, D. Quintin Lopez e D. Miguel Vives que chegou a comover o auditorio. Finalizado o acto, a nota predominante era que se veria com agrado sua repetição.

Adiante!

Secção nocturna. — De

regresso a Barcelona os propagandistas de Badalona e São Martin realizaram no Centro Barcelonez uma grande secção nocturna dignamente prezida pelo Senhor Visconde de Torres-Solanot. Além daquelles irmãos, fizeram uso da palavra varios outros conhecidos oradores, entre os quaes algumas senhoras. Tão importante reunião fará época na historia do espiritismo em Barcelona.

Felicitemos a estes infatigaveis campeões da boa causa.

O Homem Atravez dos Mundos.

— Vende-se nesta typographia, a 2000 rs. o exemplar em «brochuras».

Obras Posthumas.

— De Allan-Kardec. Vende-se nesta typographia a 4000 rs. o exemplar «encadernado».

Congresso psychico de Chicago.

— Tão importante congresso abriu suas secções publicas no Palacio da Arte no dia 21 de Agosto ás tres horas da tarde.

Para esse fim se designaram salas, que foram substituidas por local mais espaçoso por não comportarem a numerosa concurrencia.

O professor Elliot Coues foi o que primeiro fez uso da palavra com sua energica e portentosa voz, patenteando ainda uma vez seus excellentes dotes oratorios. O objecto primordial de seu discurso foi pôr em evidencia a necessidade de se reclamar um posto para a sciencia psychica entre as outras irmas. Occupou-se com grande acerto do hypnotismo e da psychometria. Chamou particularmente a attenção sobre a força *ódica* de Reichembach. Entre as theorias que explanou figura a da multipla personalidade. Falou a respeito da telepathia, demonstrando sua grande importancia e acêrca dos phantasmas vistos por algumas pessoas dotadas de extraordinaria subjectividade.

A teleacustica, ajuntou, é um novo termo adoptado para definir experiencias de character psychico e nas quaes intervêm os ouvidos. Tratou respeitosa e Espiritualismo, não pronunciando palavra que pudesse offender nenhum de seus razoaveis adeptos. Disse que a causa dos factos spiriticos se deve procurar desapassionadamente; como tambem que, em quanto durar desconhecida a na-

tura ultima da materia, não poderemos estabelecer dogmaticamente as fronteiras do psychismo, porque a materia pôde existir em muitas outras formas do que as tres universalmente conhecidas.

Muitos procuram na sciencia a semente da fé religiosa e por isso o Congresso psychico, deve tratar como uma necessidade, de pôr em evidencia a alma e sua immortalidade. A pergunta, se além do homem outras creaturas possuem alma é impertinente. Em que differe a alma da mente? Em que se differencia a alma do corpo. E a alma substancial, existe por si mesma? — Estas perguntas submittidas ao Congresso devem ser discutidas com imparcialidade.

«O testemunho humano em relação com o phenomeno psychico» foi o thema do Dr. Richard Hodgson, que disse que a opinião do homem scientifico que julga *a priori* não deve ser demasiado atrevida. Nada mais justo que sua declaração de que ainda que se tenha provado que cinco mediums são falsarios, si se apresenta um sexto que não o é, aquella prova não é razão para que se desconfie deste.

O professor Myers leu a memoria do Reverendo J. Lavage acêrca da «Interpretação Espiritualista do phenomeno psychico». Este escripto contém notaveis factos de autentica clarividencia.

Todos os oradores foram muito applaudidos e o mesmo succedeu na secção das 8 horas da noite.

Diariamente acudia o publico em tropel para ouvir as narrações dos maravilhosos phenomenos realizados no Brazil e em outros pontos da America meridional, assim como em Inglaterra, Hespanha, França, Italia, Alemanha e outros paizes.

No dia 23 pela manhã o juiz A. H. Daillet, de Brooklyn, relatou interessantes experiencias realizadas juntando o testemunho de pessoas fidedignas. A Senhora Sara Underwood apresentou uma escripta automatica de grande valor, obtida com sua propria mediumnidade, quando ella e seu marido ainda não eram spiriticas. O mesmo assumpto foi continuado pelo Sur. Underwood que assegurou que taes factos eram veridicos.

Outros muitos oradores fizeram uso da palavra, entre elles illustradissimas Senhoras.

No dia 24 falou o Sr. Hudson sobre a «evidencia» favorecendo a theoria da natureza dual da mente humana.

Todas as reuniões spiritas da cidade estão muito concorridas disputando os assistentes assentos para não ficar em pé.

Um vivo que se faz enterrar.— Já tivemos occasião de falar de um individuo chamado Seymour, de Chicago, que propoz fazer-se enterrar vivo, permanecer alguns dias sepultado, e depois resuscitar. Ora a proposta foi aceita e o publico segue com vivo interesse os preparativos da inhumação.

Um medico, o Dr. Dum, que inspeciona as operações, declara que a coisa é factivel e que os fakers na India fazem disso a sua especialidade.

Durante muitos dias antes da inhumação, Seymour nutrir-se-á exclusivamente de alimentos que produzem gordura, depois pôr-se-á elle proprio em estado de catalepsia, não sem ter primeiramente esvaziado os seus pulmões, tanto quanto permitta a sua capacidade, de ar puro.

As aberturas do nariz, dos olhos e das orelhas serão hermeticamente fechadas com cera e o seu corpo será untado com petroleo para que fiquem obturadas todas as poros. O corpo será mettido numa triplice caixa que será perforada a fim de que possam sair os gazes mephticos, que serão absorvidos pelo solo argiloso em que se fará a inhumação. (H. Vesillo).

Escreve a Alborada, de Sagua la Grande (Cuba):

—O Medical Record, do New-York, periodica materialista, si os ha, quasi se escandalizou do interesse com que têm revivido nos Estados Unidos, e talvez na Europa, o estudo e investigações psychologicas.

Segundo o numero de 13 de Maio, fundou-se recentemente em Angeles (California) a Sociedade Psychica. A Sociedade Psychica Americana, com sede em Boston, installou diversas seções analogas em muitas outras cidades; e finalmente, a imprensa diaria, tambem interessada neste movimento, publica em suas columnas phenomenos de sensação que a cada passo observam seus redactores e correspondentes.

(Constancia)

A arvore das dez mil imagens.—M. Leon de Rosny numa conferencia sobre o bizi-

dhismo citou em outro dia, perante um auditorio de parisienses scepticos, uma maravilha explorada pelos padres do Thibé e com que muito lucraram seus pagodes. Trata-se de uma arvore extraordinaria que o viajante poderá examinar cuidadosamente e cuja descripção foi a seguinte:

«Cheios de curiosidade olhámos primeiramente a folhagem onde vimos com espanto caracteres thibeanos perfeitamente desenhados em cada uma das folhas; estes caracteres eram ora mais escuros ora mais claros do que a cor natural dellas. A principio pensámos em desconfiar do embusro dos lamas; mas nos foi impossivel descobrir o menor indice de fraude.

Os caracteres pareciam fazer parte integrante das folhas como as veias e as nervuras: elles appareciam ora no alto, ora no meio, ora na base ou nas costas dellas.

As folhas mais tenras apresentavam caracteres radimentares e meio formados; a casca do tronco e dos ramos desde os mais baixos até os dos platanos estava egualmente coberta de lettras; si se desliga um fragmento da casca velha, na nova se percebem formas indeterminadas dos caracteres que já estão se formando; e, coisa notavel, estes são ordinariamente muito differentes dos que estavam no fragmento desprendido.

Fizemos esforcos sempre vãos para descobrir algum signal de fraude; suamos nesse afan. Outros, mais habéis que nós, talvez possam explicar satisfactoriamente a singularidade dessa arvore; por nossa parte devemos renunciar tal empenho. Nossa ignorancia fará decerto sorrir; mas, contanto que não se desconfie da sinceridade de nossa narração, pouco nos importa.»

Está aberto o campo ás conjecturas; os botanicos terão com que se divertir.

(Le Flambeau)

Um phenomeno hypnotico.—Um amigo que nos mereca todo o credito, pessoa muito estudiosa, de uma rectidão exemplar e, sobretudo, muito conhecedor da materia de que tratamos, nos referiu o seguinte caso no qual não só foi testemunha como tambem operador.

Haviam-se reunido numa casa particular varios amigos para occupar-se de estudos praticos do espiritismo, quando, por falta de medium, lhes occorreu provocar algum pheno-

meno hypnotico. Em outras occasiões já haviam conseguido em ensaios a adivinhação do pensamento, a anesthesia e outros phenomenos produzidos pelo sono magnetico, e isto os animou a intentar a hypnose.

Para esse fim, nosso amigo começou a suggestionar a um dos assistentes. Ao principio parecia que a suggestão não passaria além do primeiro grão do sono hypnotico; porém occorreu logo ao magnetisador a idéa de suggerir ao sujeito que era general em chefe de um exercito, que se dispunha a entrar em combate, já estando á vista as forças inimigas que tomavam posições estrategicas, etc., etc.—«Que faz meu general? Como não monta a cavallo?»—disse por fim; e, acto continuo o sujeito abandonando a cadeira que occupava, se collocou de um salto sobre a mesa e de outro sobre os braços da lyra formada por tubos do gaz com que se alumiam.

Tão rapidos foram estes movimentos, que só se deram por elles com a queda dos globos que envolviam os mecheros da lyra, pela obscuridade em que a sala ficou envolvida e pelo ruido que se produziu nos canos do gaz.

E' inutil descrever a confusão que se seguiu a este incidente, nem a habilidade que o nosso amigo empregou para chamar o sujeito á realidade. Quando este soube o perigo que havia corrido, não por inesperienza do magnetisador, mas pelas circunstancias eventuaes que acompanharam o phenomeno, renunciou, cremos que para sempre, a repetir as experiencias.

O nosso amigo, segundo nos disse, foi o primeiro a maravilhar-se do resultado.

Converter um sujeito em general, com uma só palavra, não é novo. Richet em sua obra *O homem e a intelligencia* refere um caso analogo. Da-me uma luneta, disse o general de Richet.—Está bom. Onde está o commandante do 2.º de Zuavos? Estão alli, Kronmirs; vejo-os subir pelo barranco. Commandante, tome uma companhia e ataque essa gente. Va tambem uma bateria de campanha! São bravos estes Zuavos! Como saltam... vejamos; meu cavallo, minha espada... avancemos... ah!... estou ferido! Aqui terminou a peroração do sujeito, peroração que fez sem mover-se do logar, e bem que ao pedir sua espada, seu cavallo e, ao sentir-se ferido, fizera gesto de tomar a

espada, de montar e de desprender-se da sua cavalgadura. Porque, pois, o paciente de nosso amigo levou tão longe a suggestão? Indubitavelmente pelos sentimentos bellicosos que lhe foram inspirados. E' mais que provavel que si não fôra incitado a montar a cavallo, não teria abandonado seu assento e muito menos cavalgado a lyra. E' um dado de que os hypnotisadores devem tomar nota.

O panico—que outro não é o nome que deve dar-se á sensação que embaraçou aos assistentes a experiencia que em primeiro logar acima descrevemos—privou-os das curiosidades que certamente teriam seguido a essa primeira manifestação; porém esse mesmo panico deve lhes servir de exemplo salutar e, mais que a elles, aos que sem sufficientes conhecimentos se lançam por essa senda meio ignorada de investigações psychicas.

(Luzem)

Recebemos o agradecemos a oferta dos seguintes folhetos:

Aplicacion del iman al tratamiento de las enfermedades.—Pelo professor H. Durville, secretario geral da Sociedade Magnetica de França, traduzido em espanhol pelo Sr. Eduardo R. Garcia. Com 10 figuras no texto, contendo 107 pag. Preço 50 centimos, em Madrid. Jacometrezo, 59; principal.

Leyes fisicas del magnetismo.—Polaridade humana.—Conferencia experimental pelo professor H. Durville, traducção para o espanhol pelo Sr. Eduardo R. Garcia. Preço 25 centimos, em Madrid, Jacometrezo 59, principal.

Estadutos da Sociedade Beneficente «Perseverança e Auxilio dos Caixaeros de Mucio.»

Esboço biographico do Dr. Estevam Leco Bourroul, por um amigo e collega.

«As bellas artes», em que o distincto e talentoso amador o Sr. Antonio C. de Sampaio Peixoto reuniu todas as noticias com referencia aos seus notaveis trabalhos de desenho e pintura.

Cid. Francisco Cardona, caixa do Correo n. 5

VERDADE E LUZ

R



Sem caridade não há salvação.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre.—Tal é a lei

Orgão do Espiritualismo Científico — PUBLICAÇÃO QUINZENAL.

Director responsavel — ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA

S. PAULO

Collaboradores — DIVERSOS

ISSUAZIL

ANNO IV |

Quinta-feira, 30 de Novembro de 1893

Num. 85



Assignaturas

Anno 2\$000

REDACÇÃO E OFFICINA

4, RUA DA INDEPENDENCIA, 4.

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

- Manaus (Estado do Amazonas) Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.
- Formosa (Estado de Goyaz) Sr. Joaquim Honorio Pereira Dutra.
- Aracaju (Estado do Sergipe) Sr. José Egydio da Fonseca.
- Recife (Estado de Pernambuco) Sr. João Rodrigues de Almeida Braga.
- Itatiba: Sr. João de Moraes Luz.
- São Simão: Sr. José Rodrigues Guimarães.
- Estação de Boitava: Sr. Antonio Meyer.
- Sorocaba: Sr. M. J. M. Guimarães.
- Campo Largo de Sorocaba: Sr. José Wenceslau da Silva.
- Tatuhy: Sr. Thomaz Cornelio de Mascarenhas Camargo.
- Tietê: Sr. José Prestes de Oliveira.
- Jahú: João Ferraz de Almeida Brags.

Aviso

Para que todos, indistinctamente, possam conhecer do labor de tantos sábios que tanto se interessam pelo desocorrimto da verdade e pelo aperfeiçoamento da humanidade, resolvemos reduzir o preço da assignatura da *Verdade e Luz* a dois mil reis por anno, podendo os nossos confrades que, cum nos, desejem contribuir para a diffusão de luzes no planeta, nos auxiliarem com quantias que lhes aprouverem.

Nos lugares onde temos agentes poderão a elles dirigir-se os interessados.

Aqui na capital estão auctorizados a receber as assignaturas os nossos amigos srs. Laiz da Silva Lima, rua de S. Bento n. 82 (charutaria), e José Monteiro do Abreu, Largo do Thezouro n. 3 (charutaria).

VERDADE E LUZ

Vende-se na rua de S. Bento n. 82 (charutaria). Largo do Thezouro n. 3 (charutaria).

Rua da Independencia n. 4, a 100 rs. o numero. O producto é destinado á Sociedade Typographica Beneficente.

O Sobrenatural

O sobrenatural não existe. O vulgo, esse philosopho de nascença, que tem mais o sentimento do que a intelligencia das cousas, erra quando afirma a existencia do sobrenatural.

Pedro, filho de Antonio e irmão de Maria, mora em Manaus, e Antonio e Maria em S. Paulo. A ultima carta, que o pae recebe do filho, da-o perfectamente bem de saude. Um dia depois, ás tantas horas da noite, Maria é acordada pelo irmão que mora em Manaus (*telepathia*), pallido como um cadaver, e que, monstrando-lhe um ferimento de arma de fogo sobre o peito, estende-lhe a mão todo esvaído em sangue, e da irman se despede para sempre.

Maria alarma-se com o sonho; insiste em dizer que nunca teve um sonho *tão vivo*, e que acredita que não estava dormindo.

—Vi-o, apertei-lhe a mão, que estava fria como gelo; o ferimento era do lado esquerdo, no lugar do coração, —affirma.

O pae conta o caso aos vizinhos, e o caso faz tanta impressão — que dello se toma acta, assentando a data e a hora do apparecimento de Pedro.

Um mez depois, uma carta procedente de Manaus traz a Antonio e a Maria a certeza de que a *tantos do mez*, em tal hora, foi Pedro assassinado por um tiro de pistola, cuja bala lhe varou o coração.

Vai-se ao accento, e a data é a mesma. Ha uma differença na hora, por causa dos meridianos que são diversos: —feito o desconto, Pedro appareceu a Maria nos proprios momentos da sua morte.

Este facto, que pode ser tomado pelo facto typico do que se chama *telepathia*, tem se dado e se dá com mil variantes, do mil formas, percebendo-

do-o ora os ouvidos (quando o paciente reconhece a fala), ora os olhos (quando o individuo vê), ora todos os demais sentidos.

Muita vez é uma grande pancada, á qual, —diz immediatamente o individuo que a ouve, impellido por um presentimento instantaneo e inexplicavel:

—E' A que morreu (A, X ou Z, pouco importa).

Toma-se nota, e é o facto verificado do mesmo modo.

—:—

Antes que a sciencia tomasse a peito a investigação de taes phenomenos; antes de chegar ella a afirmar (como o faz hoje) que elles são *reaes*,

—o publico, o grande philosopho de nascença, o affirmava, sabia-lhe a realidade, tomava-o debaixo de toda a consideração, convencido, após tantas e tantas repetições, o deante de milhares de testemunhos insuspeitos — de que taes factos são uma VERDADE.

Mas o vulgo, em quem não medra a sciencia, —sem elementos de explicação, prefere suppô-lo a visita de um'alma que abandonou seu corpo e que começa uma nova existencia; e, induzindo dali a immortalidade das almas, dá ao referido phenomeno o nome de *sobrenatural*.

Para o vulgo, tudo que ainda não tem uma explicação é neste delicado capitulo da psychologia humana — o *sobrenatural*.

E' sobrenatural o rumor que se repete em nosso quarto, alta noite, sem uma causa apparente; o gemido que quebra o silencio da nossa alcova; a pancada que fere o espaldar do nosso catre, pertinho dos nossos ouvidos; a luz que nos apagam de um sopro, no nosso gabinete de trabalho, fechado, e onde não ha a menor corrente de vento; a voz que nos chama forte e rapidamente pelo nosso nome, de um canto para onde olhamos, cortando-nos muita vez a delicia-

sa marcha de um pensamento intimo; —o objecto que, sem ser tocado, cai do topo de uma mesa —no meio da alcova (um livro, uma escova, um chapéu, etc.) —o sopro frio que recebemos no rosto depois que apagamos a luz... e muitos, muitos pequenos factos desta ordem, imprevisíveis, em sua maioria, aos espiritos menos sensíveis, de intelligencias involuntarias: —são todos *sobrenaturaes*.

Vê-se, portanto, que, para o grande philosopho, para o vulgo *sobrenatural* é o que não se explica. Com esse palavreado contenta o vulgo. Para elle, tem dia o valor de uma explicação, de uma definição completa, que satisfaz como a demonstração de um axioma em mathematicas.

Para a SCIENCIA o sobrenatural não existe. E' natural tudo que está dentro da Natureza, e, como a Natureza é eterna como sempre — infinita como espaço, —tudo é natural.

Para a SCIENCIA, porque taes factos fogem do modo commum, normal de manifestação do ser humano de um geral, —dele, quanto muito, *anormaes*, *supra-normaes*. Não quer dizer que não tenham uma explicação, *condições naturaes necessarias*, para que se dêem; que apenas dizem que *as condições* não são as mesmas, não estão nas mesmas condições.

W. o que se dá de novo a modernidade, a sciencia moderna; a sciencia moderna, a sciencia moderna, alta noite, sem uma causa apparente; o gemido que quebra o silencio da nossa alcova; a pancada que fere o espaldar do nosso catre, pertinho dos nossos ouvidos; a luz que nos apagam de um sopro, no nosso gabinete de trabalho, fechado, e onde não ha a menor corrente de vento; a voz que nos chama forte e rapidamente pelo nosso nome, de um canto para onde olhamos, cortando-nos muita vez a delicia-

Sciencia moderna, a sciencia moderna, alta noite, sem uma causa apparente; o gemido que quebra o silencio da nossa alcova; a pancada que fere o espaldar do nosso catre, pertinho dos nossos ouvidos; a luz que nos apagam de um sopro, no nosso gabinete de trabalho, fechado, e onde não ha a menor corrente de vento; a voz que nos chama forte e rapidamente pelo nosso nome, de um canto para onde olhamos, cortando-nos muita vez a delicia-

Sciencia moderna, a sciencia moderna, alta noite, sem uma causa apparente; o gemido que quebra o silencio da nossa alcova; a pancada que fere o espaldar do nosso catre, pertinho dos nossos ouvidos; a luz que nos apagam de um sopro, no nosso gabinete de trabalho, fechado, e onde não ha a menor corrente de vento; a voz que nos chama forte e rapidamente pelo nosso nome, de um canto para onde olhamos, cortando-nos muita vez a delicia-

que, continuando a evolução biológica do planeta, haverá a evolução genuinamente psíquica do Infinito, composta de uma gradação immensa de intelligencias impalpáveis, — seres invisíveis a nós-outros, e que agem, e que vivem, e que evoluem e que se transformam cada vez para melhor, tal qual como se dá no mundo dos corpos organizados, brutos ou vivos, que diariamente desfilam deante de nossos olhos. Ver-se-á que essa evolução transcendente, supra-normal, representará em sua marcha todos os estádios, todas as phases da evolução terrena, tal qual como o feto, que representa em sua vida intra-uterina todos os estádios, todas as phases por que passaram os animaes inferiores do onde elle feto se originou, se desprendeu, através dos seculos.

De modo que, sendo uma continuação do homem ponderavel, — o homem imponderavel, o *homem posthumo* será no mesmo tempo um paralelo da vida actual que existe no planeta.

Mas, sendo assim, verificando-se a realidade desta hypothese que constitue hoje o trabalho capital de dezenas de cerebros de primeira ordem — é *sobrenatural* o facto?

Absolutamente não.

O sobrenatural não existe; porque, para existir, como o seu proprio nome o indica, precisaria de um dominio *fóra da Natureza*; e como *dominio fóra da Natureza* é um absurdo que não cabe na cabeça de ninguém, o *sobrenatural* é apenas uma expressão falsa de classificação de phenomenos anormaes.

Mesmo que, por uma hypothese absolutamente monstruosa, existisse esse *dominio fóra da Natureza*, que se seguia?

— Seguia-se que, como o homem vive *dentro* da Natureza, não poderia nunca perceber, em caso algum, o que nelle (dominio) se passasse; e, sendo assim, como affirmar a existencia do sobrenatural?

Portanto, fica bem assentado, bem nitido que o *sobrenatural* não existe; que o que ha é o — ANORMAL, o SUPRA-NORMAL.

Firmes neste modo de ver, o médo de enfrentar com taes pesquisas desaparece, e todos podem e devem lançar mãos á obra, afim de que nosso seculo legue ao seculo XX uma certeza sobre as chamadas — COUSAS DO OUTRO MUNDO.

Hypnotismo, estatu- volencia.

IDÉAS E SUGESTÕES NOVAS

Hypnotismo, segundo Webster, significa somno; somno especial ou somnambulismo produzido pelo magnetismo animal, conforme se diz. Pretende-se que o mesmo resultado se obtem quando uma pessoa, cuja organização é delicada, olha persistentemente um objecto brilhante, tal como uma bola de metal, polida e muito luzidia.

Si é possível provocar o estado somnambulico numa pessoa de compleição delicada, fazendo-a olhar um qualquer objecto brilhante, que idéa faremos da theoria do magnetismo animal e do seu fluido? Os objectos brilhantes que fazem adormecer aqueles que os fitam, contêm e emittem fluido magnetico? Não é evidente que, si uma pessoa pôde hypnotizar-se fitando um objecto brilhante, este poder não está nesse objecto — como também não está no magnetizador — mas sim no proprio individuo? A simples concentração do pensamento e a abstracção de tudo o que cega o individuo, o lançará nesta condição.

A theoria dos magnetizadores que pretendem emittir um fluido magnetico que provoca o somno nos pacientes, nasceu no cerebro de Mesmer e em seguida foi aceita por elles: a existencia deste fluido jamais foi demonstrada, e numerosas experiencias provam que tal thoria é um mytha.

Os magnetizadores creem e ensinam que produzem o hypnotismo por meio de uma magnetização effectuada por um ou outro dos seguintes methodos: tomando as mãos e os polegares; fazendo passes longitudinaes na frente do paciente; fitando os olhos nos do paciente; ordenando-lhe que entre em estado hypnotico, ou soccorrendo-se de qualquer outro modo de magnetização.

Estes methodos são completamente inuteis e devem ser abandonados. E' fóra de duvida que os proprios pacientes podem hypnotizar-se com o simples esforço de sua vontade; si elles comprehendessem a verdadeira natureza do hypnotismo e o poder que possuem quando estão neste estado e fóra d'elle, nunca mais se ouviria dizer que se abusava d'elle, forçando-os a operar contra a vontade, o que

pôde demonstrar-se da maneira seguinte:

Procure-se um paciente ignorante do seu poder; e, no estado hypnotico ou fóra d'elle, magnetize-o e dizai-lhe que nesta condição é inteiramente independente da vontade do magnetizador e da de quem quer que seja; que, unicamente por sua vontade, pôde entrar neste estado e d'elle saber quando o queira; que ninguém tem poder para o magnetizar nem para o dominar contra a sua vontade; que tome a firme resolução de se lembrar do que lhe foi dito e, despertae-o.

Os pacientes hypnotizados, ignorando sua força de resistencia, estão a discreção de gente sem principios e de magnetizadores que, aproveitando-se dessa ignorancia, ganham dinheiro á sua custa, fazendo-os executar, em publico, cousas ridiculas e humilhantes. Esses magnetizadores, charlatães da peor especie, profanam tão uteis facultades de seus pacientes quando se acham no estado hypnotico.

Com o fim de remediar-se tal estado de cousas, têm-se feito muitas experiencias, e descobriu-se que o poder de magnetizar fica inutilizado, si, emquanto estão hypnotizados, os pacientes são convenientemente instruidos sobre a real natureza do estado hypnotico e sobre o poder que possuem nesse estado.

ESTATUVOLENCIA

Este termo é derivado de duas palavras latinas: *status* — estado, condição; e *volio* — vontade, isto é, uma condição ou estado provocado pela vontade do paciente e não pela de um supposto magnetizador.

Estatuvolencia exprime com muito maior clareza e precisão, do que qualquer outra expressão empregada até agora, a verdadeira natureza do estado ou condição da vontade dos pacientes hypnoticos. Foi inventada por William Fahnestok, medico de Lancaster, em Pennsylvania. Todas as proposições contidas neste artigo, foram muitas vezes demonstradas por seu autor.

De 1843 a 1887 (época de sua morte), com a assistencia de diferentes adeptos estatuvolicos, conseguiu ser um dos melhores medicos do Estado de Pennsylvania; foi um investigador pratico, doptado de caracter illibado: devem, pois, merecer fé os factos por elle certificados.

Para a consecução do estado ou condição estatuvolica, é necessario um aposento onde não se ouça nenhum ruido que possa chamar a attenção dos pacientes; estes devem estar assentados comodamente em poltronas, na posição de quem se prepara para dormir; e devem ser assistidos por pessoa que conheça não só a natureza estatuvolica, como também a dos pacientes, afim de guiá-los e encorajá-los em quanto não estão em estatuvolencia, e instruí-los logo que tenham attingido este estado. Diz-se-lhes, então: feche os olhos para que nada vos distraia, e não os abra sem que vos seja ordenado. Manda-se que vão, em pensamento, a um sitio o mais distante possível, onde já estiveram e para onde desejam voltar; que concentrem o pensamento em um objecto ou em uma pessoa, que sabem dever achar-se nesse lugar; que d'alles se approximem como si realmente estivessem perto de si; que tenham constantemente, em mente, o desejo e a vontade inabalavel de ver a pessoa ou o objecto, até que os vejam realmente. Conseguindo assim ver, elles se acham no estado ou condição de estatuvolencia e podem receber instruções necessarias para desenvolver as outras facultades sensitivas: tacto, audição e sensação. Desenvolvidas estas facultades, os adeptos estatuvolicos as podem empregar para ouvir, ver e sentir o que se passa em lugar muito distante de seus corpos.

Pessoas ha que em alguns minutos, entram em estatuvolencia e recebem desde logo as instruções; outras, somente depois de muitos ensaios, conseguem este estado clarividente, desenvolvendo pouco a pouco as outras facultades, umas apoz outras, até que as possuam todas; elles gosam então dos maiores poderes que o homem pode alcançar.

Certas pessoas que nunca puderam ser influenciadas pelos melhores magnetizadores, conseguiram estes poderes seguindo as instruções precedentes.

A facultade de entrar em estatuvolencia não é limitada a um certo numero de pessoas; esse dom pertence a todos os seres humanos; muito difficilmente se desenvolve em organizações grosseiras; entretanto, com paciencia e perseverança a podem desenvolver os que a apreciarem.

No estado estatuvolico perfeito, o corpo está inteiramente insensível, o que dá a chave da

ação exercida pelos nervos da sensação, a qual é semelhante á exercida pelos nervos motores, quando fazemos uso das nossas pernas. Sabe-se que cada feixe de nervos de que os musculos são munidos, é composto de duas partes; a anterior, nervos motores; e a posterior, nervos da sensação. Por nossa vontade podemos mover ou não o nosso braço, agindo sobre a raiz anterior do plexo brachial que o governa; mas não podemos ter acção sobre os nervos sensitivos, e entretanto sua acção deriva do mesmo plexo de nervos.

O descobrimento desta chave da acção dos nervos da sensação tem um valor inestimavel, no sentido que permitto nos adeptos estatuvolicos supprimir a dor e todos os soffimentos que o homem pôde experimentar; ella lhes abre a porta da sciencia, visto que n'ella se pôde ser occulto; sua vista alcança tudo:—o infinitamente pequeno e o infinitamente grande.

Tendo o estatuvolico o poder de exercer acção sobre os nervos da sensação, torna completamente insensivel ou todo o corpo ou somente a parte dolorida. Exemplo:

Uma caldeira de agua a ferver foi entornada sobre as pernas de uma moça, que é adepta estatuvolica; immediatamente, pelo efforço da vontade, ella as torna insensíveis; sacca os botins, desalheira as meias da pelle, calça outras meias e outros botins, e, ao cabo de alguns dias, está completamente curada, sem soffrimentos, sem inflammation nem outros inconvenientes.

Os adeptos podem transportar-se para qualquer sitio do globo e visitar os outros planetas.

Aquelles, cuja instrucção foi perfeita, são completamente independentes de toda a qualquer pessoa; passam para o estado estatuvolico e dello saem, quando bem lhes parece ou quando lhes convem; podem curar todos os males e doenças contra as quaes sua vontade é irresistivel.

Tal é, caro M. Leymarie, a estatuvolencia, tal como é explicada pelo Dr. William Baker Fahnestok, da Pensylvania, Estados Unidos.

E. BLOCH
(Revue Spirite)

NOTICIARIO

A's pessoas a quem no corrente anno temos enviado a *Verdade e Luz*, não obstante não serem assignantes,

declaramos que, si desojarem continuar a receber este jornal no anno vindouro de 1894, deverão mandar tomar uma assignatura, a fim de lhes não ser susmada a remessa do mesmo; exceptuam-se porém, os Presidentes dos Estados, as bibliothecas publicas e particulares, os Gabinetes de leitura, os jornaes, e os grupos espirituas.

Si, nos diversos logares para onde remettemos este jornal, pessoas bem intencionadas e que se interessam pela propaganda quizerem nos auxiliar angariando assignaturas, lhes authorizaremos a fixel-o abonando-lhes a metade do preço de cada uma (1900) para despesas, devendo remetter-nos 1000 réis e o nome do assignante com as indicações necessarias.

Declaramos ás pessoas que ainda não têm recebido este periodico, que tomámos a resolução de enviar-lhes uma collecção de 10 numeros, a titulo de amostra, para que, aceitando as idéias que expendemos, queiram auxiliar-nos tomando uma assignatura do mesmo, para o anno de 1894.

Uma secção medianimica musical.—Um periodico de grande circulação (*Courrier de Londres et de l'Europe*) publicou ha tempo a resenha da secção medianimica-musical que teve logar no palacio dos duques de Cumberland, sendo medium o Sr. Shepard, que tem percorrido as principaes Capitais da Europa e America exhibindo sua faculdade prodigiosa.

A secção, a que nos referimos, assistiram suas magestades as rainhas da Dinamarca e de Hanover, Sr. Aa. Rr. a duquesa de Altemburg, prinzeza Maria de Hanover, o duques de Cumberland, varios generaes, a Côrte, damas de honôr e officiaes do serviço daquellas soberanas.

Depois que foram feitas as apresentações e trocados os cumprimentos da etiqueta, o medium Sr. Shepard fez ouvir sua voz harmoniosa.

«Nunca ouvimos cousa semelhante», disseram as rainhas, quando terminou o medium sua arie, opinião que foi confirmada por todos os que tiveram a dita de ouvi-la.

Aqui termina o notavel da resenha do *Courrier*; porém o principe Adám Wisniewski, escreve ao nosso collega *Il Vessillo Spiritista*, uma extensa carta de que extrahimos o seguinte:

«A 3 de Setembro assisti a uma secção musical, em que se reuniu o que de mais extraordinario se pode exigir, obtida por meio da força psychica do Sr. I. Shepard.

Feita completa obscuridade, nos collocámos em volta do piano em que estava assentado o medium, em forma de circulo.

Até que vibrasse o primeiro acorde, não cessamos de vêr

algo semelhante a uma esteira de luz difluz; em seguida tivemos a ineffavel felicidade de ouvir grandes pianistas e maestros compositores de todas as épocas.

A primeira peça executada foi uma phantasia de Thalberg, sobre motivos da arie de «Semiramide», inedito como tudo o que os espiritos improvisaram, por meio do Sr. Shepard. A segunda foi uma rapsodia do mesmo espirito e do de Liszt, executada a quatro mãos com enthusiasmo e brilhantismo admiraveis...

Estavam no circulo dois musicos que conheciam a execução dos melhores pianistas da Europa, mas podiamos dizer que, pela primeira vez, escutavam musica verdadeiramente sobre-natural.

A presença de Chopin nos foi annunciada por meio de um globo de luz apparecido na mão da Senhora D., e pouco depois o espirito manifestouse com o seu *Dio per la Polonia*, cujas notas mescladas de pranto e desespero nos commoveram.

Mozart revelou-se com seu estylo classico e cadente, com sua ligeireza de sylphide.

O acontecimento mais maravilhoso, porém, foi a apresentação de Berlioz com seus padriuhos Liszt e Thalberg. O piano não estava em tom convenientemente ao gosto de Berlioz que o afinou, elevando o seu diapásão a dois tons mais alto. Durou esta operação dez minutos, ao cabo dos quaes ouviu-se uma musica suave, ideal, semelhante ao ropique de sinos em longinqua torre; depois, algo semelhante a um hymno sacro foi executado com muita arte, como si em organo o fosse e cuja imitação não podia ser mais perfeita; por fim, reapareceu a primeira musica cujos accordes se foram extinguindo pouco a pouco,—passando de piano a *pianissimo* e por fim *morrendo*.—como si o ether nos transmittisse o ultimo bater daquelle sino que dava por concluida sua missão do momento.

Terminada esta peça, voltou o piano, com um leve rumor, ao seu primitivo tom...

Depois de muitos outros permenores, o principe refere que pelo mesmo medium e na mesma secção obtiveram communicções somnambulicas, em hebreu, em arabe, em tedesco, etc. devendo-se advertir que Shepard é inglez, e não conhece sino sua lingua patria e alguma cousa de francez.

(Lumen)

Uma mulher que dorme ha dez annos.—A ultima palavra sobre a suspensão da vida vem de Stokolmo, onde ha alguns annos um professor adormeceu por meio do frio a uma joven de 18 annos, que estava condemnada á morte por infanticidio.

Decorrido um anno o medico sustentou que a experiencia seria mais concludente, si se deixasse a moça em estado de vida latente por espaço de vinte e cinco annos.

O professor morreu, e ninguém se atreve a despertar a moça, que encerrada em uma cama fria, conserva a apparencia de quem dorme ha dez annos.

(Lux ex Tenebris.)

Sociedade Romana de Anthropologia.—Escreve «l'Ipnosis»:—Constituiu-se em Roma uma associação cujo objecto é promover e manter o estudo da anthropologia physica, da ethnologia, da psychologia experimental e comparada e da sociologia.

Está composta de professores da Universidade do Roma e outros homens de sciencia, italianos. Em breve serão publicadas as primeiras memorias apresentadas á sociedade.

A Segunda Vista

COMMENCIMENTO DO FUTURO—PREVI-
SÕES.

Si no estado somnambulico as manifestações da alma a tornam em parte ostensiva, absurdo seria pensar que, no estado normal, ella fique encarcerada em seu envolvere, de uma nuveola absoluta, como o carraujo em sua coacha.

Não é a influencia magnetica que a faz manifestar-se; tal influencia fal-a patente em virtude da acção que exerce n'esses orgaos.

Ora, o estado somnambulico nem sempre é condição indispensavel para esta manifestação.

As faculdades que temos visto produzirem-se aquelle estado, desenvolvem-se algumas vezes no estado normal, em certos individuos.

Resulta dahi, para esses, tues, a faculdade de ver além dos limites dos sentidos. Elles percebem as cousas ausentes até onde se estende a acção da alma. Elles vêem, si assim podemos dizer, através da vista ordinaria—e os quadros que descrevem e os factos que contam, se lhes apresentam como por uma miragem.

E' o phenomeno designado pelo nome de *segunda vista*.

No somnambulismo, a clarividencia é produzida pela mesma causa, com a differença unica de que é isolada—independente da vista corporal, no passo que nos que a possuem no estado da vigilia, as duas vistas são simultaneas.

A segunda vista quasi nunca é permanente, produzindossa espontaneamente, em momentos dados, independente da vontade—e provocan-

do uma especie de crise, que as vozes modifica sensivelmente o estado physico.

Os olhos têm uma expressão vaga, parecendo que se cilla, sem se ver. Toda a physionomia revela uma especie de exaltação.

E' para notar que as pessoas dotadas de tal poder não façam delle cabedal.

Julgam-o tão natural como o de ver pelos olhos. Consideram-o um simples attributo do seu ser.

Acresce que o esquecimento segue-se muitas vezes a esta lucidez passageira, cuja lembrança, de mais em mais vaga, acaba por desapparecer, como a de um sonho.

Ha infinitas grãos na intensidade da segunda vista, desde a sensação confusa, até a percepção tão clara e tão nitida como no somnambulismo.

Falta-nos um termo para designar este estado especial — e, mais que tudo, os individuos que são delles susceptiveis.

Fez-se servido da palavra *vidente*, que adoptaremos por enquanto, embora não exprima bem o pensamento.

Si, depois do que fica exposto, aproximarmos os phenomenos da Clarividencia somnambolica da segunda vista, comprehendemos como o vidente pode ter a percepção das cousas ausentes — como pode ver a distancia, do mesmo modo que o somnambulo — e como segue a marcha dos successos, julga da direcção que elles levam, e pode, em certos casos, prever o desfecho que hão de ter.

E' esta don da segunda vista que, no estado rudimentar, dá a uns tantos individuos o tacto — a percepção — uma tal ou qual segurança em suas resoluções — e o que pode ser chamado justiça da vista moral.

Mais desenvolvido, elle dá os preannunciamentos — mais ainda, dá o conhecimento dos successos que estão imminentes — levado ao seu maximo, finalmente, é o extase accedido.

O phenomeno da segunda vista, como temos dito, é quasi sempre natural e espontaneo; porém parece produzir-se mais frequentemente sob o imperio de certas circumstancias: os tempos de crises — do calamidade — de grandes emoções — todas as causas, enfim, de sobreexcitação moraes, provocam-lhe o desenvolvimento.

Parcece que a providencia, nos casos de grandes perigos, multiplica em nós a faculdade de preveni-los.

Tem avido videntes em todas as nações; mas parece que certos povos possuam mais naturalmente esta disposição.

Diz-se que na Escocia é muito commum o dom da segunda vista; que se encontra tambem muito frequentemente na gente do campo e nos habitantes das montanhas.

Os videntes têm sido considerados por modos diversos, segundo os tempos — os costumes — e o grau de civilização: os scepticos os tomam por honras do cerebro desarranjado, alucinados; as seitas religiosas os consideram prophetas, sibylas, oráculos; nos seculos de superstição e de ignorancia, eram feiticeiros, que se arrastavam á fogueira.

Para o homem sensato, que acredita no poder infinito da natureza e na inexgotavel bondade do Criador, a dupla vista é uma faculdade inherente á especie humana, pela qual Deus nos revela a existencia de nossa essencia immaterial.

Quem pode deixar de reconhecer um dom desta natureza em Joanna d'Arc — e em mil outros personagens que a historia qualifica de inspirados?

Muito se tem falado de cartomantes que surpreendem pela verdade do que dizem.

Não somos apologistas das rezadeiras da *bacota-dicha*, que exploram a credulidade dos espiritos fracos — e cuja linguagem ambigua se presta a todas as combinações de uma imaginação excitada; mas nada tem de impossivel que esses taes possuam o dom da segunda vista, mesmo inconscientemente, e, neste caso, as cartas não são, em suas mãos, si não um meio, um pretexto, uma base de conversação. Elles falam do que vêem, e não do que dizem as cartas, que mal encaram.

Ha outros meios de adivinhação, taes como as linhas das mãos — as manchas do café — a clara do ovo — e outros symbolos mysticos.

Os signaes das mãos têm talvez maior valor do que os outros meios, não por si mesmos, mas porque o pretendido adivinho, tomando e apalpando a mão do consultante, si for dotado da segunda vista, põe-se em relação mais directa com elle como se dá nas consultas somnambolicas.

Póde-se classificar o medium vidente entre as pessoas que gozam da segunda vista.

Com effeito, os mediums videntes, como aquelles, julgam ver pelos olhos, sendo que é a alma que vê, razão pela qual elles vêem tão bem com os olhos abertos como com elles fechados.

Resulta dahi que um cego pode ser medium vidente tão perfeitamente como quem goza da plenitude da vista.

Seria um estudo bem interessante — saber si aquella faculdade é ou não mais frequente nos cegos.

Creemos plamente, o que pode ser provado pela experiencia, que a privação de communicar com o exterior, devida á falta de certas sensições, dá em geral maior poder á faculdade da abstracção da alma — e por conseguinte, maior desenvolvimento ao senso intimo, pelo qual elle se põe em relação com o mundo espirital.

Os mediums videntes podem, pois, ser comparados ás pessoas que têm a vista espirital; mas, seria talvez absoluto de mais, considerá-las taes como mediums; porque a mediumidade, consistindo na intervenção dos espiritos, não pode ser considerada acção medianimica o que é obra do proprio espirito.

Quem possui a vista espirital, vê por seu proprio espirito — e nenhuma necessidade tem, para isto, do concurso de um espirito estranho. Isto posto, examinemos até que ponto a faculdade da dupla vista permite descobrir as cousas occultas — e penetrar o futuro.

Em todos os tempos, têm os homens procurado conhecer o futuro — e seria preciso escrever volumes para se poder descrever os meios inventados pela superstição no intuito de levantar o véu que cobre nosso destino.

Sabia foi a natureza no-lhe occultando.

Cada um de nós tem sua missão providencial na grande faina humana — e concorre para a obra commum com seu contingente, na medida de sua actividade.

Si conhecessemos, pois, de antemão, o fim posto a nosso esforço, a harmonia geral seria indubitavelmente perturbada.

O que contasse com um futuro feliz, ficaria inactivo por não precisar trabalhar para conseguir o fim a que se propõe — seu bem estar; o caso, todas as forças physicas e moraes

seriam paralyzadas — e retardada a marcha progressiva da humanidade.

O que tivesse certeza de vir a ser desgraçado, chegaria ás mesmas consequências, pelo desanimo, tendo por inutil lutar contra os decretos do destino.

O conhecimento absoluto do futuro seria, pois, um presente funesto, que nos levaria ao fatalismo, o mais perigoso dos dogmas — o mais antipatico ao desenvolvimento das idéas.

A incerteza do fim para que viemos á vida terrestre é o que nos obriga a trabalhar enquanto nos batemos o coração.

O viajante de um vehiculo disparado abandona-se á sorte — e não tenta, por conhecer que nada pode, conter ou dirigir os cavallos. Assim seria o homem, si lhe fosse dado o conhecimento do seu destino irrevogavel.

Si os videntes pudessem infringir a sabida lei da providencia, seriam eguaes á divindade; tal, porém não é a sua missão.

No pensamento da dupla vista, a alma, em parte desligada do involucre material, que lhe tolhe o amplo exercicio de suas faculdades, não se prende mais á duração e á distancia; porém liga ao presente o tempo e o espaço.

Livre dos entraves da materia ella julga os effeitos e as causas melhor do que podemos fazer — ella vê as consequências das cousas presentes e pode fazer-nos presentil-as.

E' neste sentido que se deve entender o dom da presciencia, attribuido aos videntes.

Suas previsões são o resultado de uma consciencia mais nitida do que existe, e não uma previsão das cousas fortuitas, sem ligação com o presente; é uma deducção logica do conhecido para o desconhecido, que depende muitas vezes do nosso modo de agir.

Quando um perigo nos ameaça, si temos delle sciencia, podemos empregar os meios de evitá-lo; temos, ao menos a liberdade de fazel-o ou não.

Em taes casos, o vidente descolhe-o, dá-nos aviso, indica o meio de evitá-lo; ou deixa que os successos sigam seu curso.

Supponhamos uma sege percorrendo um caminho que vai dar num alymo, desconhecido do condutor; é intuitivo que si ninguém a fizer desviar-se, ella precipitar-se-á; mas supponhamos um homem collocado em posição de desordenar todo o caminho... e que, vendo a perda inevitavel do viajante, advertido do perigo que o espera, este será conjurado.

Do sua posição, dominando o espaço, elle vê o que o viajante, cuja vista é limitada pelos accidentes do terreno, não pode distinguir. Elle pode ver qualquer causa fortuita que possa evitar a queda; elle conhece, pois, antecipadamente, a marcha do successo, e pode produzi-la.

Si este mesmo homem, collocado no alto de uma montanha, vir ao longe uma força inimiga dirigindo-se para uma aldeia, que vai incendiar; facil ser-lhe-á, calculando com o espaço e com a velocidade, prever o momento da chegada.

Si, descendo a aldeia, elle disser simplesmente: *a tal hora será incendiada a aldeia*, uma vez dado aquelle facto, elle passará, aos olhos da multidão ignorante, por adivinho — por feiticeiro; entretanto, apenas aconteceu que visse o que os outros não podiam ver — e do que viu, tirou as consequências.

Como este homem, o vidente des-

cobre e segue o curso dos successos — não preve o desfecho, porque tem a dom de adivinhar, mas simplesmente o vê! Póde pois dizer-vos si estais no bom caminho; indicar-vos o melhor; annunciar-vos o que vos espera no termo da viagem. Elle ser-vos-á o flo de Ariadne para sahirdes do labyrintho.

Grande é, como se vê, a distancia que vai disto á predição propriamente dita, tal como a entendemos na accepção vulgar da palavra.

Nada se tira ao livre arbitrio, que é sempre senhor de agir ou não — que pode embarigar ou deixar franca a marcha dos successos — que pode fazer ou não fazer uso dos meios indicados para evitar o perigo.

Suppor o homem submetido a inexoravel fatalidade, em relação aos mínimos acontecimentos da vida, é despejar-o do seu mais bello attributo, a intelligencia, e assimilhá-lo ao bruto.

O vidente não é, portanto, um adivinho; é um homem que percebe o que escapa aos outros — é, relativamente a nós, o cão do cego.

Nada disto, consequentemente, contraria as vistas da providencia; sobre o segredo do nosso destino — é ella mesma que nos dá um guia.

Tal é o modo como deve ser considerado o conhecimento do futuro, das pessoas de dupla vista.

Si o futuro fosse cousa fortuita; — si dependesse do chamado acaso; si não tivesse relações com o presente, — não haveria clarividencia que o penetrasse, e toda a previsão seria susceptivel de fallhar.

O vidente, e não chamamos tal sião o verdadeiro, o serio, e não o churrafte que usa de simulação; o verdadeiro vidente, dizemos nós, lê o que o vulgo chama a *bacota-dicha*; elle prevê o desenlace do que vê, o nada mais; isto já é muito.

Que de erros — de falsas marchas — de tentativas inuteis não poderiamos evitar, si tivéssemos sempre um guia seguro para nos esclarecer!

Quanta gente não se perde por não ter tomado o caminho que a natureza tinha traçado ás suas faculdades!

Quanta falta por ter seguido os conselhos de uma obstinação irreflectida!

Um guia ter-lhe-ia dito:

« Não tenteis isto, porque vossas faculdades intellectuaes são impotentes para tanto — porque não convem nem a vosso caracter, nem a vossa constituição physica; ou então, porque não sereis auxiliados effezivamente; ou ainda, porque vos illudis sobre o alcance porque encontrareis tal embarate que não prevedes. »

Em outras circumstancias, ter-lhe-ia dito:

« Sereis bem succedido, si vos dirigirdes desta ou daquella maneira; — si evitardes fazer isto ou aquillo, que pôde comprometter-vos. »

Sondando as disposições e os caracteres, elle teria dito:

« Desconfiade de tal luço, que vos armam » e ajuntaria « estais prevenido, tenho cumprido o meu dever. »

« Mostrei-vos o perigo, si succumbirdes, não necesse a sorte, nem a fatalidade, nem a providencia, mas somente a vós mesmos. O que pôde o medico, quando o doente não faz caso de seus conselhos? »

VERDADE E LUZ

Sem caridade não ha salvação.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre.—Tal é a lei.

Orgão do Espiritualismo Científico — PUBLICAÇÃO QUINZENA

Director responsavel — ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA

S. PAULO

Collaboradores — DIVERSOS

BRAZIL

ANNO IV |

Sexta-feira 15 de Dezembro de 1893

| Num. 86

Os falsos espiritos fortes.

Que é um espirito forte?

Na accepção vulgar, commun, quando se diz que Fulano ou Beltrano é um espirito forte, se quer simplesmente dizer—que é elle um espirito desabusado, sem preconceitos, que sabe ver justo onde a verdade está; um espirito, ou antes uma intelligencia bem preparada, culta, capaz de exame e discernimento, e que nada acceita sem que seja primeiro passado pelas malhas de um raciocinio seguro e solido; uma intelligencia sem prevenções quanto ao que vem vindo, apta para aceitar o que lhe for demonstrado, e que, sem paixões, possa andar livremente, agir sem péias,—porque as paixões, principalmente no terreno abstracto dos principios philosophicos, são as péias, são as mulletas do pensamento.

Isso é que é ser espirito forte.

A qualificação de espirito forte pegou, vive e se impoz de tal ordem, que é hoje a sabida natural dos espiritos fracos; é a rolha de todas as discussões, e chega, em ultimo recurso, como um Cesar triumphante entrando em Roma após a ultima victoria.

Com effeito, é o que se vê todos os dias:—dous adversarios se fustigam, apresentando cada um delles argumentos que consolidem o seu ponto de vista, que destruam o ponto de vista do outro; chega o momento em que um dos dous tem por força de capitular perante o argumento do outro;—é um argumento valioso, baseado em factos, argumento de *res non verba*, sobre factos que podem ser tentados, verificados, e que já o foram centenas de vezes.

—Que aconteceu?
—O adversario não admitte,

o não admite—porque é um espirito forte.

Para elle é um absurdo o que affirma o argumento do outro.

A questão pára, cessa, se meter chegado ao fim; fica insoluta. O espirito forte, para que appellou a dialectica do contendor, veio mesmo como uma rolha na camara dos deputados. O contendor triumphou por dizer que o outro tem carminholas no cerebro, acceita desproposito, é espirito fraco.

—:—

Os falsos, os pseudo-espiritos fortes dessa ordem, desse janz, desse quilate—enchem o mundo; pullulam por toda a parte, com a fecundidade dos gah-nhotos, como a herva anonyina dos charcos, como a saiva dos nos-os climas. Fracos na qualidade, concedu-lhes a Natureza, em sua suprema ironia, que tentassem vencer pelo numero, pela quantidade:—é o mesmo epigramma atirado por ella a todos os animaes pequenos,—o cobaya, a martha, o preá, o rato, o microbio, etc. Não é o individuo que vence, é a prole.

A proporção que se sobe na escala animal, a prole vai perdendo o seu valor em beneficio do individuo; a personalidade se vai accentuando:—começa o dominio da intelligencia, até que a defeza se torna uma força individual produzida pelas energias do cerebro.

Chegado a este ponto, a obrigação do Homem que mereça tal titulo—é examinar, experimentar, induzir, deduzir, concluir.

—Fazem isso os falsos-espiritos fortes? Fizem-no alguma vez? Fal-o-te ainda?

—Nunca!

Teimosos, intolerantes, almas feitas de oleos immutaveis, almas povoadas de preconceitos actuaes que, ha doze annos, pareceram veedias scientificas, elles têm uma noção errada de progresso do mundo, da marcha cada vez mais triumphante das conquistas humanas. Pazem desse

ponto terminal de sua intelligencia um ponto de dignidade;—para elles, é «descer de sua dignidade» e «descer a investigar experimentalmente as affirmações do contendor.

Auctoritarios, dogmaticos, affirmaram que a coisa era um absurdo, um contrasenso, e que seus expositores eram um espirito fraco;—livres pensadores, espiritos fortes, cahiram no methodo theologico das infallibilidades do Vaticano, das imposições da Roma dos papas;—sophistas, mal preparados, palradores, com uma idéa apanhada aqui e outra acolá, cahiram na metaphisica, rolaram no abysmo de sua propria ignorancia, e «fizeram figuras» ao pé daquelles (e são quasi todos que não querem ser espiritos fracos.

Ninguem quer ser espirito fraco.

É isso uma tendencia nobre da humanidade, um proveitoso impulso que a propello em seu progredir sem termos. Assim, espirito fraco é um titulo, um epitheto deprimente; espirito forte, ao contrario,—um titulo que nobilita, que engrandece, que dá realce. Um é antipoda do outro, ficelle no extremo opposto.

É, portanto, natural que ninguem queira ser um espirito fraco, ainda que, de todo, não possa ser um espirito forte:—o que se segue dahi é que—os que o não podem ser, ou por ignorancia ou por falta de verbiagem, ou por miseria intelligencia, ficam do lado dos que se dão como taes, que—quem é boa arvore,

boa sombra o cobre.

Está nas leis do espirito—o homem, seja em todos os tempos e em todas as circumstancias

esconder o que é de qualidade má.

o que é tido como bom mesmo n

ta qualidade. Quem não Ahi está mental p

quanto mais degenerado, quanto mais crapuloso, mais vil e quanto peor é o individuo, tanto mais trata elle de se impor como equilibrado, virtuoso, nobre e bom. Os outros é que são os maus, os perseguidores, os falsarios, os criminosos, os immoraes, os allucinados, os loucos, os doentes....

Então, que ha a admirar si ninguem quer parecer espirito fraco?

—:—

Mas dahi, desse terreno movedico e esteril, sáfero, para o terreno solido, fertil, da sciencia, onde todas as conclusões, todos os juizos são posteriores á rigorosa e methodica investigação dos factos,—que distancia!

O facto é o peso real, da realidade; impõe-se, e não admite syllogismos; assombra, e ri-se dos sophismas; domina, e submete afinal:—é uma fatalidade da Natureza, e, como tal, independente da intelligencia humana. Existiria da mesma forma, em todos os cantos do Universo, ainda que houvesse um poder capaz de supprimir a intelligencia.

E, entretanto, a intelligencia, que deve adaptar-se ao facto, se esforça para que o facto se adapte a ella. Como é futil, van, pequenina a vaidade humana!

Porque hão de os homens, a terras, querer que os am, e não como na Onde está a za e o equi-

man estranho e inverosímil que o *pareça*, deve ser provocado, percebido por todos os sentidos, estudado em todas as suas faces. Sem isso, como negá-lo, como affirmá-lo? No terreno das idéas propagadas por esta folha, os factos a que sempre nos referimos, contestados pelos *espíritos fortes*, são verdades experimentaes, accessíveis a todas as intelligencias, a todos os investigadores capazes de obedecer ao methodo scientifico com que se chega ao conhecimento d'elles.

Admitta-se, por exemplo, que, em taes e taes condições, uma mesinha, um tamborete, um objecto qualquer, sai por si mesmo do seu lugar e vai para outro muito diverso, sem o menor contacto de ninguém e á vista de todos que experimentam — e vem o *espírito forte*, que nunca experimentou, que nunca viu, que *então desce a taes absurdos*, e contesta o facto, e lança o ridiculo sobre todos que assistiram a elle.

Como se trata de um *facto* e não de uma palavra, seria preciso a esta contestação, para ter valor, que provasse que tal facto não é um *facto*; mas *os espiritos fortes* negam por dogma, negam sem provar a sua negação.

Como são falsos esses espiritos fortes! como são debéis, superficiaes, deontes mesmo, incapazes de encarar o que lhes parece o *sobrenatural*, o mysterioso, o incomprehensível, o desconhecido, o invisível...

Porque? — si reunam deante de grande problema da *outra vida*, deante da hypothese da se abocarem contra uma prova incontestavel, *experimental*, de que haja alguma coisa *além*, para lá dos acanhados limites em que as suas intelligencias mal se movem!

Fortes, porque? — o phantasma do... a surpresa...

cação cuidadosa; forte é o espirito sem preconceitos, prompto sempre a accoitar as verdades *demonstradas*, a corrigir, com as novas acquisições da sciencia, os erros em que laborava sobre este ou aquelle ponto, tido antes como a *ultima palavra*, como a verdade immutavel; forte é o espirito calmo, tolerante, sempre attentoso, disposto a observar, a experimentar, a pesquisar em todos os sentidos, sempre e incoançavelmente, afim de poder formar seus *juizos*, que ainda assim serão *realativos*, isto é — valerão como verdades até que novas observações e experiencias, feitas com outras recursos mais aperfeiçoados, os venham então modificar.

E' que ainda não houve uma verdade, por mais simples que o pareça, que fosse conquistada de uma só vez.

Forte é o espirito desapoiado, que sabe domar as suas tendencias, quasi impulsivas, hereditarias, — as suas inextinguíveis sympathias por idéas contrarias ao facto que se lhe affirma e para o qual se lhe pede a sua attenção, a sua *experencia*, toda a sua capacidade de pesquisa.

— São assim os chamados *espíritos fortes* de que nos todos occupado?

— Não é verdade que elles se mascaram com esse bello qualificativo das grandes almas?

— Não é verdade que d'elles se vem como um expediente, um estratagemam, uma sabida-honrosa?

— Não é verdade que os rotulos estão trocados, e que *fortes* são os espiritos que elles chamam *fracos*?
Hypocritas, astuciosos, pulhas quasi sempre, e querendo passar por luminares — como são falsos, falsissimas esses *numerios espiritos fortes!*

S. Paulo, Dezembro de 1893.

CONCLUS

o fluido vital

do século, principalmente refere a concepções caracterisadas dia a dia as velhas doutrinas, queções realçadamente ha poucos annos, *vidua* invade com as mais selectas as de todos os na e da cultura mesmo entre intellectual nesse ph... nas en... las mais

recentos produções diarias dos nossos homens de letras.

E, como notavel, — tal movimento que aparentemente parecera retrogrado, metaphisico, parte, em linha reota, das grandes officinas da *epistemologia scientifica*.

A reviravolta dos espiritos, excoimando-se os excessos naturaes de certos humores, é positiva, e logica, e é consequencia de factos reaes.

O animabilismo experico, o hermetismo da velha India hinduica, o kaibolismo dos primitivos judeus, o esoterismo de todas as religiões, tudo isso tem sido rigorosamente estudado nos seus arcanos tanto na Inglaterra, na Alemanha, na Russia, na França, na Suissa e nos Estados-Unidos, e desses estudos tem nascido um ponto de vista unanime uma affirmação, categorica, de que resulta um plano de *estudo* em todas essas concepções do mundo da vida e da consciencia, ja muito mais como eterna e perfectivel através dos tempos...

Tudo isto vem a proposito da nova e importantissima descoberta, de que vamos tratar, feita pelo notabilissimo professor J. Lays, da *Academia de Medicina*, de Paris, e medico do hospital da *Charité*, — a descoberta do *lobulo azul*.

O fluido vital, sustentado inductivamente por uma plangia de medicos, philosophos e pensadores, chegou a formar a escola dos *viduistas*, que depois desapareceu deante da invação do experimentalismo systematizado com Claude Bernard. Agora triumpho o *viduismo* por dedecção, por experiencias feitas com o rigor exigido para as verificacões no dominio da sciencia.

Sobre esta descoberta, escreveu J. Lays (autor de obras tidas como classicas em neurologia) nos *Annuaire de L'Hygiene et d'Hygiene* um artigo em que ha os trechos que via entre aspas:

«E' sabido que, nos individuos mergulhados em estado hypnotico, as condicões do funcionamento normal do sistema nervoso soffrem profundas alterações.

Certas reacções sensorias permanecem em pleno torpor; outras, pelo contrario, attingem um estado de exaltação extru-physiologica *absolutamente irreprehensivel*. Ao passo que certa parte dos nervos se apresenta em completa anesthecia, o tecido nervoso do resto, por exemplo, eleva-se a um grau extenso de hyperestesia funcional... *Uma forte* produz-se a pto de funcioes *normaes* e o olho do individuo hypnotico adquire um poder de visào *sobrenatural*.

Ben verificado este facto, seguiram-se todas as experiencias que se pediam originar d'elle.

Assim, verificou Lays que os hypnotisados podem *ver e distinguir* os fluidos desprendidos de uma agulha magnetica; mais ainda — podem até distinguir e *cor* diversa de cada um em cada polo.

O mesmo quanto aos fluidos electricos, quanto a todos os outros fluidos, sejam quizes forem — despendidos pelos zeros vivos.

Destas importantissimas experiencias resultou que o polo *magnetico* emite fluidos *vermelhos* e o *oposto*, sendo *avariada* a cor emitida pelo campo neutro do imã.

Os rheophores tambem emitem cores a de polo positivo, *azul*; a do negativo, *vermelha*.

Do animado passou J. Lays a experimentar o animado, o corpo humano, sob esse ponto de vista.

Assim, toda a superficie da metade esquerda do corpo humano, cor

azul; a lade direito, *vermelha*, a irradiar-se dos organos dos sentidos.

Lábios, narinas, olhos e ovidos — irradiam fluido *azul*, mais forte, mais intenso, quanto mais forte é o individuo.

Agora, quizes não no homem as reacções que correspondem a região *medida* dos organos? — todas que beam na linha media vertical do corpo; o nariz, o queixo, etc., e, como as do imã, tambem apresentam fluidos *vermelhos*.

Agente mais tarde tem o individuo, mais condensado e o fluido. Nos casos de hysteric desapparece o fluido *vermelho* do lado direito, mas é substituido por um fluido *roxo*; nos de *paralyza* attingem pontos presas por *lado* o respectivo legamento entanto.

Depois de bem verificadas estas experiencias, feitas pelo illustre professor deante de seus numerosos discipulos, veio a pello saber quizes os centros physiologicos de produccão de taes fluidos ou antes de *tal fluido*, porque deve elle ser um o unico, apenas modificando pelas condicões *especificas* de cada organo que o *emite*.

A tal respeito diz Lays:

«O encephalo de um cão de medicina *corpulencia* foi rapidamente posto a *na*. Um individuo hypnotico, previamente posto em estado de somnambulismo, foi interrogado acerca do caracter dos *effluvios* que se exhalavam do cão, e verificou a *cor azul* pura e lado esquerdo, no olho, no ouvido, etc. Aberto o craneo, observou-se a *serie* de reacções *sequentes* da parte do hypnotico: — designou-se-lhe com o dedo o *lobulo* esquerdo do cerebro: «Oh! é azul, exclamou elle, e de um bello azul!» depois o *lobulo* direito: — «Vermelho, respondeu, *vermelho* vivo!» depois o *lobulo* medio do cerebro: — «Esses o *amarelos*. Os *lobulos* cerebellosos *esquerdos* e *diretos* pareceram-lhe de uma coloração *pallida* azulada e *vermelha*.

Como o cerebro *esfriado*, os fluidos *desappareceram*, porque o hypnotico *cessou* de *ver*: «Está tudo preto!», e ao mesmo tempo *experimentava* uma *commoção* pensosa, procurava fugir e dizia: «Está morto!»

Pouco verificado que taes fluidos *permanecem* nos cadaveres por tempo que é *relativamente* muito longo.

Os *ultimos* pontos que elles abandonam são os *olhos*, e ali podem ser vistos mesmo 27 horas depois que o individuo é morto.

Nun outro terreno, tambem experimental, mas sem as experiencias *offensas* do laboratorio, a existencia desse *fluido vital* tem sido comprovada por homens da estatura scientifica de William Crookes, do A. R. Wallace, de Zolner, de Thury, Ch. Richet, Lombroso, modernamente, e muitos outros.

E o *corpo astral* dos occultistas que, explorando por Blavatsky e Olcott, por Papas e outros, — penetraram nas mysteriosas e milenarias profundezas da velha sciencia da India; é a *force psychica* de Crookes; o *perispírito* dos seculares de Allan-Kardec; a *force seneca*, *viduante*, de Baret; a tal *viduologia* *viduante* de Lombroso; a *force seneca* de outros, — enfim, a *viduologia* *viduante* dos menos especuladores.

Em certas e determinadas condicões *particularmente* nos *casos* de morte é ella que *instantaneamente* transpõe as maiores distancias e se revela, aqui o *olho*, *viduante*, *viduante*, avisando, a quem a *percebe*, do que se deu com o *corpo* que *vivia* — o caso das *viduantes* dos signaes

O Homem Através dos Mundos. — Vende-se nesta typographia, a 2000 rs. o exemplar em brochuras.

Photographia da materia psychica e perespiritica.—O Sabio B. P. Hasdeu, da Academia Romania e da Academia Imperial de São Petersburgo, director geral dos archivos da Rumania, professor da Universidade de Bucharest, dirigiu uma carta ao senhor P. G. Leymarie, transcripta na Revista Espiritica de Paris, na qual declara ter conseguido photographar a materia psychica e a perespiritica, que não é a mesma coisa, na opinião do mesmo sabio. As condições do processo serão descriptas em seguimento de sua obra *Sic cogito*.

Dois amostras das mesmas photographias foram tambem enviadas áquella redacção, que espera explicações do sabio Hasdeu para dar conveniente noticia dellas.

As experiencias inauguradas ha dois mezes por este sabio são proseguidas simultaneamente pelos senhores C. Istrate, medico e chymico e professor da Faculdade de Sciencias; Parreco, licenciado em sciencias psychicas, professor supplente na mesma Faculdade; e B. M. Vermont, membro da Sociedade Astronómica de Paris. Os resultados são obtidos em completa obscuridade, em um aposento transformado em camera escura, de um modo accessivel á verificacão de todo o mundo.

Phenomenos na Russia

Uma familia russa, que tinha mandado fazer uma casa em um terreno onde se tinham dado varios combates, viu-se ultimamente obrigada a abandonar esta residencia.

Um dia, numa occasião em que as portas e janellas estavam fechadas, viu a dona da casa entrar um soldado muito robusto. Este, sem levantar a cabeça, dirigiu-se para um banco em que se assentou, e disse á senhora: «Estais em meu terreno e aqui não podeis permanecer». Em seguida desappareceu.

Varios outros phenomenos, cujas victimas foram os cavallos e as vacas, tambem foram produzidos. Tornando-se intoleravel esta morada, foi abandonada pelos proprietarios.

Si estas pessoas tivessem conhecimento dos phenomenos espiritas, não teriam julgado necessario mudar-se. Uma boa conversa com o soldado, pouco

consciente do seu verdadeiro estado, teria sido sufficiente para recuperar a paz e para pol-a no coração do pseudo-proprietario do terreno.

(La Lumiere)

A voz espirita.—Fomos agradavelmente sorprendidos com a visita do primeiro numero deste novo collega e defensor da nossa causa. Publica-se em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul.

Agradecendo, desejamos-lhe longa e prospera vida na carreira que enceta.

Comunicações espiritas.—Recebemos um folheto contendo 22 communicações espiritas recebidas pelo grupo Santa Thereza de Jesus, que funciona na capital da Bahia e mandado publicar pelo mesmo grupo. Agradecemos.

—:—

Tiramos do *Reformador* o seguinte:

Digno de estudo.—Em *The Progressive Thinker*, de Chicago encontramos o seguinte: No anno ultimo o Sr. Carlos Roger, de Morrisons, casou-se, e nove mezes depois estava viuvo. Foi tão forte o seu sentimento que elle enloqueceu, sem deixar alguma esperanca de cura. Continuamente elle pensava na felleida e era dominado pela idéa fixa de ter ella sido enterrada inconvenientemente. Para libertar-o desse pesadelo, seus amigos resolveram exhumar o cadaver. Fizeram-no no dia immediato, mas re- cuaram horrorizados achando ali todos os indicios de haver sido a senhora enterrada viva.

A face estava voltada para baixo, o vidro da tampa do caixão despedaçado, a mortalha rasgada, os membros contrahidos, e a mão apertando uma mecha de cabellos arrancados da cabeça.

De todos os presentes um só não se perturbou, foi o marido demente que então recuperou o juizo e dirigiu o acto da nova inhumacão.

Factos maravilhosos.—O mesmo jornal traz um artigo do Sr. Cortlad Ball sobre factos estupendos obtidos em Indianopolis com o auxilio do medium Oren Steveris. A 3 de Junho, conta elle, teve lugar uma sessão importantissima em casa de Mrs. Woollens, da qual todosse retiraram cheios de sentimentos de gratidão pelos favores recebidos.

As manifestações se deram

nas melhores condições possiveis para o estudo, e em nenhuma deixaram a menor duvida.

Vinte pessoas formaram o circulo no centro da sala, estando alli sempre o medium seguro pelos assistentes. Não havia gabinete particular.

A mão do medium estando presa, uma corneta que tinha sido collocado no meio do circulo, veio por si mesma tocar em todos, ao que cada um respondia—obrigado. Depois elle elevou-se até ao tecto, onde bateu com bastante força.

Então o medium pediu que Mrs. Woollens lhe puzesse a mão na bocca, para que ninguém suspeitasse ser elle quem falava. Nessas condições, juntamente com os sons da corneta, ouviram-se muitas vozes distinctas.

A maioria dos presentes ouviu vozes de parentes e amigos fallecidos, com quem conversaram, quando o medium somnambulizado pelo espirito da velha ama de Mrs. Woollens fallava com esta.

Depois, surgiram do solo e elevaram-se até ao tecto, através do qual, se sumiram muitas formas luminosas de espiritos amigos, representando figuras de estrellas, crescentes, cruces, etc., scena de uma belleza arrebatadora e impossivel de ser descripta.

Ao terminar a sessão, o espirito Aunt Sally Johnson abençoou a todos.

Manifestações expontaneas.—O Sr. Gaetano Garinei, proprietario na Campiglia Marittima, em carta endereçada ao Sr. Giovanni Hofmann, director da *Lux* de Roma, e publicada nessa folha de Julho ultimo, dá conta dos factos extraordinarios que occorrem em sua casa na dita Campiglia Marittima, alguns dias depois de ter-se passado a outra vida sua consorte, a 12 de Agosto de 1890.

Ao chegar á casa, uma manhã, pelas 9 horas, a creada lhe disse assuetada, e elle verificou, que fortes pancadas se faziam ouvir nas portas dos quartos, porém mais especialmente naquelles proximos a um gabinete em que sua consorte tinha por habito passar muitas horas.

Estas pancadas foram seguidas de arremessos de cascalhos e pedras, alguns dos quaes queimavam como se tivessem estado expostos ao sol de estio. Por diversas vezes se ouviram cair no gabinete, cujas por-

tas e janellas estavam fechadas, uma faca da cozinha, a qual, sendo levada para o seu logar e fechada a porta, tornava pouco depois a cair como da primeira vez.

As pedradas perseguiram tambem a creada, sem porém offendel-a. Como morasse só com a creada, o Sr. Garinei chamou um antigo feitor, Adriano Sarri para que pudesse tambem testemunhar os factos.

Em uma tarde em que estava conversando numa sala com o hortelão Antonio Campigli, este fugiu aterrado porque alguns ferros foram jogados da cozinha para a dita sala; sendo para lá levados, tornavam a cair na sala com fracasso.

Algum tempo depois a mesma creada foi accommettida de convulsões epilepticas, tão fortes que quatro pessoas robustas não a podiam conter no leito, tentando morder, e dizendo umas phrazes sem nexo.

Os cabellos se lhe entruaçavam de modo que com muita difficuldade se os podia soltar. Quando era levada, o mesmo succedia aos vestidos. Uma noite ouviu-se um pequeno rumor no leito em que dormia a creada, como de um pé que roda. Se ella se levantava, o rumor transferia-se para ella.

Sentada, depois, na cozinha, foi arrebatada da cadeira com força irresistivel; ao mesmo tempo os tiços de fogo se arremocavam sobre ella de modo que sem soccorro de outrem seria queimada viva. O rumor depois mudou de tom, tornando-se como o grunhir de porco, ou nas costas ou na cadeira em que estivesse sentada, respondendo com pancadas convencionaes ás perguntas que se quizesse fazer.

Finalmente, tendo tudo cessado e despedida a creada, uma noite em que se recolheu com Pietro Paulini e que a conversação cahira sobre a consorte, ouviram um *ku*, monosyllabo que ella costumava usar na conversação.

Somente mais tarde teve occasião de evocar aquelle espirito; porém inutilmente, porque respondeu: — *E tarde, devia primeiramente comprehender, mas a estas manifestações elle agitava:—e hoje mais não posso dizer.*

VERDADE E LUZ

Sem caridade não ha salvação.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre—Tal é a lei.

Orgão do Espiritualismo Scientifico — PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director responsavel — ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA

S. PAULO

Collaboradores — DIVERSOS

BRAZIL

ANNO IV |

Domingo 31 de Dezembro de 1893

| Num. 87

A Vida e a Morte

Infinito é o Espaço e illimitado o Tempo, e, desde as primeiras origens das cousas, representa-se nesse theatro o mysterioso drama da—*Vida e da Morte*.

Ninguém lhe assiste por inteiro, porque a vida individual não passa de um momento na eternidade:—brilha e se apaga instantaneamente, só tendo tempo de assistir algumas minúsculas scenas do grande drama.

A representação ainda está em começo no nosso planeta, pode-se dizer; ainda está no prólogo da *Grande Obra*.

Ha alguém que já chegasse ao fim da sua vida organica? Não é verdade que as espécies desaparecidas—desappareceram muito antes do termo de sua evolução, victimadas por circunstancias anormaes, de ordem cosmica, ou então perseguidas pelo homem?

Sim! a representação ainda está no começo, e nem sequer suspeitamos que, ao virar mais uma pagina do drama, poderemos dar de chofre com os primeiros movimentos fetaes de uma impalpavel vida inorganica.

E o drama continúa sem parar... Nelle, as scenas e os actos se succedem com rapidez e continuidade incomparaveis, sem o menor intervalo. Por sua contingencia, os seres vivos se retiram da platéia; mas a retirada de um como a retirada de milhões—em nada influencia sobre o proseguimento da representação. E que o drama não foi feito para os assistentes, mas estes feitos para o drama; de modo que a presença ou ausencia delles, na platéia, é cousa de todo indifferente ao mysterioso empenhamento do Theatro da Vida.

Nesse drama, o *sentimento* da existencia é congoar-se a tudo que tem forma, dimensão e peso:—o mineral, o vegetal, o animal. Tudo, ahi, vive e se

move. Ha em tudo uma consciencia, desde as quantidades infinitamente pequenas, até ás quantidades infinitamente grandes.

Porque a pedra não tem nervos, dizemos:—*não sente*. Porque o vegetal não tem cerebro, dizemos:—*não pensa*. Mas, em sua unidade na variedade, ri-se a Natureza do nosso exclusivismo por ignorancia.

Analyse, separe um chimico todos os elementos constitutivos do corpo humano. Que encontra?—encontra a Natureza em miniatura, em synthese. Nenhum de seus corpos, nenhuma de suas forças, nenhuma de suas energias, nenhuma de seus modos e nenhum de seus aspectos deixou de fazer parte do corpo humano, como nenhuma das sete notas da gamma deixa de figurar numa partitura. E como o organismo é a somma combinada desse agrupamento microcosmico, a logica impõe que haja no mineral uma parcelilla de consciencia, ainda que imperceptivel aos nossos sentidos; outra parcelilla já maior no vegetal, outra ainda maior nos primeiros e mais simples seres da criação, e assim por diante, porporcionalmente ao desenvolvimento e complicação organica de cada um.

E' porisso que no drama da vida o theatro é o *Espaço e o Tempo*, a representação não se interrompe e os personagens se succedem sem assistirem ao começo e ao fim, e, ao presente, que é o meio, assistem elles num momento da eternidade.

O drama é uma lucta. Para que fim?—diz-nos a sciencia, que acompanha a evolução, que é para o aperfeiçoamento. Com effeito, o aperfeiçoamento, tanto dos individuos como das espécies, obedece a uma lei:—*crecece no sentido directo do tempo*.

Nesse drama, o alvo do lobo em cio, nas noites tenebrosas, através de valles e ruchos,

tem o mesmo valor de um soneto de Petrarca a Laura de Noves, mesma inspiração dos versos da *Divina Comedia*, coroando a Beatriz do Dante:—como as sombras dessas heroínas, a loba passa na oppoéa da Natureza, immortalizada pelas estrophes de um poeta da sua especie.

E' outra a linguagem? outro o rhythmico?—o é simplesmente para nós.

Nesse drama, a lucta é inconsciente ao individuo. Deve haver uma consciencia superior que a perceba e regule em bem do progresso universal; e ha até um facto que autoriza este modo de vêr:—quanto mais elevado é o ser em cada especie, mais lembrança e, portanto, mais comparação tem elle dahi para baixo, na escala da vida.—e nenhuma por parece ter maior extensão de facultades mentaes do que o homem. Elle sabe do passado, mais que os outros animais, e presente o futuro, levado pelo encadeamento logico dos factos. Obrigado a personagem do drama, elle figura fatalmente, involuntariamente (portanto, sem consciencia) na successão dos factos; e, si vive muito, ou si *pensa* muito, nasce-lhe então depois a consciencia desse papel, consciencia informe, quasi apagada, especie de percepção de uma consciencia futura, mais ampla formada e mantida em continuação, muito para lá dos estreitos limites da percepção terrena.

E o drama continua. Mas qual é a sua ultima pagina, a sua derradeira scena,—a que envolve, synthetiza e termina a Natureza, como o sudario da piedosa Veronica retratou a effigie do legendario Jesus?

A sua ultima pagina fecha com um dialogo entre a *Vida e a Morte*, por onde se vê—ou que o cyclo da existencia não é ainda accessivel ao homem além de certo limite, ou que esse cyclo é infinito como o Tempo e o Espaço, donde a victoria da Vida.

Eis, de tal drama, a

SCENA ULTIMA

(*Deitada indolentemente numa rede, na route de uma estrella, a Morte scisma, sosinha, monologando.—A Vida a espreita e a escuta de um raio da luz que illumina o outro hemispherio da estrella*).

MORTE.—A pedra se desfaz, se esfarella—*morre*. As plantas marcham-se, seccam—*morrem*. O homem, todos os animaes, adoecem—*morrem*. Morrem os mundos no espaço; os polypos, os coraes, no fundo do mar; as aves no ar... As proprias idéias, os sentimentos, o pensamento, o sentido, a consciencia, seccam, vivem,—*morrem*. Morre a esperança que é impalpavel; morre o sonho nas trevas do espirito, desfazendo-se nelas como o tenue fumo de uma chaminé...

Morrem todos, morre tudo! Eterna, immortal—*só Eu*.

Mas, donde vim? quem foi meu paé? minha mãe? Quem me deu o ser e quem me confiou a missão que cumpro?

A' minha sabedoria nada eguala; á minha justiça nada se compara e ao meu poder nada é superior (*A Vida sorri-se*). Percorro o Universo, com o dom da ubiquidade. *Ceifar* é o meu verbo,—destruir, desagregar. Lagrymas são as bençãos com que me cobrem; queixas, gemidos, soluços, imprecações, formam o prástifio por cujo centro eu passo triumphante.

A dor não me commove; a peste não menttinge; a riqueza não me seduz; as posições sociais para mim são nada; a pobreza não me enternece; a fome e a miseria não me chocam.

Impassivel, ceifo sempre, com os olhos vendados como a densa da Justiça, com o coração surdo como um musculo de pedra!

Sou o ganho do Mal! No meu seio ruga a colera de todas as tempestades; na minha presa dorme o veneno de todas as cascaveis, e na minha cabeça impera Satan!

Personifico o crime, o maior crime que ha: — a destruição sem troguas e sem termos, — o exterminio universal! E passo incolumo, impune, quando o ladrão é punido, o assassino decapitado, o animal feroz — morto! Sou, portanto, uma rainha absoluta; sou, mais do que isso, muito mais — um Deus! *A Vida empallidece deante da blasphemia. — A Morte continúa.*

Um Deus, sim; porque o meu poder é infinito, e ninguém o augmenta nem diminue (*Sentando-se na rede, fita a abobada estrelada.*) — E' calma a noite, luminosa e bella. Que milhões de milhões de estrellas scintillam — vivendo! A luz é a sua alma, o seu signal de vida. Tiro-lhes emanhan o calor e a luz; mato-as, — e ellas passarão a cadaveres ambulantes no espaço, até que as chimica dos seculos lhes pulverize a ossada e, em atomos, a espalha aos grandes ventos do largo (*Reclina-se de novo.*) — Acima de mim... (*pensa um pouco e conclue*) — ninguém!

— recendo de vamma de ti... (pensa um pouco, sorri-se, e diz com firmeza:) — kul (*Seguem-se muitos minutos de silencio, em que ambas se encaram, se medem.*)
Depois:

MORTE. — Quem és tu, que ousas perturbar as minhas cogitações?

VIDA. — Sou aquella que não matas, porque fui antes de ti e sou depois de ti. Para que existisses — foi necessario que eu existisse primeiro. Serei a ultima, porque a ultima phase das minhas transformações será a synthese impalpavel, eterna indestructivel, das forças que modelam a materia; será a apothese da *Immortalidade unificada!*

MORTE. — Mas eu sou a analyse: — separo, destruo...

VIDA. — Fazes isso temporaneamente. Ages sobre a materia ponderavel, e o meu dominio começa ahi e vai até a materia imponderavel. Prepara a mutação das formas, para o aperfeiçoamento ascendente da *essencia*, e quando essa *essencia*, atravez das selecções naturaes, millenares, tem adquirido força propria, isto é — quando se torna via-

vel, ahi é o limite do teu poder, ahi termina-se o teu dominio.

MORTE (*com auctoridade*). — Mas, além do dominio das formas, nada existe.

VIDA. — Porque nada vós, nada sentes, nada palpas, nada mudas!

MORTE. — Mas a materia enche o espaço; o espaço é infinito, donde a infinidade do meu dominio e a immortalidade da minha pessoa, congenere á minha missão sem fim.

VIDA. — Que é a materia?

MORTE (*pensativa*). — E' tudo que tem forma, peso e dimensão, e que...

VIDA. — Toma um pedaço qualquer de materia, analyse-o, separa-o e reduz-o continuamente. Quel é a ultima quantidade? o homogeneio? o indivisivel?

MORTE (*hesita*)...

VIDA. — Fala! Emprega o termo dos homens.

MORTE. — E' o átomo.

VIDA. — Onde está o átomo?

MORTE. — No espaço infinito; pevoa-o, enche-o literalmente, desde as collosaes aggregações dos plantas até as imperceptiveis ondas do ether, e...

VIDA. — Matas o átomo?

MORTE (*estremece, cala se*).

VIDA. — Desagregas-os, quando reunidos; matas as moleculas, os corpos, e em os aggrego de novo, formando eternamente novos corpos, dando-lhes a *essencia*, a *vida*. existi, portanto, antes de ti, e existo inquestionavelmente depois de ti. E's uma obreira minha, uma operaria das transformações ascendentes da *Existencia Infinita*. Teus um limite; eu sou illimitada; renascos com a destruição que produces; eu não renasco nunca, — continuo sempre, subindo, subindo para o impalpavel, o immaterial, o eterno — como aspecto difinitivo. Eu sou o *principio* e o *fin*; tu és o *meio* o *instrumento*. Eu sou a liberdade; tu és a prisão; eu, a luz; tu, a treva; eu, o riso; tu, a lagrima; eu, o bem eterno; e tu — o mal passageiro, necessario, insubstituivel...

Ficção, mudança morphologica de um estado, phenomeno de quietação que se transforma immediatamente em phenomeno de movimento, tu consequencia, pensas que és uma causa; tu, reacção, pensas que és uma acção; tu, inercia, pensas que és uma força; tu, limitada, pensas que és infinita!

Ao ser que se transforma, pela morte, em novo ser, di-

zes: *matei te*, e eu digo: *transformei te*, porque a cresci, á quantidade o qualidade da sua existencia individual, elementos que as tornaram maiores, mais perfeitas, mais applicas no universo, e de novo unificadas.

E' essa a minha missão desde a origem das cousas; modelo a forma com as tuas mãos, a *essencia* com o meu infinito poder.

MORTE. — Mas essa *essencia*...

VIDA. — E' nella que te converto a ti mesma, quando chegas aos limites da acção material que te foi imposta; voltas então ás mais grosseiras camadas da materia, e comesças de novo, com mais intelligencia, a remodelação de todas as partes.

MORTE. — E quando se terminará a minha tarefa? quando desancarei? quando entrarei no *invisivel* no *impalpavel*, no *perfeito* e *eterno* do que fallas, e que me parece ser a *Consciencia* do universo?

VIDA. — Quando a nossa evolução planetaria, a evolução da Terra, tiver chegado a seu fim. Ahi, como as formas materiales voltam á materia que as engendrou, tu voltarás tambem á força de onde partiste e em que te originaste.

MORTE. — E essa força...

VIDA. — Sou eu, eterna e immutavel em si mesma; eu, que encho o Universo, mantendo os mundos no espaço, governo o infinitamente pequeno e o infinitamente grande.

MORTE. — E nos outros planetas?

VIDA. — Como eu sou o *todo*, o *indivisivel*, uma *unidade*, eterna e immutavel, reino no universo em peso, governo todos os systemas planetarios; e como tu és uma *parte* do *todo*, só podes prestar os teus serviços em lugar determinado. Coube-te a Terra. Missão equivalente (nota que eu não digo *eguaes* nem *semelhantes*) a tua, são cumpridas em outros planetas por... outras *Mortes*. Digo-te assim para que o com' rebeldes. Adeus! e a morte pensativa e resignada, extendo-lhe a mão.

A VIDA partiu na luz benéficamente creadora, emquanto sobre a cabeça da MORTE, pousada na rede, na noite de uma estrella, cahia documenta a claridade dos pequeninos astros, illuminando-lhe o orgullo abatido.

S. Paulo, Dezembro de 93

CONFUCIUS.

As origens e os fins

A *Revue Spirite* publicou durante alguns numeroz uma longa e interessante communicação dada a tres mãos da familia lyonaise os *tres dualidades do espaço* (sua e de demanstrarem os espiritos que deam a communicação). Estas dualidades ostentaram ás tres seuhoras que cruzassem as suas mãos umas sobre as outras, ligadas as seias, e feito isto, uma dellas, mediuizada, escreveu então o que as tres espiritos lhes dictavam.

Dessa longa missiva espiritica, passamos a traduzir a ultima parte, a conclusão, por conter notaveis ensinamentos sobre os mysterios da vida.

E' a seguinte:

«Amigos, já se passaram bastantes annos desde que se ceateou o trabalho que ora pedamos concluir definitivamente.

A uns e outros foi-nos necessario esse tempo para nos habilitarmos a terminal-o bem. Os successos da vida, a fucta das paixões, os impulsos do pensamento, tudo nos foi de utilidade, dando-nos um maior desenvolvimento magnetico e uma rejeição de fluidos grosseiros, que mais facilita os nossos habituaes meios de communicação.

Quanto a nós, mergulhados no ether cujas vibrações exercem nos nossos fluidos acção purificadora, esperamos fazer chegar até vós um raio magnetico mais subtil e mais luminoso.

Mãos, pertinho a esta obra, cujo alcance vos occupa, mas cujo desenvolvimento futuro e progressivo pedem a seguir atravez da luz astral.

As intações que, no correr destes discursos, vos havemos dado sobre os origens e o destino dos seres, sobre a evolução da materia, sobre a vida planetaria e universal, essas noções, dizemos, seriam incompletas si não vos indicassem o meio de verificá-las e completá-las.

Esse meio consiste no estudo e pratica do magnetismo.

Quando, no precedente capitulo, vos dissemos que o segredo do magnetismo consistia na reflexão dos raios luminosos sobre as emissões fluidicas, exprimimos em poucas palavras os dados do problema.

Trabtemos de esclarecer os termos d'esse problema, deixando para vossa estudos e futuras progressos o cuidado do respo-velo inteiramente.

Sabemos que a *Unidade*, logo que chega ao segundo grau do infinito, emite do seu foco porções de fluidos insufficientemente purificados, que constituem as dualidades do primeiro grau. Essas dualidades, compostas de uma chama vermelha, a *Positiva*, e de uma outra azul, a *Negativa*, só podem formar a luz branca e pura da *Unidade* — si nella penetrarem durante o pausado trajecto no espaço.

Esparrizadas em irradiações particuladas, ellas atrahem a si moleculas formadas pelo agrupamento dos atomos.

Esta atracção irresistivel produz choques incessantes, donde provem os elementos primitivos que chamamos *luz e calor*: elementos que constituem a primeira forma sensivel creada pelos particulos em acção.

O desejo e a necessidade inherentes a estas partículas de reunir-se ás suas irmãs para reconstituírem as suas respectivas qualidades e trabalharem para a sua penetração, as obrigam a um movimento ávante contrariado pelo peso da grosseira matéria que as cerca.

Tudo o que deriva do trabalho de crear, operado pelas partículas, no curso das suas evoluções, passa por esse duplo movimento e sente essa necessidade de penetração, dando em resultado os choques que originam o magnetismo.

Os choques, por encontro de moléculas, desenvolvem um calorico do orden inferior, a que chamamos *fluido eléctrico*.

Chamaremos *fluido activo* o que é produzido pelo choque das partículas.

Da acção simultanea e reciproca d'esses dous fluidos nasce toda a manifestação da vida, em vos e em redor de vos.

A acção do fluido eléctrico transforma os elementos primitivos, *luz e calor*, n'uma força mais subtil—positivo e negativo que ainda é transformada em—*musculo e fennimo*.

A acção do fluido magnetico leva as partículas da *Vontade e do Ideal* á tornarem-se *Intelligencia e Amor*.

O fluido eléctrico desprendido pelas moléculas produz a *luz visivel*, que dello reproduz os tons, á medida que se vai tornando mais apurada.

O fluido magnetico desprendido pelas partículas produz a *luz astral*, a que cada uma dualidade im, rimo a sua cor dominante.

O fluido eléctrico, por sua acção, atrahê as moléculas necessarias á composição de um organismo.

O fluido magnetico serve para formar grupos de partículas que animam esse organismo.

O fluido eléctrico não *purifica* a terra e desenvolve na decencia que affligem a pobre humanidade.

É do fluido magnetico *luz dos olhos* que decivam as passões e o sentimento certo.

Uma hygiene bem entendida, o cuidado de evitar quaesquer excessos, *purificam* o fluido eléctrico e preparam corpos sãos para as futuras encarnações.

A victoria sobre as paixões, o desejo do bem e o amor da humanidade *dozam* o fluido magnetico e dão-lhe sobre o ajuntamento das partículas um poder mais lato.

O fluido eléctrico prende-vos á terra, faz-vos sentir as commoções e cria os laços materiaes que nos unem.

O fluido magnetico faz-vos penetrar no mundo invisivel, põe-vos em relação com os seus habitantes e cria os laços sympathicos que vos unem uns aos outros.

O fluido eléctrico origina a solidiedade pela permuta das moléculas componentes dos organismos.

O fluido magnetico desenvolve essa solidiedade pela mutua permuta dos pensamentos e dos sentimentos.

O exgotamento do fluido vital, que causa a morte, faz cessar o duplo funcionamento do fluido eléctrico e do fluido magnetico.

O primeiro despende-se pouco a pouco do corpo em decomposição e volta aos elementos atmosphericos que o atrahem.

O segundo ajunta-se nos fluidos que o espirito absorve da materia, pelo trabalho do pensamento, durante a sua vida terrestre. Esses fluidos envolvem o espirito que volta ao mundo astral e servem de compo o perespirito ou fluido vital da futura personalidade.

As causas e os effectos do ansejamento differem segundo o grau de adiantamento do ser que se encarna: n'um espirito inferior, o perespirito ou fluido vital, composto, como dissemos, pelos fluidos resultantes do trabalho mental feito no precedente existencia, atrahido pelas affinidades de um meio sympathico, leva consigo as partículas que por mal fraca, lhe não resistem.

Assim, impõe-lhes o perespirito uma encarnação cujas provas são, de ordinario, superiores á sua força de resistência.

N'um espirito mais adiantado, o fluido magnetico, sendo assás forte para resistir ás attrações terrestres, pôde contribuir para o preparo da sua encarnação e escolher um meio que possa dar-lhe os elementos necessarios á seu progresso.

A ultima forma produzida pelo fluido eléctrico é o andrógyno, cuja transparencia, dos tecidos e órgãos, permite que se veja a circulação da vida através de todos os reinos da natureza resumidos por essa forma n'uma ideal perfeição.

Prende-se tambem ao andrógyno a acção do fluido magnetico para a completa penetração nas partículas da Dualidade.

Essa Dualidade, penetrando a Unidade, atira-se no Infinito, dando projecção sobre o sombrio espaço a vibrante radiação do seu *Deo* humano.

O reflexo dos raios subtrahidos a luz sobre o fluido eléctrico, emitido por vossu corpo, produz choques e vibrações que restabelecem as correntes que vos transmitem as impressões do mundo exterior.

É igualmente por meio dessas correntes que as moléculas se trocam reciprocamente. A sciencia futura visentará, á vontade, a destruir ou crear essas correntes, com que exerce o seu influo sobre a natureza um grande poder.

O esforço da *Vontade* e o proprio do *Intelleto* fazem chegar a vossu fluido magnetico a radiação da *luz astral*. O effeito reflexo, produzido por essa attração, cria correntes que servem de vehiculo ao pensamento e permitem que elle se transmita. O perigo de tres correntes está em atrahir do mundo astral, para junto de vos,—*vontades não dosadas* que vos perturbem e se divertam á vossa custa.

O conhecimento de vos mesmos e a aspiração ao Ideal vos ajudarão á estabelecer entre o vossu grupo superior e vós, uma corrente assás poderosa para dominar as correntes inferiores, livrando-vos de sua influencia.

Felizes, mil vezes felizes, os que chegam a conquistar semelhante corrente! para esses as trevas illuminam-se e os caminhos aplanam-se; impregnados por effluvios oriundos d'esse foco, mancha alguma podera attingil-os.

Liberos das paixões, desprendem-se pouco a pouco dos laços que os prendiam a materia.

A sua *ascensão* desenvolve e um fioho que os *luz* e *guia*. Enfim, recebendo e transmitindo emanções purificadas, exercem ao redor de si uma influencia salutar e mostram o caminho que os *acquam*.

Agora, que pe vos *ajuntados* dade algumas noções sobre o duplo simultanea dos fluidos—eléctrico e magnetico e dos seus *effeitos*—observaremos mais *algumas* noções sobre a acção reciproca dos fluidos.

Subjetos, como *vos* que se *moe* no espaço, a *attração* produzida

pelo duplo movimento das partículas, fizes fluidos se *atiram* ou se *repellem* reciprocamente conforme o *Jogo* das suas *affinidades*. Os choques (produzidos por esses fluidos ao se *livrarem* elles das partículas e moléculas imersas no turbilhão de um mundo em formação) desenvolvem uma força que prende e concentra os *átomos* proprios a *servirem* de *avaluero* aos fermentos *vitaes*, fermentos cujos *doctros* se encontram na *composição* do reino mineral.

(Continúa).

NOTICIARIO

A's pessoas a quem no corrente anno tomou enviando a *Verdade e Luz*, não obstante não serem assignantes, declaramos que, si desejarem continuar a receber este jornal no anno vindouro de 1894, deverão mandar tomar uma assignatura, affim de lhes não ser sustada a remessa do mesmo; exceptuam-se porém, os Presidentes dos Estados, as bibliothecas publicas e particulares, os Gabinetes de leitura, os jornaes, e os grupos espiritas.

Si, nos diversos lugares para onde remettemos este jornal, pessoas bem intencionadas e que se interessam pela propaganda quizerem nos auxiliar angariando assignaturas, lhes autorizaremos a fazel-o e honnando-lhes a memdo do preço de cada uma (1000) para despesas, devendo remetter-nos 1000 reis e o nome do assignante com as indicações necessarias.

Declaramos ás pessoas que ainda não têm recebido este periodico, que mandamos a resolução de enviar-lhes *uma* *collecção* de 10 numeros, a *pedido* de *qualquer* para que, accedendo as *lettas* que expõemnos, queiram *restituir* a *remessa* de *uma* assignatura *para* o anno de 1894.

O director e staffo, como *agente* desta *capital*, do *Reformador*, orgão da Federação Spiritica Brasileira, roga a todos os confrades deste estado que se interessam pelo Espiritualismo Scientifico que tomem uma assignatura do mesmo nesta *redacção*, a qual assignatura é de 5000 rs. por anno, pagos *adiantados*, comprometendo-se o mesmo director a fornecer a *Verdade e Luz* gratis em quanto forem assignantes do *Reformador*.

Pode tambem aos senhores assignantes do *Reformador* que ainda não pagaram a assignatura do anno passado, 1892, a bondade de o fazer nesta *redacção*, rua da Independencia n. 4.

Tambem se incumbe de tomar assignaturas para todos os jornaes spiriticas, tanto nacionaes como estrangeiros que com este permutam.

Factos eloquentes — Tem a palavra a *Revista de Estudos Psychologicos*:

—«O honrado A. J. Delfour, ex-primeiro lord do *Thesouro* de Inglaterra e leader da *Camara dos Communs* durante a administração de Sa-

isbury, manifestou publicamente o interesse que tem hoje para si o Espiritismo, interesse que lhe é *infinitamente maior* que o da *politica*.

O dr. Nichols, um dos *modicos* de mais nomeada, auctor de *mnitas* obras que lhe têm *graudeado* uma reputação *justamente* merecida, collaborador da *Enciclopedia Chambers* e correspondente, durante *dez* annos, do *New York Times*, assim se exprimiu em uma carta dirigida a Epes Sergeant:

—Um New York, e sobretudo no Ohio, assisti ás mais convincentes provas da existencia dos Espiritos e da realidade das manifestações espiritas.

Em Malvern e em Londres assisti a cincoenta secções com Eglinton, meu parente e poderoso medium; e em muitas dellas se achavam presentes pessoas de minha familia e pessoas amigas della. Tomaram-se as mais minuciosas precauções para evitar toda a fraude, e fiquei plenamente convencido da identidade dos Espiritos, que vimos e sentimos.

Possuo diversas communicações obtidas por *escripta directa*, em *condições* excepcionaes, em muitas dessas *communicações* se reconhece a *tra* de *personas* mortas, que eu conheço intimamente.

Tendo selado as pontas de uma corda e tendo posto a mão no selo, vi que em poucos momentos se formaram nella cinco nós inexplicaveis.

Vi uma materialização no jardim de minha casa, em Malvern. Estavam commigo Ricard Hildreth, sua esposa e a minha recostada á sacada, a vinte passos do lugar em que nos achavamos. Eglinton estava junto de nós.

Derepente começaram a apparecer varias formas humanas, vaporesas, a passear pela relva. Uma dellas tomou a forma de phantasma coberto de alvo manto, e se dirigiu para mim. Tomou-me o chapéu, pô-lo na cabeça e, depois de ir até ao medium, voltou e m'o restituiu. Atravessou depois a relva, foi até á sacada em que estava minha esposa, dirigiu-lhe algumas palavras e se voltou para Eglinton, esvaihindo-se, desfazendo-se então a pouco a pouco.

Reconheci nessa apparição, immediatamente, uma pessoa que eu conheci em vida.

Como homem de sciencia, como escriptor, e com a observação ea experiencia de vinte cinco annos de estudos es,

